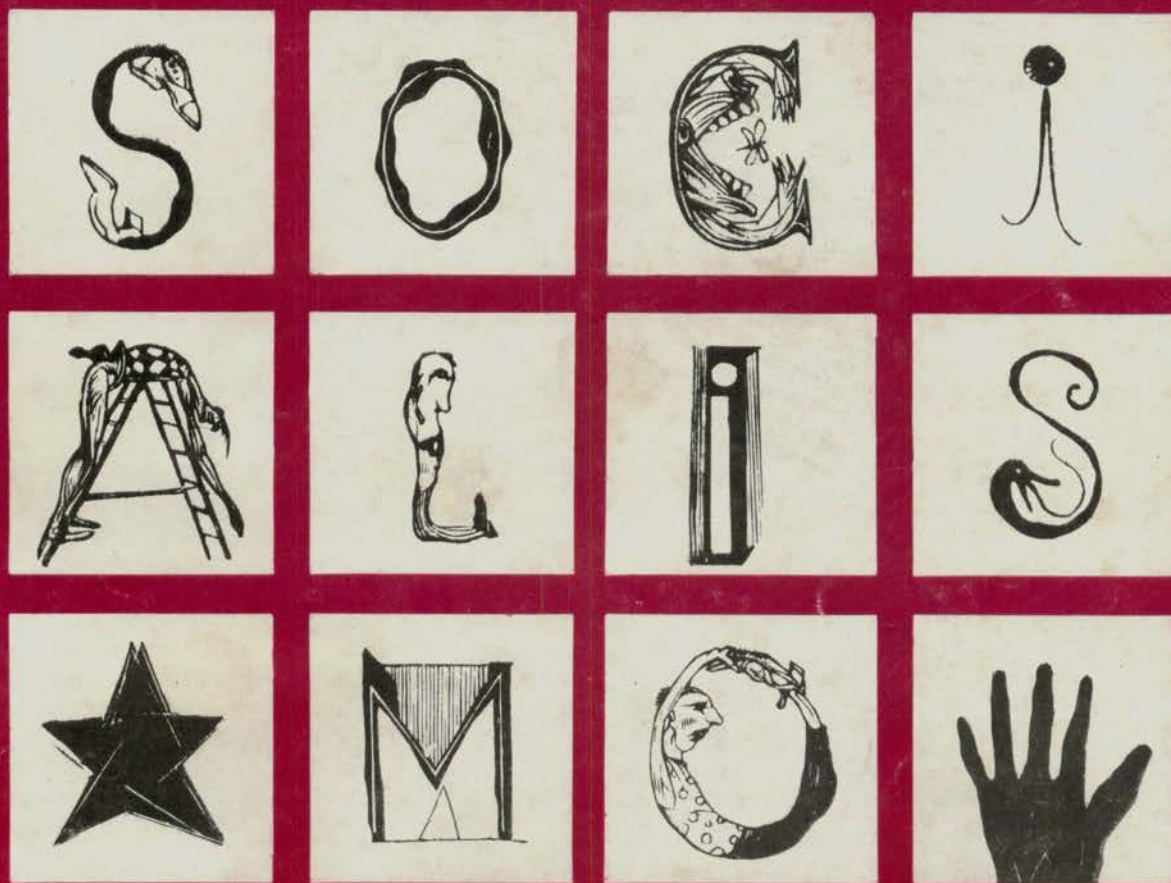


# tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 252 • Ano 12 • Cr\$ 100,00



## ***O SOCIALISMO MORREU?***

**Democracia • Estatização • Participação Popular**



# AS MUDANÇAS NO CAMPO SOCIALISTA

Os últimos acontecimentos nos países socialistas sucedem-se com tal rapidez e com tão elevado grau de profundidade que análises apressadas e reducionistas pouco ajudam para sua interpretação e compreensão. Há nesses fatos elementos de ineditismo e de singularidade que deixam os analistas confusos e inseguros. Quem poderia prever a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha num prazo tão curto? E o que dizer da sucessão de quedas, rápida e ininterrupta dos governos do leste europeu? Quem se arriscaria a indicar os temas e a liberdade do debate que empolgaram o último congresso do Partido Comunista da União Soviética?

Diante deste fenômeno tão complexo e profundo os necrológicos e simplistas do socialismo e do marxismo caem, inevitavelmente, no ridículo. Também o não reconhecimento de desvios, autoritarismo e corrupção nesses governos é atitude cega e leviana.

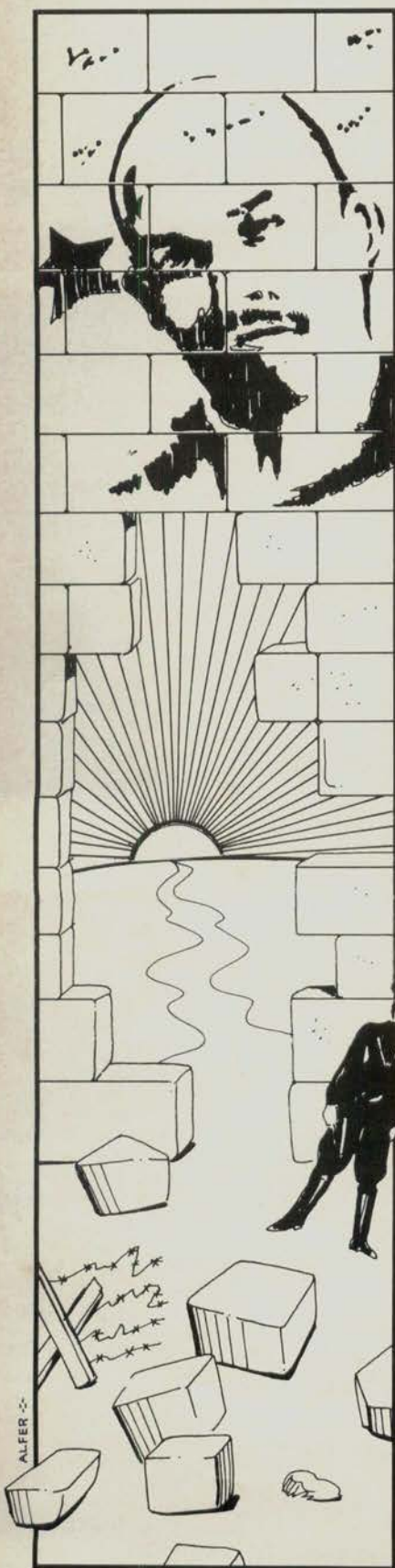
A implosão do socialismo tem sido proclamada com a vitória do capitalismo liberal e a afirmação da excelência das leis do mercado livre. Apressadamente tenta-se comprovar essa tese com a opulência de consumo em Berlim Ocidental, com o confronto dos países industrializados e com o sucesso do Mercado Comum Europeu. Deixa-se, entretanto, de forma suspeita e tendenciosa, de apresentar os séculos de fracassos de capitalismo nos países subdesenvolvidos, onde a miséria é elemento comum, rodeada de opressão, sofrimento e morte. É preciso ter coragem de ultrapassar os simplismos quando defensivamente se conclui: nos países do leste europeu não existia socialismo e, do outro lado, nos países do Terceiro Mundo não há capitalismo. Uma coisa,

entretanto, ninguém pode negar. O mundo está mudando de cara. E rapidamente. O vento da liberdade, da democracia, da justiça sopra fortemente em muitas direções. Questiona velhas fórmulas, derruba verdades irrefutáveis, destrói mitos. Ao mesmo tempo que derruba as mazelas e os horrores de certos regimes socialistas, também descobre os pecados e a perversidade do capitalismo. Falsos dilemas são colocados em tela de juízos: justiça ou liberdade, privatização versus estatização, socialismo e democracia.

As chamadas crises do socialismo não podem ser reduzidas a um juízo simplório, mas devem ser pensadas dialeticamente como a oportunidade que surge para construção de uma nova realidade. O que não pode significar desconhecimento das inegáveis conquistas sociais que os regimes socialistas trouxeram para seu povo.

A crise alcança todos os setores sociais, não somente dos países afetados. É um desafio à criatividade, um estímulo a novas experiências, uma oportunidade de aparecer o novo. Não se pode diminuir o significado do momento político afirmando que é a vitória da liberdade de mercado. Não se trata disso. É a afirmação da liberdade da participação plena no construir de um mundo onde haja dignidade de vida para todos.

Tempo e Presença não poderia se omitir nesse debate. Oferecemos aos nossos leitores uma série de artigos, abordando o tema sob diversas perspectivas, procurando dessa forma contribuir para que os movimentos populares, igrejas e outros setores de nossa sociedade tenham mais elementos para compreensão desse fenômeno, sem dúvida um dos mais marcantes do final do século.





# Índice

## Socialismo

- 5 CADÁVERES TROCADOS NA POLÍTICA  
Eduardo Galeano
- 9 DIMENSÃO LIBERTADORA  
DA CRISE DO SOCIALISMO  
Luiz Alberto Gómez de Souza
- 12 O NOME DO SOCIALISMO  
Herbert de Souza
- 14 NEM FIM DO SOCIALISMO  
E NEM FIM DA HISTÓRIA  
Argemiro Ferreira
- 17 O SOCIALISMO MORREU,  
VIVA O SOCIALISMO  
Frei Betto
- 21 LIÇÕES DO LESTE  
Israel Batista
- 24 DOIS MITOS DESGASTADOS  
Celso Daniel
- 27 SOLIDARNOŚĆ PÓS-SOCIALISMO  
Rubem César Fernandes
- 30 O LESTE EUROPEU PASSADO A LIMPO  
Maurício Waldman
- 32 IMPLOÇÃO DO SOCIALISMO  
E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO  
Leonardo Boff
- 37 OS PONTOS FRACOS DO GOLIAS  
Entrevista a Jether Ramalho e Jovelino Ramos

## Rubem Alves

- 40 CONVERSAS AO REDOR DO FOGÃO (1)

## América Latina

- 43 NICARÁGUA: UMA ELEIÇÃO SEM SABOR  
Adolfo Miranda Saenz

## Bíblia Hoje

- 45 NAS QUESTÕES URBANAS,  
A ADMINISTRAÇÃO POPULAR  
Genílma Boehler

## Livros

- 47 O DESEJO DO POSSÍVEL  
Mauricio Broinizi Pereira

WCCI/Photo



## Teologia sai intacta

A implosão do socialismo centralizado do leste europeu — simbolizada pela queda do muro de Berlim — não atinge a teologia da libertação em sua intuição originária, defende um de seus maiores expoentes, Leonardo Boff.

**Página 32**

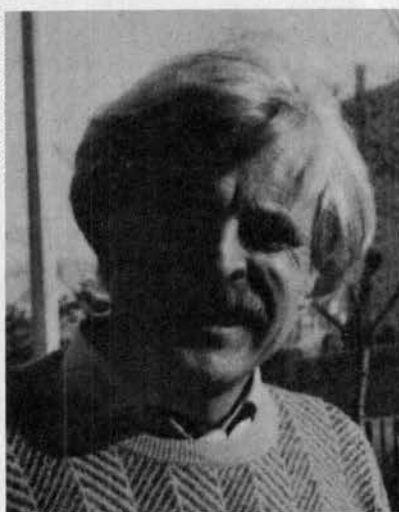
## Funeral do stalinismo

O escritor uruguaio Eduardo Galeano se recusa a aceitar a idéia de que o socialismo morreu. Para ele, quem jaz no museu das ideologias é o stalinismo burocrático. “Estes funerais se enganaram de morto”, diz.

**Página 5**

## Retrocesso no leste europeu

Jether Pereira Ramalho



O economista e teólogo alemão Ulrich Duchrow acredita que os países do leste europeu viverão um retrocesso político quando notarem que o capitalismo não lhes proporcionará a mesma riqueza dos países do oeste. “Prevejo uma reação das pessoas empobrecidas pedindo líderes fortes e até governos militares”, diz, em entrevista a *Tempo e Presença*. Duchrow acha também que, com as mudanças nos regimes socialistas, o capital ocidental desviará sua atenção do Terceiro Mundo para os países onde ainda não desenvolveu o ídolo do consumismo

**Página 37**

## tempo e presença

### Revista do CEDI

Julho/Agosto 90

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Santo Amaro, 129  
22211 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (021) 242-8847 / 224-6713  
Telex: 021 37892 CIED BR  
Fax: (021) 205-5993

Av. Higienópolis, 983  
01238 — São Paulo — SP  
Telefone: (011) 825-5544  
Telex: 011 26561 ECUM BR  
Fax: (011) 825-7861

#### Conselho Editorial

Carlos Rodrigues Brandão  
José Oscar Beozzo  
Heloísa de Souza Martins  
Márcio Santilli  
Milton Schwantes  
Paulo Schilling  
Regina Hara  
Regina Reyes Novaes  
Rubem Alves

#### Editor

Jether Pereira Ramalho

#### Editor Assistente e

#### Jornalista Responsável

Edmilson Zanetti  
MTb 15.192

#### Editor de Arte e

#### Secretário de Redação

Flávio Irala

#### Diagramação e

#### Secretaria Gráfica

Marta Cerqueira Leite Guerra

#### Digitação

Márcia Marisa Veloso  
Rosely Ramos Cruz de Santana

#### Paginação

Alfredo Salvador Vieira Coelho

#### Revisão

Rosana de Lima Soares

#### Capa

Rubem Grilo

Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da revista.

Preço do exemplar avulso:

Cr\$ 100,00

Assinatura anual:

Cr\$ 500,00

Assinatura de apoio:

Cr\$ 600,00

Assinatura/Exterior:

US\$ 30

ISSN 0103-569X

No último número de *Tempo e Presença*, dedicado ao Ano Internacional da Alfabetização, faltou dar destaque ao trabalho da educadora Emília Ferreiro. Suas pesquisas foram citadas em dois artigos sem, contudo, aprofundar nos seus resultados.

Emília Ferreiro, discipula de Piaget, trouxe uma grande reviravolta na visão tradicional que se tinha de alfabetização. Suas descobertas deveriam merecer atenção mais detalhada, pois este conhecimento se restringe a certos grupos de elite quando deveria ser amplamente divulgado.

**Maria Anita Romeo**  
São Paulo, SP

O último número de *Tempo e Presença* me comoveu demais por tratar de assunto gritante no nosso meio, a alfabetização. No nosso querido Brasil é interessante que o analfabetismo permaneça, pois assim perpetuará a situação vigente: poucos têm muito e muitos têm pouco. É preciso unir forças e lutar por um mundo mais justo.

**Geralda M. D. S.**  
São Domingos do Prata, MG

*Tempo e Presença* é uma revista de peso, muito boa e valiosa para o trabalho que venho desenvolvendo na área de educação de jovens e adultos trabalhadores.

**Maria Amélia**  
Belo Horizonte, MG

Estamos tentando uma experiência de pesquisa participante numa favela de Natal. O número sobre "Saber científico e movimentos populares" trouxe-nos, a professores e alunos, riquíssimos subsídios para o nosso trabalho.

**Maria de Lourdes Rodrigues**  
Natal, RN

*Tempo e Presença* tem contribuído muito para o movimento popular neste país.

**Maria Rosa Almeida Alves**  
Esplanada, BA

Estou um pouco triste com a falta dos artigos de Rubem Alves, na minha opinião um

dos melhores teólogos do nosso tempo. Desde o ano passado vinha recortando os artigos dele e esse ano não vi nenhum. Creio não ter sido por questões ideológicas. Já basta a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.

**Romero Júnior V. Silva**  
Bayeux, PB

Na *Tempo e Presença* de maio de 88, edição 313, no artigo "Meio Ambiente — natureza e política externa brasileira", páginas 14 e 15, de autoria de Mary Helena Alegretti, no segundo parágrafo do intertítulo "Alerta ao BID", está a questão: se Francisco Mendes Filho foi a Miami em março, e a revista foi publicada em maio de 88, como pode a autora afirmar que cinco meses depois (agosto) o banco suspendeu o financiamento?

Somos um grupo de alunos do 2º ano do Colégio Nossa

Senhora Auxiliadora e coube-nos analisar o texto acima referido. Durante a análise do texto constatamos a dúvida.

**Adriana Bambini,**  
**Naime Rigatto,**  
**Luciane Izatkoski,**  
**Paula Manfrin,**  
**Marluzy Brizolla e**  
**Luci Mary Duso**  
Frederico Westphalen, RS

O texto realmente deixa dúvidas. Chico Mendes foi aos Estados Unidos para reuniões do BID em março de 1987, conforme atestam jornais da época.

#### Nota da Redação

O artigo "Lições do Equador", de Rosa Maria Torres, publicado no número 251 de *Tempo e Presença*, foi traduzido e editado por Sonali Bertuol, responsável também pela edição do artigo "Alfabetização e escola", de Magda Becker Soares.

## PUBLICAÇÕES DO CEDI

### DÍVIDA EXTERNA

Dívida externa e igrejas ..... Cr\$ 950,00

### MOVIMENTO CAMPONÊS/IGREJAS

Cad. 14 — Canaveiros em greve ..... Cr\$ 210,00  
Doc. 3 — Hidroelétricas e meio ambiente ..... Cr\$ 104,00  
Terras sim, barragens não! ..... Cr\$ 104,00  
Cad. 20 — Sindicalismo no campo ..... Cr\$ 455,00  
Terra de trabalho e terra de negócio ..... Cr\$ 175,00  
Hidroelétrica, ecologia e progresso ..... Cr\$ 292,00

### MOVIMENTO OPERÁRIO

Italianos e movimento operário ..... Cr\$ 330,00  
Trabalhadores urbanos no Brasil 82/84 ..... Cr\$ 700,00  
História dos metalúrgicos de São Caetano ..... Cr\$ 280,00  
Imagens da luta ..... Cr\$ 2.030,00  
De Angra a Aramar ..... Cr\$ 324,00  
Debate Sindical n.º 8 — Dívida Externa ..... Cr\$ 136,00

Faça seu pedido através de *cheque nominal* para o CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Av. Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP ou por *vale postal* para agência do correio 403911, Santa Cecília, SP



# CADÁVERES TROCADOS NA POLÍTICA

*O morto que jaz no museu arqueológico das ideologias não é o socialismo, mas o stalinismo burocrático*

Eduardo Galeano

**E**m Bucareste, um guindaste leva embora a estátua de Lênin. Em Moscou, uma multidão faz fila nas portas do Mc Donald's. O abominável muro de Berlim é vendido em pedacinhos, e Berlim oriental comprova que está localizada à direita de Berlim ocidental. Em Varsóvia e em Budapeste, os Ministérios de Economia falam igualzinho a Margareth Thatcher. Em Pequim também, enquanto os tanques esmagam estudantes. O Partido Comunista Italiano, o mais numeroso do Ocidente, anuncia para breve seu suicídio. É reduzida a ajuda soviética à Etiópia e o

coronel Mengistu descobre, subitamente, que o capitalismo é bom. Os sandinistas, protagonistas da revolução mais linda do mundo, perdem as eleições: "Derrotada a revolução na Nicarágua", estampam os jornais.

Parece que não há espaço para as revoluções, a não ser nas vitrines do museu arqueológico, nem lugar para a esquerda, a não ser a esquerda arrependida que aceita sentar-se à direita dos banqueiros. Somos todos convidados ao enterro mundial do socialismo. O cortejo fúnebre abriga, pelo que se diz, a humanidade inteira.

Confesso não acreditar nisso. Estes funerais se enganaram de morto.

A *perestroika* e a paixão de liberdade que a *perestroika* desatou romperam por todos os lados as costuras de uma asfixiante camisa de força. Tudo voa em mil pedaços. Num ritmo vertiginoso, multiplicam-se as mudanças, a partir da certeza de que a justiça não tem por que ser inimiga da liberdade nem da eficiência. Uma urgência, uma necessidade coletiva: as pessoas não aguentavam mais, as pessoas estavam fartas de uma burocracia tão poderosa quanto inútil, que em nome de Marx proibia que se dissesse o que se pensava e se vivesse o que se sentia. Toda espontaneidade era culpada, por traição ou loucura.

Socialismo, comunismo? Ou tudo isso era, no fundo, uma fraude histórica? Escrevo partindo de um ponto de vista latino-americano e me pergunto: se foi assim, se assim



Os sandinistas alfabetizaram a Nicarágua, abateram consideravelmente a mortalidade infantil e deram terra aos camponeses, mas perderam as eleições: a dignidade perdeu a batalha

fosse, por que vamos nós pagar o preço desse engodo? Nesse espelho nossa cara nunca esteve.

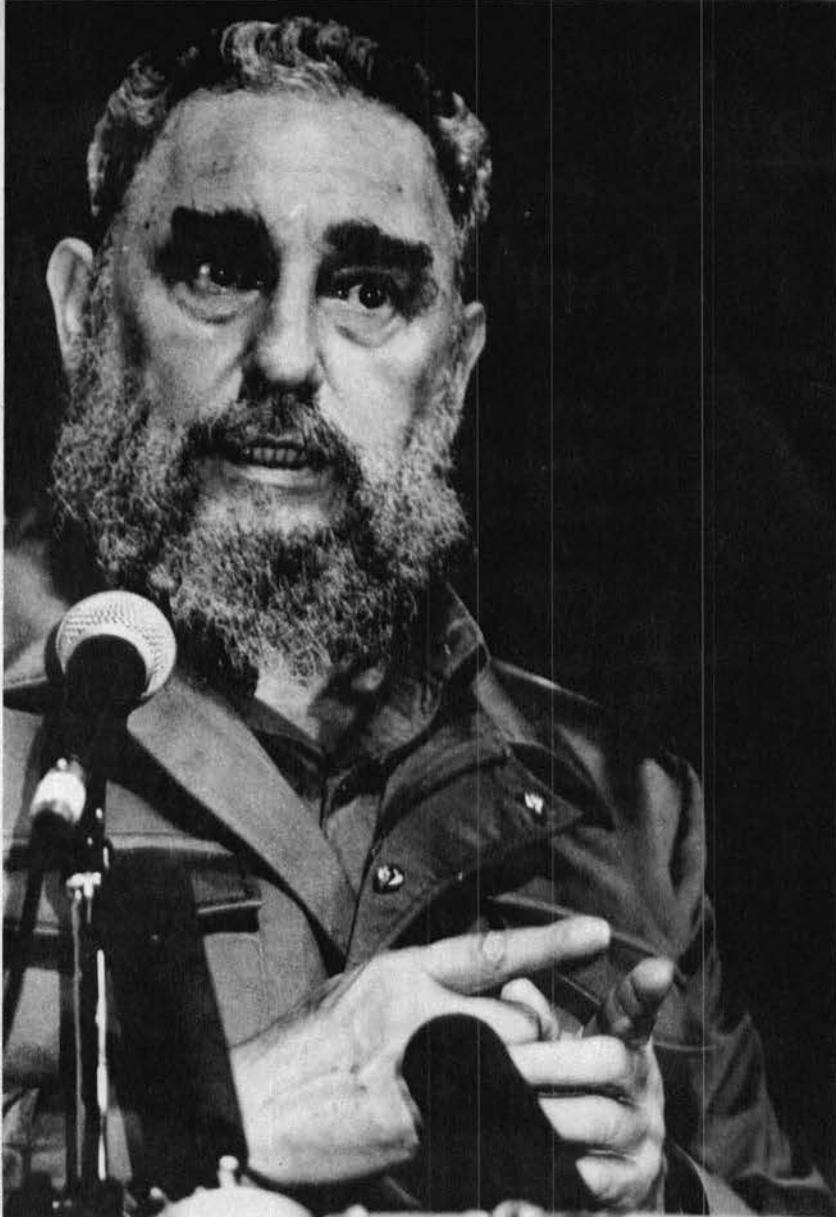
Nas recentes eleições da Nicarágua, a dignidade nacional perdeu a batalha. Foi vencida pela fome e pela guerra; mas também pelos ventos internacionais, que estão soprando contra a esquerda com mais força do que nunca. Injustamente, os justos pagaram pelos pecadores. Os sandinistas não são os responsáveis pela fome, nem pela guerra; não cabe atribuir a eles a menor cota de culpa pelo que ocorria no leste europeu. Paradoxo de paradoxos: esta revolução democrática, pluralista, independente, que não copiou os soviéticos, nem os chineses, nem os cubanos, nem ninguém, pagou pelos pratos que outros quebraram, enquanto o Partido Comunista local votava em Violeta Chamorro.

Os autores da guerra e da fome, celebram, agora, o resultado das eleições, que castigam as vítimas. No dia seguinte, o governo dos Estados Unidos anunciou o fim do embargo econômico imposto à Nicarágua. A mesma coisa tinha acontecido, anos atrás, quando houve o golpe militar no Chile. No dia seguinte à morte do presidente Allende, o preço internacional do cobre subiu num passe de mágica.

Na realidade, a revolução que derubou a ditadura da família Somoza não teve, nestes dez longos anos, nenhum minuto de tregua. Foi invadida todos os dias por uma potência estrangeira e por seus criminosos de aluguel, e foi submetida a um incessante estado de sítio pelos banqueiros e mercadores donos do mundo. E apesar disso tudo conseguiu ser uma revolução mais civilizada que a francesa, porque não guilhotinou ou fuzilou ninguém, e mais tolerante que a norte-americana, porque em plena guerra permitiu, com algumas restrições, a livre expressão dos porta-vozes locais do amo colonial.

Os sandinistas alfabetizaram os nicaraguenses, abateram consideravelmente a mortalidade infantil e deram terra aos camponeses. Mas a guerra sangrou o país. Os prejuízos de guerra equivalem a uma vez e meia o Produto Interno Bruto, o que significa que a Nicarágua foi destruída uma vez e meia. Os juizes da Corte Internacional de Haia dita-

**O presidente Fidel Castro, num momento em que Cuba vive horas de trágica solidão e perigo: "Se sou Stálin, meus mortos estão em perfeita saúde"**



Mônica Zarattini/AE

ram sentença contra a agressão norte-americana, e isso não serviu para nada. E tampouco serviram as felicitações dos organismos da ONU especializados em educação, alimentação e saúde. Não se comem aplausos.

Os invasores raras vezes atacaram objetivos militares. Seus alvos preferidos foram as cooperativas agrárias. Quantos mil nicaraguenses foram mortos ou feridos, nesta década, por ordem do governo dos Estados Unidos? Proporcionalmente, equivaleriam a 3 milhões de norte-americanos. E no entanto, nestes anos, milhares de norte-americanos visitaram a Nicarágua e foram sempre bem recebidos, e não aconteceu nada a nenhum deles. Apenas um morreu. Foi morto pela *contra*. (Era muito jovem, era engenheiro e era palhaço. Caminhava perseguido por um enxame de crianças. Organizou na Nicarágua a primeira Escola de Palhaços. A *contra* matou-o enquanto media a água de

*Quantos mil nicaraguenses foram mortos ou feridos nesta década por ordem do governo dos EUA?*

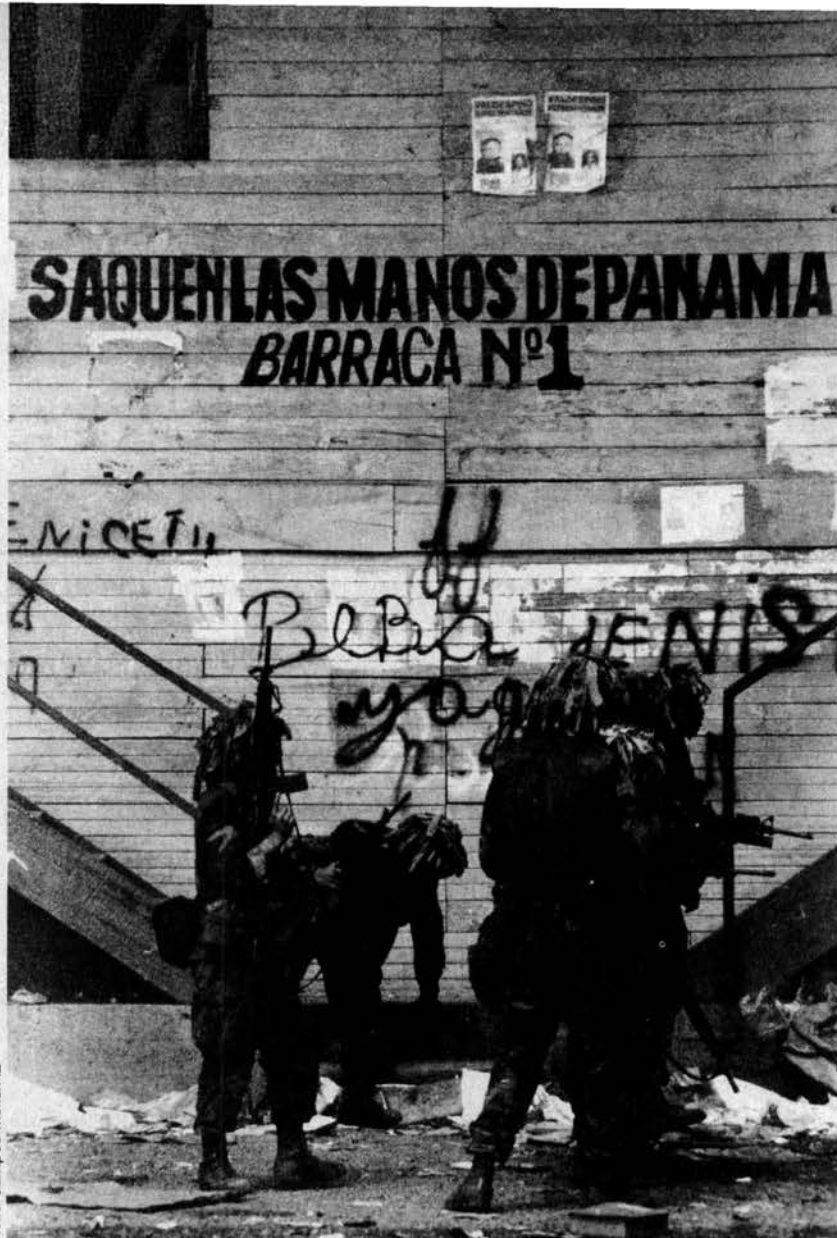
um lago para fazer uma represa. Seu nome era Ben Linder).

Mas, e Cuba? Não ocorre também lá, como ocorreria no leste europeu, um divórcio entre o poder e as pessoas? Não estão as pessoas, também lá, fartas do partido único e da imprensa e da verdade únicas?

"Se sou Stálin, meus mortos estão em perfeita saúde", disse Fidel Castro, e certamente não é esta a única diferença. Cuba não importou de Moscou um modelo pré-fabricado de poder vertical, mas foi obrigada a transformar-se em uma fortaleza para que seu todo-poderoso inimigo não a devorasse. E foi nessas condições que este pequeno país subde-



**A invasão do Panamá pelos Estados Unidos fez 7 mil vítimas nos bairros pobres: o mundo inteiro cruzou os braços e o invasor ganhou o prêmio da impunidade**



Hélio Campos Mello/AE

envolvido alcançou algumas façanhas assombrosas: hoje em dia, Cuba tem menos analfabetismo e menos mortalidade infantil que os Estados Unidos. Além do mais, à diferença de vários países do Leste, o socialismo cubano não foi ortopedicamente imposto do alto e de fora, mas nasceu lá de dentro e cresceu lá de baixo. Os muitos cubanos que morreram por Angola ou deram o melhor de si pela Nicarágua a troco de nada não estavam cumprindo, submissos e contra a alma, as ordens de um Estado policial. Se tivesse sido assim, seria inexplicável: nunca houve deserções e sempre sobrou fervor.

Agora Cuba está vivendo horas de trágica solidão. Horas perigosas: a invasão do Panamá e a desintegração do chamado campo socialista influi da pior maneira, temo, sobre o processo interno, favorecendo a tendência do fechamento burocrático, rigidez ideológica e militarização da sociedade.

Perante o Panamá, Nicarágua ou Cuba, o governo dos Estados Unidos invoca a democracia como os governos do leste europeu invocavam o socialismo: como um álibi. Ao longo deste século, a América Latina foi invadida mais de cem vezes pelos Estados Unidos. Sempre em nome da democracia e sempre para impor ditaduras militares ou governos títeres que puseram a salvo o dinheiro ameaçado. O sistema imperial de poder não quer países democráticos. Quer países humilhados.

A invasão do Panamá foi escandalosa, com suas 7 mil vítimas entre os escombros dos bairros pobres arrasados pelos bombardeios; porém, mais escandalosa que a invasão foi a impunidade com a qual se realizou. Impunidade que induz à repetição do delito, estimula o delinqüente. Frente a este crime de soberania, o presidente Mitterrand fez soar seu discreto aplauso, e o mundo inteiro cruzou os braços, depois de pagar o pequeno imposto de uma ou outra declaração.

Neste sentido, é eloquente o silêncio, e até a mal dissimulada complacência, de alguns países do Leste. A libertação do Leste implica o sinal verde para a opressão do Oeste? Eu nunca compartilhei a atitude dos que condenavam o imperialismo no

mar Caribe mas aplaudiam ou calavam a boca quando a soberania nacional era pisada na Hungria, na Polônia, na Tchecoslováquia ou no Afeganistão. Posso dizer isso porque não tenho "rabo de palha": o direito à autodeterminação dos povos é sagrado, em todos os lugares e em todos os momentos. Com razão dizem por aí que as reformas democráticas de Gorbachev foram possíveis porque a União Soviética não corria o risco de ser invadida pela União Soviética. E, simetricamente, com razão dizem por aí que os Estados Unidos estão a salvo de golpes e ditaduras militares porque nos Estados Unidos não existe embaixada dos Estados Unidos.

Sem a menor dúvida, a liberdade é sempre uma boa notícia. Para o Leste, que a está protagonizando com justo júbilo, e para o mundo inteiro. Mas, enquanto isso, são

***Neste século os EUA invadiram a América Latina mais de cem vezes, sempre para impor ditaduras***

uma boa notícia os elogios ao dinheiro e às virtudes do mercado? A idolatria do *american way of life*? As cândidas ilusões do ingresso no "Clube Internacional dos Riscos"? A burocracia, que só é ágil para se acomodar, está se adaptando aceleradamente à nova situação, e os velhos burocratas começam a se converter em novos burgueses.

Há que reconhecer, do ponto de vista latino-americano e do chamado Terceiro Mundo, que o falecido bloco soviético tinha pelo menos uma virtude essencial: não se alimentava da pobreza dos pobres, não participava do saque no mercado inter-

## *Para nós, o capitalismo não é um sonho a ser realizado, e sim um pesadelo já realizado*

nacional capitalista e, em compensação, ajudava a financiar a justiça em Cuba, na Nicarágua e em muitos outros países. Eu suspeito que isto será, daqui a pouco, recordado com nostalgia.

Para nós, o capitalismo não é um sonho a ser realizado, e sim um pesadelo já realizado. Nosso desafio não consiste em privatizar o Estado, e sim em desprivatizá-lo. Nossos Estados foram comprados, a preço de banana, pelos donos da terra e dos bancos e de todo o resto. E o mercado não é, para nós, mais do que uma nau de piratas: quanto mais livre, pior. O mercado local, e o internacional. O internacional nos rouba com dois braços. O braço comercial vende para nós cada vez mais caro e compra de nós cada vez mais barato. O braço financeiro, que nos empresta nosso próprio dinheiro, nos paga cada vez menos e nos cobra cada vez mais.

Vivemos em uma região de preços europeus e salários africanos, onde o capitalismo atua como aquele cavaleiro que disse: "Gosto tanto dos pobres que sempre acho que

deveriam ser muito mais numerosos". Só no Brasil, por exemplo, o sistema assassina mil crianças por dia, de doença ou fome. Na América Latina, o capitalismo é antidemocrático, com ou sem eleições: a maioria das pessoas está presa pela necessidade e condenada à solidão e à violência. Mente a fome, a violência mente: dizem pertencer à natureza, simulam formar parte da ordem natural das coisas. Quando essa "ordem natural" se desordena, os militares entram em cena, encapuzados ou com a cara descoberta. Como dizem na Colômbia: "O custo de vida sobe e sobe, e o valor da vida desce e desce".

As eleições na Nicarágua foram um golpe muito duro. Um golpe como o do ódio de Deus, dizia o poeta. Quando soube do resultado eu fui, e ainda sou, um menino perdido na intempérie. Um menino perdido, sim, mas não solitário. Somos muitos. No mundo inteiro, somos muitos.

Às vezes sinto que nos roubaram até as palavras. A palavra socialismo é usada, no Oeste, para maquilar a injustiça; no Leste, evoca o purgatório, ou talvez inferno. A palavra imperialismo está fora de moda e já não existe no dicionário político dominante, embora o imperialismo na verdade exista, despoje e mate. E a palavra militância? E o próprio fato da paixão militante? Para os teóricos do desencanto, é uma velharia ridícula. Para os arrependidos, um estorvo da memória.

Em poucos meses, assistimos ao naufrágio estrepitoso de um sistema usurpador do socialismo, que tratava o povo como um eterno menor

de idade e o levava pelo cabresto. Mas há três ou quatro séculos, os inquisidores caluniavam Deus quando diziam que cumpriam Suas ordens; e eu creio que o cristianismo não é a Santa Inquisição. Em nosso tempo, os burocratas desprestigiaram a esperança e sujaram a mais bela das aventuras humanas; mas creio também que o socialismo não é o stalinismo.

Agora, é preciso tornar a começar. Passo a passo, sem outros escudos além dos nascidos em nossos próprios corpos. É preciso descobrir, criar, imaginar. No discurso que Jesse Jackson pronunciou pouco depois de sua derrota, nos Estados Unidos, ele reivindicou o direito de sonhar: "Vamos defender esse direito; não vamos permitir que ninguém nos arrebatasse esse direito". E hoje, mais do que nunca, é preciso sonhar. Sonhar, juntos, sonhos que "desenhem" e encarnem em matéria mortal, como dizia, como queria, outro poeta. Brigando por esse direito, vivem meus melhores amigos; e por ele alguns deram a vida.

Este é meu depoimento. Confissão de um dinossauro? Talvez. Em todo caso, é o depoimento de alguém que crê que a condição humana não está condenada ao egoísmo e à obscura caça ao dinheiro, e que o socialismo não morreu, porque ainda não era: que hoje é o primeiro dia de uma longa vida que tem para viver.

**Eduardo Galeano**, escritor uruguaio, é autor, entre outros livros, de *Veias abertas da América Latina*.

(Extraído do Caderno de Idéias do *Jornal do Brasil*)

## *Hoje, mais que nunca, é preciso sonhar. Não vamos permitir que nos arrebatem este direito*



LEIA E ASSINE

## TEMPO E PRESENÇA

Povos indígenas, movimentos operário e camponês, educação popular, meio ambiente, ecumenismo e dívida externa são alguns dos temas tratados em *Tempo e Presença*, uma publicação mensal voltada para o conjunto do movimento popular. Na caminhada por uma sociedade mais justa e democrática, é leitura indispensável.

Assinatura anual: Cr\$ 500,00

Assinatura de apoio: Cr\$ 600,00

Exterior: US\$ 30

Faça sua assinatura através de cheque nominal para o CEDI.  
Av. Higienópolis, 983 - cep 01238 - São Paulo SP



# DIMENSÃO LIBERTADORA DA CRISE DO SOCIALISMO

*A crise no socialismo pode propiciar  
o surgimento de um projeto político alternativo,  
a partir das práticas dos movimentos sociais*

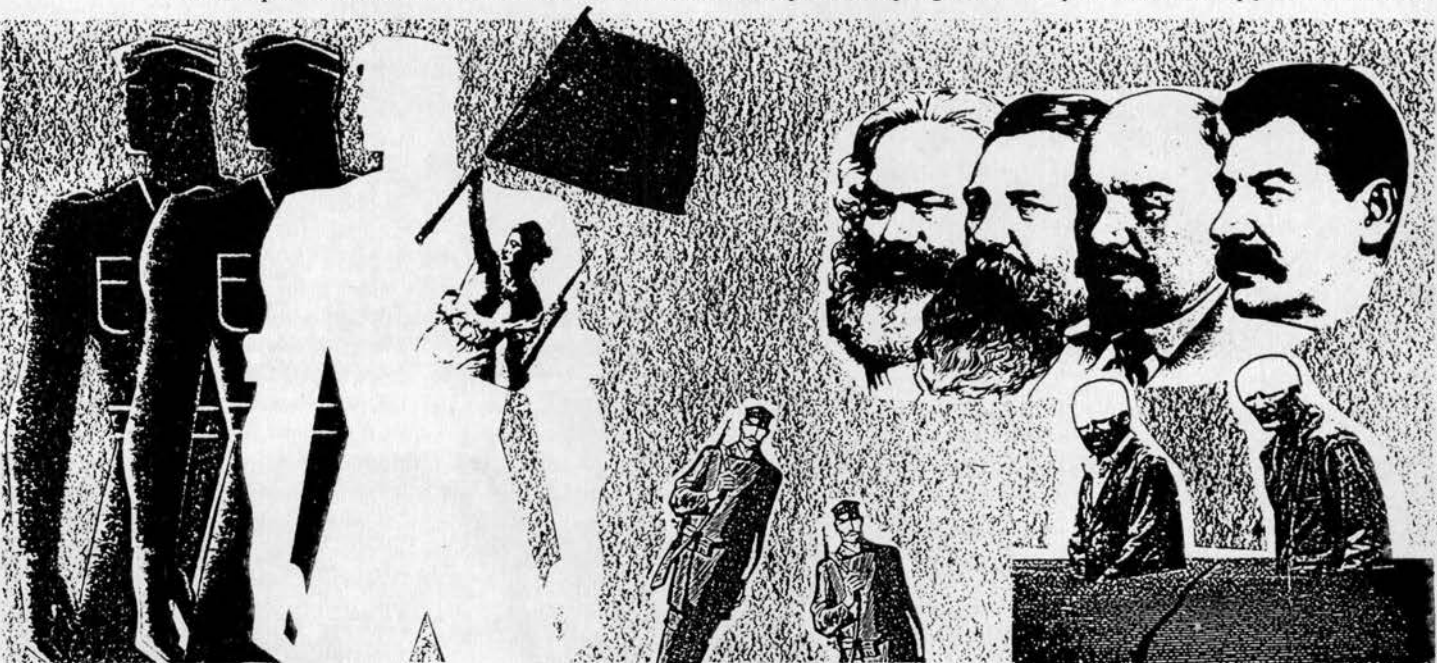
Luiz Alberto Gómez de Souza

O desmoronamento dos regimes socialistas do leste europeu tem um lado extremamente positivo: o de revisar idéias que foram ficando rotineiras e desatualizadas. Entretanto, antes de mais nada, temos que evitar análises afoitas, reduzidas às conjunturas recentes. O que passou no último ano, por mais espetacular que tenha sido, é um fragmento de um itinerário maior. A luta pela liberdade começou muito antes, já em 1956 em Poznan ou em Budapeste, em 1968 em Praga e no trabalho perseverante e clandestino da dissidência russa. E muita surpresa ainda nos espera. A nova moda neolibe-

ral canta uma vitória apressada, sem notar que a crise do socialismo real pode ser também a preparação de uma crise do capitalismo real, como indicaram recentemente J. K. Galbraith e Claude Julien. E isso nos conduz a uma primeira observação de ordem mais geral, que vale para ambos os sistemas. Em artigo recente, é o mesmo Claude Julien quem lembra "os crimes cometidos em nome dessa ideologia perversa que é o economicismo" (*Le monde diplomatique*, fevereiro de 1990).

Uma das características da modernidade, em sua aposta no progresso

e no crescimento material, é um certo reducionismo às variáveis econômicas, com a pretensão de construir modelos que tentam aprisionar a realidade nos limites de apenas alguns elementos, amortalhada então numa lógica estreita. No leste pontificavam até pouco tempo os burocratas da nomenclatura e da planificação, e nós estamos condenados à tirania autoritária e auto-suficiente dos tecnocratas dos planos e dos milagres. O capitalismo enredou-se em seu grande fetiche, que transformou o mundo do homem em mercadoria com preço de compra e venda. Nesse sentido, a crítica de Marx foi certa, ao indicar os mecanismos materiais da alienação. Mas o crítico ficou prisioneiro da lógica interna de seu objeto de análise e centrou seu materialismo histórico nas leis de divisão do trabalho e nos parâmetros da economia política. A crise atual nos desafia a sair desse horizonte reduzido e ver o real para além da opção limitada en-



## A esquerda talvez não tenha tido consciência do que significava o "sem medo de ser feliz"

tre modos de produção ou sistemas sócio-econômicos, seja capitalismo, seja socialismo, onde permanecem no mundo apertado do *homo oeconomicus*.

Nesta crise radical de civilização, não podemos limitar-nos a repensar as relações de produção, mas é necessário considerar todas as relações humanas de ser, viver e conviver, com os problemas do sentido da vida, dos valores, do subjetivo, da afetividade e do lúdico. A grande contribuição de Marx foi desocultar as raízes concretas e materiais dessas temáticas, que fechadas nelas se transformam em análises abstratas e enganadoras. Mas o marxismo quase nunca subiu dessas raízes para os espaços abertos do humano mais amplo, com seus anseios de liberdade e de auto-realização. Isso acabou de implodir no cinzento leste europeu, que aliás deixara

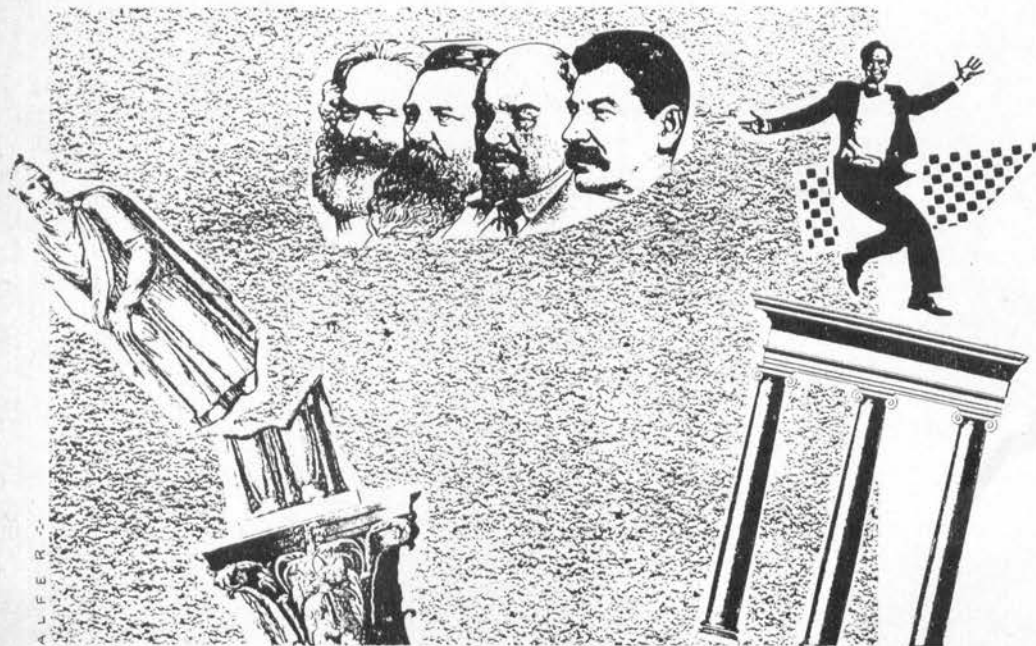


também de ser economicamente eficiente, afogado pelas rotinas e pela falta de criatividade e de motivação. Quando entre nós um setor da esquerda cantou o "sem medo de ser feliz", talvez não tenha tido consciência de tudo o que trazia de inovação, arejando o debate para dimensões muito mais abrangentes e libertadoras. Marcos teóricos tradicionais, outros medos — de inovar, de ser rebelde, de usar a imaginação — e práticas ainda autoritárias não conseguem impedir o

surgimento de intuições subversivas, com um novo estilo de fazer política, para pânico dos setores ortodoxos da própria esquerda.

Mas ainda dentro do próprio âmbito econômico há que superar outro dilema: privatização *versus* estatização. A primeira é anseio ingenuamente difundido no leste europeu e entre nossos neoliberais, a segunda sobrevive nas rotinas e nos rituais de amplos setores da esquerda. Aí se privilegiam dois atores, mais próximos um do outro do que se pensa: o empresário privado e o empresário do Estado (não falam alguns de capitalismo de estado e não se tentou criar uma nova categoria, uma burguesia de Estado?). Deixam-se fora da análise todos os atores comunitários e coletivos, que estão presentes na realidade e em suas múltiplas esferas de ação. É semelhante ao velho debate entre escola pública (estatal) e privada (empresarial), que não levava em conta outro tipo de estrutura pública não estatal, realmente social. E aqui podemos afastar um equívoco: os projetos sociais não se reduzem à privatização ou à socialização dos meios de produção, esta última freqüentemente um mau sinônimo de estatização. Aliás, permanece a possibilidade de dar à propriedade uma verdadeira dimensão social e pode estar aí um sentido mais autêntico e revolucionário de socialização. Quando um mineiro da Silésia ou

## Deve haver um caminho mais à frente da opção entre socialismo estatal e capitalismo privado





um metalúrgico de Cracóvia lutam contra uma burocracia ineficiente, corrupta e autoritária, não o fazem pelo desejo de substituí-la por um novo empresário privado — que possivelmente será o velho burocrata travestido de neocapitalista —, mas aprenderam nestes anos a sentir-se realmente donos e responsáveis pela mina ou pela fábrica e, mais, importante ainda, por suas próprias decisões pessoais e sociais. Uma privatização com receitas importadas do Ocidente possivelmente irá frustrar suas esperanças, eles que estiveram no leste à frente dos processos de liberdade.

Tudo leva a crer que há um caminho mais à frente da opção entre socialismo estatal e capitalismo privado, na tradição de velhas intuições de Owen e de Fourier, de anarquistas e de certos sonhos utópicos de Marx em seu “reino da liberdade”. Não estarão aí sementes

fecundas de um socialismo libertário, afogado pelo socialismo científico, positivista, economicista e modernizante?

Entretanto, para colocar bem o problema — não é demais insistir — temos que sair dos limites reduzidos do econômico, para pensar o real no âmbito de toda a sociedade civil, com seus inumeráveis atores e movimentos, escapando seja ao fascínio do mercado ou do estado reguladores, seja da tentação de atribuir capacidade messiânica a um só sujeito histórico (burguesia ou proletariado dos manuais e do velho manifesto de 1848).

Isso nos encaminha a não aceitar outro falso dilema: justiça ou liberdade. Em nome da liberdade quase sempre se possibilitou a realização de uns poucos, em nome de uma justiça a qualquer preço se destruíram as próprias condições fundamentais do bem estar. Os países

## Ao desenhar uma sociedade mais livre, estamos no caminho aberto pelas lutas socialistas autênticas

do socialismo real alcançaram índices significativos em educação e em saúde, com a conquista do pleno emprego e da segurança econômica. Porém, logo os serviços, pela falta paralisante da iniciativa e da liberdade criadora, foram se fazendo ineficientes e reproduziram novamente distorções e privilégios nas mãos da nomenclatura dominante. A reversão a uma economia de mercado capitalista tradicional reintroduzirá o desemprego e a insegurança. Haverá que oscilar nessa gangorra infernal, sempre redutiva ao econômico, ou procurar saídas em experiências societárias novas, no que alguns no leste chamam de pós-socialismo?

Aliás, a terminologia é o menos importante. Ao desenhar um outro contorno de sociedade mais livre e mais criativa, possivelmente estamos no caminho aberto pelas lutas socialistas mais autênticas. Mas pode ocorrer também que o próprio socialismo, ainda que crítico, tenha ficado prisioneiro da lógica da modernidade. Por que então não ter a ousadia de olhar mais adiante e escapar das opções binárias aprisionantes? A crise atual, que dá vertigem e assusta os que preferem as certezas das receitas dos manuais, pode ser a ocasião, e retorno ao início deste texto, para deixar solta a criatividade. Descobrimos então, com alegria, que não se trata de inventar um projeto futuro, mas que muita experiência fecunda, antes mesmo de ser teorizada ou virar projeto político, já está surgindo nas práticas novas dos movimentos sociais. É preciso então ter os olhos bem abertos e saber descobri-las aí onde estão, ao alcance de nossas mãos e de nossas esperanças. A utopia já não estará presente no meio de nós?

Luiz Alberto Gómez de Souza é pesquisador no Centro João 23, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de *Classes populares e Igreja nos caminhos da história* (Vozes).

## A IDEOLOGIA DA IMPRENSA

A grande imprensa no Brasil, de maneira geral, não cobre de forma adequada os recentes e complexos acontecimentos do campo socialista. O noticiário fornecido pelas grandes agências internacionais quase sempre está marcado por posições ideológicas ou dá ênfase aos aspectos sensacionalistas dos fatos.

Os participantes dos movimentos populares e o grande público ficam, muitas vezes, confusos e perplexos frente à velocidade dos acontecimentos e às suas múltiplas repercussões. Os meios de comunicação de massa, o rádio e a televisão transmitem informações simplistas e superficiais, insuficientes para responderem às indagações que esse processo levanta.

Tais lacunas levaram o Iser — Instituto de Estudo da Religião — a lançar um jornal mensal, *Vermelho e Branco — transformações no socialismo*, com o intuito de fornecer notícias sobre esses acontecimentos, extraídos principalmente das fontes originais dos

países onde essas transformações estão ocorrendo. A intenção do jornal é essencialmente informativa, tomando uma atitude cuidadosa no que se refere à interpretação dos fatos.

Na apresentação do periódico a sua editoria declara: o assunto “é por demais sério e perturbador para que nos contentemos com o jogo fácil das defesas e acusações apoloéticas”.

O jornalista responsável pelo *Vermelho e Branco* é Newton Carlos e a comissão editorial é formada por Cláudio Nascimento, Ivo Lesbaupin e Rubem Cesar Fernandes. A responsabilidade institucional é do Iser. Há uma equipe de jornalistas profissionais que colaboram na redação das notícias.

*Vermelho e Branco — transformações no socialismo*  
Publicação mensal — Cr\$ 50,00  
Pedido de informações: Iser  
Ladeira da Glória, 98 — Glória  
22211 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel: (021) 265-5747

# O NOME DO SOCIALISMO

*O verdadeiro nome do socialismo é democracia.  
E a verdadeira natureza da crise do  
socialismo está na ausência de democracia*

Herbert de Souza

**P**oderíamos começar perguntando se democracia e socialismo são iguais. Um ângulo para examinar a questão é a abrangência. A democracia é um conceito muito mais abrangente e radical. Se considerarmos que a democracia implica a realização simultânea e a todos os níveis da realidade dos princípios da igualdade, participação, liberdade, diversidade e solidariedade, podemos ver com toda clareza que a democracia ultrapassa de muito qualquer proposta que possa ser pensada para a humanidade em qualquer época.

O socialismo nasce como uma configuração da etapa posterior ao capitalismo e anterior ao comunismo (na versão marxista), ou como solução de compromisso na superação do capitalismo (social democracia). Na versão marxista a realização de todos os princípios da democracia

é o que se poderia definir como sociedade comunista. Essa realização é pensada como última etapa do desenvolvimento da humanidade.

Democracia e socialismo não são iguais, são diferentes e um não implica necessariamente na realização do outro: o socialismo pode não ser democrático. O democrático pode não ser socialista e não é capitalista. Essas diferenças resultam tanto da teoria quanto da prática. Em teoria a democracia é mais radical e abrangente do que o socialismo e é nesse sentido que é mais irrealizável na sua plenitude. Os países socialistas, reais ou não, existem. Os países democráticos não existem plenamente.

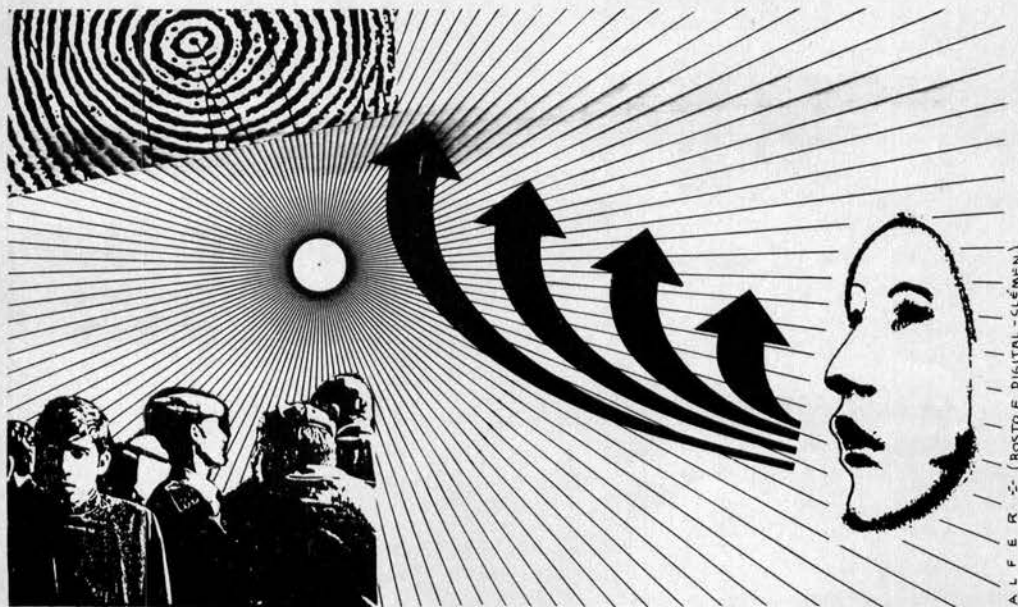
A conceituação de democracia e de socialismo é controversa: a democracia é disputada pelo liberalismo e pelo marxismo. O liberalismo isola a democracia na esfera dos direitos e ou das instituições políticas e

seus processos. O liberalismo não permite que a democracia entre no terreno da economia, protegida pelo conceito equívoco de livre iniciativa e economia de mercado. A democracia, na versão liberal, pára na porta da fábrica, separa o conceito de propriedade privada de sua dimensão e uso sociais. O marxismo, ora cai na armadilha liberal e adota frente a democracia um postura essencialmente tática, ora busca coincidir socialismo com democracia diminuindo sua abrangência e sua radicalidade.

Nos processos históricos os princípios fundamentais da democracia (igualdade, diversidade, participação, liberdade, solidariedade) são muitas vezes negados no socialismo, ou realizados de forma isolada e não simultâneos: igualdade sem participação, solidariedade sem liberdade.

A justificação histórica do socialismo está balizada pela democracia. A própria noção, ou conceito, de ditadura do proletariado tenta legitimar-se como etapa provisória necessária para estabelecer os direitos da maioria sobre a minoria. Quando não realiza seus princípios, ou segundo seus princípios, perde sua legitimidade como socialismo. Razões históricas, concretas, são sempre levantadas para negar os princípios da democracia na realização do socialismo, definindo-se então uma contradição entre ética e política que acaba por sacrificar os dois (socialismo e democracia) e as duas (ética e política).

O processo democrático que se desenvolve no mundo está recolocando a questão da democracia no centro do debate. Neste contexto a questão do socialismo só tem sentido como questão democrática. O socialismo submetido à crítica da democracia só tem sentido como reinvenção total. O socialismo só tem sentido como democracia. E ousaria dizer que assim como os PCs estão rediscutindo o seu próprio nome, para indicar a mudança de sua identidade política, o socialismo deve e está rediscutindo também o seu próprio nome. O verdadeiro nome do socialismo é democracia, assim como a natu-



ALFREDO (ROSTO E DIGITAL - CLÉMEN)



**Só a democracia é inacabável como projeto. Tudo o mais começa como revolução e se nega como ordem**



reza da crise do socialismo está na ausência da democracia. Como diz Gorbatchev, no livro *Perestroika*: "Em resumo, precisamos da ampla democratização de todos os aspectos da sociedade. Esta democratização é também a principal garantia de irreversibilidade do curso atual. Sabemos hoje que poderíamos ter evitado muitos problemas se o processo democrático tivesse se desenvolvido normalmente. Aprendemos essa lição e não a esqueceremos. Agora vamos nos ater firmemente à idéia de que só podemos ter progresso na produção, ciência, tecnologia, cultura e arte, e em todos os campos sociais, se promovermos o desenvolvimento constante das fórmulas democráticas inerentes ao socialismo e da expansão da autogestão". "A essência da *perestroika* está no fato de que une o socialismo com democracia e revive o conceito leninista de construção socialista na teoria e na prática. Esta é a essência da *perestroika*, aquilo que é responsável por seu espírito revolucionário genuíno e seu campo de ação totalmente abrangente". "Queremos mais socialismo e, por isso, mais democracia".

**No Brasil a esquerda perdeu (se é que já teve) o sentido tanto da democracia como do socialismo**

A solução da social democracia é um meio caminho e uma solução de compromisso de vôo curto, apesar de que sempre é melhor que o autoritarismo instalado no socialismo.

A social democracia, quando propõe construir a democracia no capitalismo, sacrifica a democracia para salvar o capitalismo. Quando se propõe como alternativa ao socialismo sacrifica a democracia para ficar com o meio caminho. A solução não é ficar no meio do caminho mas caminhar na única direção que nos leva de novo ao eixo da revolução: a democracia.

O verbo da revolução, para usar uma expressão cara à teologia, é a democracia. E isso é fundamental num sentido muito particular para a própria idéia de revolução: só a democracia é inacabável como projeto, tudo o mais começa como revolução e se nega como ordem, começa como liberdade e termina como sua negação.

Essa idéia do caráter interminável, inacabável, da democracia como um processo que, sendo concreto, não se esgota nunca em suas realizações concretas define uma contradição irreconciliável entre democracia e o pensamento dogmático que prosperou de forma incontável no meio da esquerda. Não existe a verdade do socialismo, a verdade da democracia. Existe um processo de realização sempre contraditório e interminável dos princípios da democracia nas sociedades concretas. Nesse sentido uma sociedade nunca é democrática. Uma das formas mais eficazes encontradas para se impedir o desenvolvimento do pensamento revolucionário, socialista foi exatamente o de sua conversão em dogma, ou dogmática. As igrejas de esquerda crucificaram junto com a dialética a própria democracia. Era como se a teologia tivesse se reencarnado não mais como ópio do povo mas como ópio do partido. E esse modo de pensar e agir certamente tem muito que ver com o autoritarismo que não foi exorcizado da cultura dita revolucionária. Quando a democracia não atinge o próprio modo de pensar ela é substituída por seu contrário.

A política moderna, tanto no ocidente como no oriente, no leste como no oeste, mantém o culto do tempo e dos homens. No mundo socia-

lista a revolução que se pretende permanente, lideranças que se pretendem eternas mesmo depois de mortas, mortos que não se enterram e que são venerados como santos, compõem uma semelhança com o pensamento religioso, dogmático e a-histórico que sacraliza um tipo de ordem incompatível com os princípios democráticos, particularmente os da igualdade e da diversidade. O socialismo real está hoje vivendo a derrubada de seus santos, altares e mortos vivos. Os homens e mulheres concretos que se movem no sentido da cidadania e da liberdade estão jogando esses mitos no chão para poderem ocupar seu lugar.

No Brasil, a esquerda perdeu (se é que já teve algum dia), basicamente, o sentido tanto da democracia como do socialismo. A perda maior no entanto se refere à questão democrática.

Pode-se dizer que a esquerda brasileira nunca fez um exame e uma crítica global da realidade brasileira sob o prisma da democracia. De modo geral a esquerda foi mais capaz de entender o desenvolvimento do capitalismo do que de fazer a crítica desse desenvolvimento sob o prisma da democracia. As melhores histórias econômicas foram feitas sob inspiração de categorias marxistas. Nos faltam no entanto histórias políticas que tenham a questão democrática como central, apesar de tanto autoritarismo e ditadura. Mas não basta lutar contra a ditadura para ser formado em democracia. Em grande medida isso se deveu à enorme influência do pensamento positivista, determinista na cultura brasileira, incluindo a esquerda. Mas também resultou da assimilação da cultura autoritária dominante que compõe uma concepção de política e um modo de fazer política. E uma esquerda que não é capaz de pensar e praticar a democracia está condenada a viver sem ela. Estou com isso também querendo dizer que existe uma crítica autoritária do capitalismo que não leva à democracia, já que muitas vezes a esquerda se caracteriza mais pela crítica que faz do capitalismo do que pela democracia que propõe.

**Herbert de Souza**, sociólogo, é diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

# NEM FIM DO SOCIALISMO E NEM FIM DA HISTÓRIA

*O ideal socialista  
sobreviveu ao terremoto  
da Europa oriental.  
Só morreram os regimes  
marcados por  
aleijões do stalinismo*

Argemiro Ferreira

A esta altura, já parece bem claro que os necrológicos apressados do socialismo publicados na imprensa ocidental só estão corretos na medida em que se referem especificamente aos regimes marcados por aleijões e distorções — nunca quando pretendem decretar também a morte dos ideais socialistas.

Deixar de reconhecer os desvios perigosos que perverteram o modelo soviético abraçado pela Europa oriental revela-se tão ingênuo como enxergar nos movimentos transfor-

madores apenas um esforço para aperfeiçoar as receitas autoritárias condenadas pela experiência histórica das últimas décadas.

Os próprios partidos que tinham o monopólio do poder desautorizam tais alegações até na pressa com que trocam de nome e de programa. Identificados com o poder, é natural que esses partidos carreguem as marcas incômodas da cumplicidade com o passado recente, agora exorcizado: confundiam-se com os problemas dessas sociedades, especialmente com as distorções impostas durante tanto tempo.

Seria injusto, no entanto, debitar a deformação e as mazelas à conta do socialismo, historicamente comprometido com as liberdades e a luta libertária.

Aos eternos inimigos do socialismo interessa o equívoco dessa transferência. Mesmo porque sempre estiveram empenhados na tarefa de difamá-lo, omitindo deliberadamente o fato de resultarem os desvios, em grande parte, das pressões de fora.

Símbolo maior dos aleijões, a brutalidade do stalinismo — jamais neutralizado suficientemente nos regimes agora em agonia — só se impôs e prevaleceu durante tanto tempo graças ao cerco do Ocidente sobre o socialismo nascente. Um cerco que a Guerra Fria obstinou-se em reciclar.

**Confronto leste-oeste** — No mesmo contexto, a tese stalinista do “socialismo num só país”, como a posterior imagem das demais nações do bloco como satélites, teria pouco sentido e dificilmente sobreviveria sem ameaças concretas à consolidação da Revolução de Outubro de 1917, que teve que enfrentar até a invasão de tropas estrangeiras — inclusive dos Estados Unidos.

Especialmente significativas foram as mudanças introduzidas na poli-

Arquivo WCC/Photo



Soldados abrem passagem para pedestres no portal de Brandeburgo e anunciam no cartaz o início da imigração: esforço dos próprios alemães, e não caridade ocidental



tica externa norte-americana ao fim da Segunda Guerra Mundial, com o claro objetivo de romper a aliança antifascista de Franklin Roosevelt, restabelecer a antiga obsessão anticomunista e, no desdobramento, fixar como prioridade o confronto global EUA-URSS.

Vozes respeitáveis do revisionismo histórico nos Estados Unidos reconhecem que, ao fim da guerra — já em 1945 —, os formuladores da política externa em Washington, liderados pelo novo presidente. Harry

Truman, adotaram essa opção deliberada e conscientemente, abandonando a linha seguida pelo antecessor dele até Yalta.

A morte de Roosevelt em abril, a rendição alemã em maio e a primeira experiência atômica em julho levaram Washington a mudar o rumo, a partir da decisão de usar a bomba em Hiroshima e Nagasaki. A alternativa era a proposta de Henry Wallace, vice de Roosevelt até 1944 (substituído na chapa por pressão da ala conservadora do Partido Democrata).

Embora ainda integrasse o ministério de Truman em 1948, Wallace renunciou por ver na mudança uma traição ao legado de Roosevelt. Mais do que Truman, era ele o herdeiro político do New Deal. E insistia na cooperação pacífica com os soviéticos — ao invés do rompimento que o presidente preferiu, a pretexto de deter a “ameaça vermelha”.

**Fim da História** — Se dependesse de Wallace, fiel ao pensamento rooseveltiano, o mundo não teria vi-

## OS ANTECESSORES DE GORBATCHEV

**Vladimir Ilitch Ulianov — Lênin**  
(1870-1924)



Fundador do Partido Bolchevique e líder da revolução de 1917. Formulou a teoria do “centralismo democrático”, em que defendia disciplina férrea e “unidade na ação” do partido. Após a revolução, chefou o governo (Conselho dos Comissários do Povo), até sua morte. Nunca ocupou o cargo de secretário geral do partido. Pouco antes de morrer, advertia contra o perigo da burocratização do Estado. Em seu “testamento”, fez críticas a Leon Trotski e pediu o afastamento de Josef Stálin da direção do PCUS.

**Josef Djugashvili — Stálin**  
(1879-1953)



Foi secretário-geral do PC a partir de 1922 e exerceu poder absoluto de 1927 até a morte. Militante mediocre nos anos pré-revolucionários acumulou cargos graças a “habilidades organizativas”. Nos anos 20, montou sua rede de poder centrada na secretaria geral do PCUS, usada para eliminar os seus adversários políticos. Entre 1936-38 montou os “processos de Moscou” e eliminou a velha guarda bolchevique do partido. Milhões de camponeses e dissidentes foram mortos durante seu governo.

**Nikita Krushev**  
(1894-1971)



Sucessor de Stálin na direção do PCUS e primeiro-ministro a partir de 1958. Em 1956, no 20º Congresso do PCUS, com o “relatório secreto” sobre os crimes de Stálin, iniciou um processo de liberalização do regime soviético. Adotou um programa de reformas econômicas, no 22º Congresso do PCUS, em 1961. Foi deposto, em 1964, por um golpe palaciano liderado por Leonid Brejnev. É o único dirigente cujo corpo não está enterrado no panteão do Kremlin, mas sim no cemitério de Novodevitch, subúrbio de Moscou.

**Leonid Brejnev**  
(1906-1982)



Primeiro-secretário da “direção colegiada” que sucedeu Krushev em 1964. Em 1968 consolidou sua autoridade e tornou-se secretário-geral e, em 1980, chefe de Estado. Ordenou a invasão da Tchecoslováquia (1968) e do Afeganistão (1979). A “era Brejnev” é hoje denunciada por Gorbachev como “período da estagnação” e foi marcada pela corrupção. Sua filha, Galina, era contrabandista de diamantes. Seu genro, Iúri Tchurbanov, foi condenado a doze anos de prisão, por atividades mafiosas.

**Yuri Andropov**  
(1914-1984)



Sucessor de Brejnev na chefia do PCUS e presidente da URSS em 1983, por poucos meses. Morreu em fevereiro de 1984. Era embaixador na Hungria em 1956, quando o país foi invadido por tanques soviéticos, e chefe da KGB (polícia política) entre 1967 e 83. Foi um dos dirigentes mais enigmáticos da história da URSS. Era de “linha dura”, mas puniu a corrupção e defendeu a realização de reformas econômicas limitadas. Foi “padrinho”, no PCUS, de Mikhail Gorbachev e dos principais homens da *perestroika*.

**Konstantin Tchernenko**  
(1911-1985)



Dirigiu o PCUS e a URSS durante treze meses. Sua carreira no PCUS, voltada para o aparato do partido, foi patrocinada por Brejnev, que via em Tchernenko o seu sucessor. Em 1982 tornou-se o ideólogo do PCUS, sucedendo Mikhail Suslov (morto em janeiro daquele ano). Sua designação ao poder, quando já incapacitado, correspondeu unicamente a um compromisso entre as diversas facções do PCUS. Surpreendidas com a morte súbita de Andropov, precisavam de tempo para reorganizar a disputa pelo poder. (Folha de S. Paulo, 01/07/90)

## O Ocidente não só estimulou as deformações do modelo soviético como alimentou a obsessão anticomunista nos anos 40 e 80

vindo quarenta anos de medo, guerra fria (ou guerras quentes localizadas) e uma corrida armamentista de muitos trilhões de dólares (e rublos). É essa também a conclusão a que se é levado numa análise recente do jornalista Strobe Talbott, que no primeiro número de 1990 da revista *Time* recomendou a revisão histórica da “ameaça vermelha” à luz da *perestroika* e das mudanças na Europa oriental.

Coube à doutrina Truman bancar o “consenso da guerra”, mas o que emerge agora, conforme observou o artigo do *Time*, é o novo consenso de que nunca existiu a tal ameaça soviética na qual ela se apoiava. Paradoxalmente, a direita e os guerreiros frios, os *falcões* de ontem e de hoje, cantam vitória pelo que aconteceu na Europa Oriental, festejando o fim do socialismo.

Chegam ao disparate de celebrar o fim da história, nos termos da tese esdrúxula levantada por um funcionário do Departamento de Estado, Francis Fukuyama, que proclamou a “vitória inofensível do liberalismo econômico e político” e a “universalização da democracia liberal como forma final de governo humano”. E é sintomático que no mesmo simpósio da revista conservadora *The National Interest*, utilizado para a apresentação da tese de Fukuyama, outro professor, Allan Bloom, escreveu de forma enfática que *nós ganhamos* a guerra fria e que isso se deveu à firmeza do Ocidente.

Os fatos, tal como apresentados por Talbott, estão a provar o contrário: os *pombas* pacifistas da linha de Wallace é que sempre esti-

veram certos nestes quarenta anos. O professor britânico E. P. Thompson — atualmente na Universidade de Rutgers, Estados Unidos — também estranha as tentativas triunfalistas de apropriação, pela direita e pelos guerreiros frios, das mudanças que se desdobram na Europa oriental.

Como pacifista e partidário de uma posição progressista, Thompson começa por lembrar que as mudanças não resultaram da caridade ocidental e sim dos próprios esforços dos povos da URSS, Polônia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Bulgária e Romênia. Longe de apressar as mudanças, diz ele, a postura da aliança atlântica (Otan) retardou-as.

**A profecia de Goethe** — Brejnev e sua gente, segundo o professor britânico, só conseguiram legitimidade graças à “ameaça” ocidental e à necessidade de defender o outro lado do adversário dotado de arsenal nuclear devastador. Em matéria de desafio ao stalinismo e à ortodoxia comunista, sempre se destacou uma vigorosa corrente de comunistas reformistas — na qual estiveram Kruschchev, Rajk, Imre Nagy, Pal Maleter, Dubcek e Gorbachev, sem falar nos dissidentes empenhados na defesa dos direitos humanos, representantes de amplo espectro de idéias e valores, nunca meros consumidores de idéias do “Ocidente livre”.

A euforia dos guerreiros frios também pode ser encarada como nova manifestação da chamada *self-fulfilling prophecy* — a profecia que se realiza por si mesma. Goethe escreveu sobre ela: “O mal que você teme se torna real por causa daquilo que você faz”. O historiador Fred Warner Neal aplicou-a à situação específica: “Nós nos armamos contra aquilo que imaginávamos ser uma invasão soviética iminente; como a invasão não veio, concluímos que foi por causa do que fizemos para impedi-la”.

Assim, o Ocidente não apenas estimulou e extremou as deformações do modelo soviético como alimentou e realimentou a obsessão anticomunista — dos anos 40, na Grécia e na Turquia, aos 80, na Nicarágua e no Panamá. A linha dura acha que salvou os europeus do Leste, quan-

do a demonologia política desses profissionais da guerra fria só fez mesmo envenenar quatro décadas da nossa existência.

É sintomático ainda que os *falcões* cantem vitória na Europa oriental, onde se desfaz a mentira da “ameaça vermelha”, ao mesmo tempo em que recorrem à ginástica intelectual para justificar a truculência militar da invasão do Panamá. Parece absurdo, mas eles se esforçam para compatibilizar a agressão norte-americana na América Central e Caribe com o fim da Guerra Fria.

**A retórica reciclada** — Escreveu no ano passado um desses gênios obsoletos, o ex-assessor da Segurança Nacional da Casa Branca Zbigniew Brzezinski, nascido na Polônia, naturalizado americano: “No futuro próximo, o comunismo pode ter melhores possibilidades na América Central e, talvez, no México, do que em qualquer outra parte. Os marxistas-leninistas de lá podem tirar partido dos impulsos radicais, anti-americanos e nacionalistas de segmentos significativos da *intelligentsia* e do campesinato da região”.

*Falcões* profissionais como Brzezinski obstinam-se, assim, em reativar a “ameaça vermelha”, agora com o tempero conveniente do terrorismo e do narcotráfico. Reciclada na escala hemisférica, a mesma retórica continuará sendo invocada para mascarar, como sempre fez, a *gunboat diplomacy* (diplomacia das canhoneiras) e o *big stick* (grande porrete), que desde o início do século violam a soberania e autodeterminação da América Latina.

Enfim, da mesma forma como o ideal socialista sobrevive ao terremoto da Europa oriental, agora livre das deformações do sistema que se consolidara em nome dele, também persistem as forças que mais contribuíram para difamá-lo e deformá-lo. Avessas a uma *perestroika* do lado de cá, são essas forças — não por acaso — que agridem os países do continente com a arrogância de sempre, mesmo quando o pretexto parece novo.

Argemiro Ferreira é escritor, jornalista internacional, ex-redator do jornal *Movimento*. Autor do livro *Caça às bruxas* (L&PM).

Os “falcões” cantam vitória, ao mesmo tempo que fazem ginástica intelectual para explicar a truculência militar no Panamá



# O SOCIALISMO MORREU, VIVA O SOCIALISMO

*Os moradores do Leste em breve descobrirão que, no Ocidente, a felicidade tem um preço e, mesmo para os mais ricos, custa muito caro*

Frei Betto

Nos últimos dez anos, estive mais de uma vez em Nicarágua, Cuba, União Soviética, Polônia, Tchecoslováquia, República Democrática da Alemanha e, em outubro de 1988, passei um mês percorrendo oito cidades na China. Em nenhum desses países entrei como turista. Fui a trabalho, convidado por igrejas cristãs ou órgãos governamentais, sempre na perspectiva de estreitar o diálogo entre cristãos e marxistas, Igreja e Estado, em suma, entre setores vivos daquelas nações que, por razões históricas e políticas haviam se dado as costas.

Em eventos naqueles países, convivi com comunistas e cristãos da

Hungria, Bulgária, Romênia e Vietnã, bem como de países africanos, Argélia, Moçambique e Angola.

Santo de casa não faz milagres. Durante anos, os comunistas acreditaram que o avanço progressivo do socialismo traria como inelutável fatalidade o fim das religiões. Marx e Engels haviam embarcado nessa canoa positivista e Lênin admitira uma tolerância que reduzia o fenômeno religioso à subjetividade, destituindo-o de sua expressão pública. Por sua vez, dotadas de milenar sabedoria, as religiões resistiram, sobreviveram, como guetos sociais politicamente discriminados. Assim como os comunistas desconfiavam de seus

Jovens protestam contra fraude eleitoral em Leipzig, na Alemanha, em julho de 89: prenúncio do fim da tecnocracia que favoreceu privilégios econômicos





## Ao levar para o PC a ditadura que seria do proletariado, Stálin tirou do socialismo a alma democrática

compatriotas cristãos, considerados potencialmente contra-revolucionários favoráveis ao inimigo capitalista, os cristãos miravam os comunistas pela ótica conspirativa de quem suspeita que, por trás de todo gesto, há sempre intenções manipuladoras, como a isca apetitosa encobre o anzol que arrebatava o peixe. O tempo, contudo, mostrou que nem as religiões acabaram, nem o Estado poderia continuar alheio à sua força social. Para facilitar essa aproximação, igrejas e Estado convidaram a seus países os teólogos da libertação da América Latina. Era um importante indício de abertura política, pois quando se reconhece a liberdade religiosa é sinal de que o Estado começa a admitir a relativa autonomia da sociedade civil.

Como um castelo de cartas, os governos socialistas do leste europeu vieram abaixo nesses últimos meses.

*Toda utopia, quando realizada, carrega em seu cerne os pecados originais da velha ordem*

A mídia ocidental comemora jubilo- sa o fim do regime comunista e celebra o advento definitivo da economia de mercado. Sai Marx, entra o Mc Donald's. Mas fica a pergunta: como se gestou esse processo? Será que o socialismo é mesmo intrinsecamente incompatível com o regime democrático e, por isso, condenado a não ter mais futuro?

**As causas do dilúvio** — Na história, como na vida pessoal, colhe-se o que se planta. Diante de tantas injustiças, as idéias socialistas deixaram raízes entre os hebreus e os gregos e atravessaram os tempos na *Utopia* de Thomas Morus, em *A cidade do sol* de Campanella, e nas missões jesuítas entre os guaranis, para ganhar consistência filosófica no século passado, com as propostas utópicas de Saint-Simon, Fourier e Owen. Marx e Engels fizeram a crítica científica do capitalismo que, qual uma fênix mortalmente ferida, traria em seu ventre o novo sistema que viria à luz graças à luta revolucionária desta parteira da história, a classe trabalhadora. O velho Lênin transformou o marxismo, no início deste século, em ferramenta teórica do povo russo contra a opressão do czar e em 1917 o Partido Bolchevista tomou o poder na Rússia, inaugurando o advento do socialismo.

As idéias, como os regimes políticos, são tributárias das condições

históricas nas quais brotaram. Toda utopia, quando feita *topia* (realizada), carrega em seu cerne os pecados originais da velha ordem. Lênin acreditou que a ditadura da maioria, o proletariado, era a suprema forma de democracia. Não havia outra alternativa na Rússia semifeudal, destruída pela monarquia inepta e pela guerra cruel. Só um governo forte, dirigido por um partido único, seria capaz de erguer uma nação agredida por catorze países estrangeiros que respaldavam os exércitos brancos czaristas. Após três anos de guerra civil, a revolução triunfou, instituindo os *soviets* como base da democracia proletária e uma nova política econômica que permitiu à Rússia avançar na produção agrícola e ingressar na era industrial.

Na história, não há determinismos alheios ao fator humano. Ela também não decorre de ações individuais, mas aqueles que têm poder em mãos podem influir em seu curso. A morte prematura, em 1924, impediu que Lênin consolidasse seus projetos. A formação num seminário cristão e o sonho de promover a felicidade coletiva não privaram Stálin da ambição. Também em nome de causas justas e dignas se cometem ações pífidas, esquecendo-se de que o princípio "os fins justificam os meios" traz, em seu avesso, a certeza de que os meios comprometem os fins. Ao transferir para o partido a ditadura que caberia ao proletariado, Stálin arrancou do corpo socialista sua alma democrática. Plantou a semente maligna que, no fim deste século, faria ruir os regimes socialistas do leste europeu, deixando o Ocidente convencido de que a criança havia sido atirada fora, na lata de lixo da história, com a água suja da bacia.

O positivismo entrou de contrabando na teoria marxista, induzindo os regimes socialistas europeus a concepções científicas mecanicistas, ao economicismo, enfim, à ideologia tecnocrática. Desde que todos produzissem, todos teriam asseguradas as condições básicas de vida. Ficasse o Partido com o monopólio das questões políticas, inclusive o onisciente poder de dar respostas a todas as perguntas, das razões que obrigam os operários que fabricam naves espaciais a usarem



## *O socialismo chegou aos países do Leste de cima para baixo, sem ser fruto de processo revolucionário*

sapatos de péssima qualidade às origens do Universo. O que Stálin considerava bom para a União Soviética estendeu-se aos países vizinhos, libertados do nazismo pelo Exército Vermelho. O socialismo chegou de fora para dentro, de cima para baixo, sem ser o resultado de um processo revolucionário. Ainda assim, permitiu ao leste europeu reerguer-se da Segunda Guerra Mundial sem precisar recorrer a este ignóbil recurso que ainda hoje asse-

*No Ocidente, o Muro de Berlim se ergue a cada esquina que separa os bairros ricos da periferia pobre*

gura a riqueza dos países da Europa ocidental, dos Estados Unidos e do Japão: a exploração do Terceiro Mundo.

**Como entender as atuais mudanças** — Malgrado a autocracia política, o socialismo afirmou-se, pela implantação de uma equitativa distribuição social dos bens e serviços, como o mais humano de todos os sistemas econômicos que a humanidade conheceu até hoje, excetuando certos núcleos indígenas. Erradicou a fome, o analfabetismo, o desemprego, as favelas, enfim, permitiu à população condições dignas de vida e uma segurança social superior à dos países ricos do Ocidente.

Mas para o turista ocidental, movido à dólares, era insuportável imaginar-se num daqueles países, sem poder ter carro, casa própria ou visitar o museu do Louvre, em Paris. Porém, quantos operários e camponeses do Ocidente possuem carro, casa própria e conhecem os museus

das capitais de seus países? No capitalismo, a divisão social possibilita à minoria privilegiada desfrutar de benefícios — como fazer turismo em outro país — inacessíveis à maioria da população. Aqui, o Muro de Berlim se ergue em cada esquina que separa os bairros da periferia pobre.

Mas por que há tantas filas nas mercearias de Moscou ou nas lojas de Budapeste? “Ah, ainda bem que não há filas assim no Brasil”, respira aliviado o turista, como se ignorasse que o baixíssimo poder aquisitivo da grande maioria dos brasileiros impede que consumam bens essenciais à existência. Aqui há o que comprar, embora não haja muitos que possam comprar. Lá, muitos podem comprar, embora não haja muito a comprar, pois as prioridades do sistema produtivo abrem exíguo espaço aos bens supérfluos. Os desastrosos planos econômicos centralizados na burocracia estatal impediram que os países socialistas acompanhassem o desenvolvimento tecnoló-

## O FUTURO DO LESTE EUROPEU

Nos próximos anos, serão grandes as dificuldades econômicas de países como Polônia, Hungria, Bulgária, Iugoslávia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia e Romênia. Haverá profunda recessão e a taxa de desemprego atingirá o patamar de 20%. Os preços das mercadorias estarão em alta, os salários em queda e a qualidade de vida sofrerá deterioração. Tal conjuntura poderá desencadear manifestações de rua, instabilidade política e até mesmo ameaçar a recuperação econômica da região.

Na Polônia, calcula-se que a privatização de empresas estatais levará ao desemprego 9% da mão-de-obra, ou seja, um milhão e meio de trabalhadores. Este índice é mais do que o dobro da estimativa de 600 mil prevista, em dezembro de 1989, pelos principais economistas poloneses. O ministro do Trabalho, Jacek Kuron, reconhece que o índice atual de desemprego é de 2% e prevê um pico em torno de 10%. Na Alemanha Oriental é possível que o desemprego atinja de 15% a 20% dos trabalhadores e na Bulgária e Hungria, no mínimo, 5%.

A Hungria, que adotou desde 1968 um “capitalismo *goulash*” — mistura

de economia de mercado com planificação estatal —, não tem conseguido aumentar a produção industrial, tornar suas exportações mais competitivas e reduzir a dívida externa. Desde janeiro deste ano, os preços dos produtos básicos subiram pelo menos 30%, enquanto os salários continuam arrochados pela política de austeridade do governo. A Romênia encontra-se à beira do colapso econômico e político, dispondo de uma base industrial antiquada, infraestrutura deficiente e com seus setores energético e agrícola em crise. A Bulgária avança gradualmente para uma reforma de mercado e a Iugoslávia, que logrou reduzir a inflação mensal de 60%, em fins do último ano, para apenas um dígito, não inspira suficiente confiança quanto à implementação de reformas econômicas.

Os dados acima não foram retirados de nenhuma publicação albanesa ou de setores que acreditam que os europeus do Leste trocaram a autocracia política, com um mínimo de justiça social, pela democracia da ilusória prosperidade da economia de mercado. São todos dados da CIA — a Agência Cen-

tral de Informações do governo norteamericano — em relatório encaminhado na primeira semana de junho à Comissão de Economia do Congresso dos Estados Unidos. Tais prognósticos confirmam que não há futuro para o leste europeu entre os países *comandantes*. Assim como ocorre com a América Latina, a África e a Ásia, aqueles países estão fadados, na divisão internacional de trabalho imposta pelo capitalismo, a engrossarem o rol dos *comandados*.

O grande desafio que se coloca hoje à humanidade é encontrar uma alternativa ao capitalismo — que para a fatura de uns exige a pobreza de muitos — e ao socialismo estatocrático. Não se trata de encontrar uma “terceira via”, uma vez que não há alternativa para a supressão da pobreza em que vivem dois terços da humanidade fora da socialização dos bens da terra e dos frutos do trabalho humano. Liberdade não é sinônimo de livre concorrência, nem começa a de um onde termina a do outro. Ser livre é reproduzir liberdades — o que é muito diferente de acumular lucros ou aceitar a ditadura do partido único **(Frei Betto)**

## A falência do modelo stalinista é o coroamento de muitos esforços da própria esquerda no Brasil

gico e científico alcançado pelo Ocidente. As mudanças se tornaram inadiáveis e a União Soviética, graças à Gorbatchev, lançou-se à *perestroika* (reestruturação), liderando um processo de modernização do socialismo que logo abarcou os países vizinhos.

O povo daqueles países decidiu dar um basta ao modelo de socialismo vigente porque a tecnocracia política favoreceu privilégios econômicos e membros do Partido tornaram-se uma casta cercada de mordomias, sem partilhar da austeridade que exigiam da população. Impossível transportar o piano quando alguém grita que é o dono e insiste em ouvir música. E o avanço dos meios de comunicação transformou o mundo numa pequena aldeia, furando o bloqueio das cortinas de ferro. Ora, a informação suscita comparações, que acendem o desejo e estimulam a ansiedade. A felicidade de um povo não depende apenas de ensino gratuito e safras recordes. As pessoas querem também um novo par de tênis, o direito de criticar o governo e manifestar publicamente suas crenças reli-

gias. Querem um socialismo fruído da indissolúvel união de justiça e liberdade. “Não, as pessoas querem o capitalismo — objetam alguns —, não vê como fogem em massa para o Ocidente?”.

Ensina a Física que toda compressão provoca, quando rompida, acelerada dispersão. A propósito, um bom argumento mecanicista. A hegemonia da mídia capitalista proclama que ao Estado total opõe-se o mercado total. Abertas as fronteiras, muitos querem ver o que há de tão atrativo do outro lado. E descobrem, chocados, que há bolsões de miséria e desemprego. Há uma luta fratricida em nome da livre iniciativa. Há quem fuja, todos os dias, para o “outro lado”, num pico de droga ou no crescente número de suicídios. E o mercado é incomparavelmente mais seletivo que o Partido, condenando a maioria — sobretudo o Terceiro Mundo — a mero fornecedor de mão-de-obra e de matéria-prima, sem acesso aos bens vitais.

Para quem reconhece o socialismo como sistema econômico intrínseco à verdadeira democracia política, a falência stalinista no leste europeu é o coroamento de muitos esforços de setores da própria esquerda. No caso do Brasil, dos teólogos da libertação que, através da quebra do tabu religioso e do fim da discriminação religiosa, contribuíram para o

advento das liberdades democráticas. E do Partido dos Trabalhadores que, contrariando a ortodoxia marxista dos partidos comunistas nacionais, ousou gestar uma nova concepção de socialismo, participativo e pluralista, livre das teias stalinistas, no qual a socialização não seja sinônimo de estatização plena.

Contudo, a crítica ao modelo em falência ganha ainda mais força quando se pergunta onde está a consciência revolucionária dos jovens húngaros ou alemães orientais. Onde estão os sindicatos e as organizações populares da Bulgária ou da Romênia? O Estado era mesmo onipresente, sem possibilitar nenhum mecanismo de organização e participação da sociedade civil? Por que o governo do *Solidariedade* atira a Polónia nos braços do FMI?

Como um balão, a estatocracia socialista tanto se inflou que explodiu. Mais uma vez, os governados atropelaram os governantes. Agora, na euforia da novidade, muitos querem experimentar o figurino capitalista, ignorando que ele se sustenta na opressão do capital sobre o trabalho e na excludência social. Mas os novos governos não falam em alterar as bases econômicas e sociais do sistema socialista para integrar o seu país na livre economia de mercado. A crítica rigorosa aos partidos comunistas, inclusive sua extinção, não vem acompanhada de privatização das empresas públicas e da livre negociação salarial entre empresas privadas e trabalhadores.

Para América Latina, África e Ásia, não há saída fora do socialismo democrático. E dentro em breve, irritada com as novas hordas que invadem suas terras, desempregam sua população e disputam o exíguo espaço de moradia, a Europa ocidental terá saudades do Muro de Berlim e, de alguma forma, tentará reerguê-lo. Será preciso deter o êxodo, até que os próprios emigrantes descubram que, no Ocidente capitalista, também a felicidade tem um preço e, mesmo para os ricos, custa muito caro.

Frei Betto, teólogo e escritor, é autor de *Fidel e a Religião* (Brasiliense, esgotado) e *Cristianismo e Marxismo* (Vozes).

Nos países onde foi implantado, o socialismo erradicou a fome, o analfabetismo, o desemprego e as favelas. No Ocidente, cenas como esta são comuns na paisagem capitalista





# LIÇÕES DO LESTE

*As mudanças no leste europeu ensinaram a lição, ignorada pelo capitalismo, de que não pode haver liberdade sem libertação nem democracia sem participação do povo*

Israel Batista

**A**s tentações de profetizar o futuro fracassaram diante dos acontecimentos inesperados que irromperam em 1989 no leste europeu. Jeanne Kirkpatrick ficou conhecida por sua distinção entre regimes autoritários e regimes totalitários comunistas: "A história prova que as ditaduras tradicionais podem ser democratizadas. Veja-se Espanha, Portugal, Grécia... Ao contrário, não existe um só exemplo de totalitarismo marxista que se tenha liberalizado espontaneamente".

Os acontecimentos da Europa oriental quebraram as *bolas de cristal* que prediziam o amanhã e muitos profetas ficaram desempregados.

**Fatos contrastantes** — As rápidas mudanças ocorridas na Europa não podem ser lidas de forma linear; é preciso fazer uma leitura contrastante da história. Uma leitura unilateral e unidimensional deste momento nos levaria a interpretações falsas. Como exemplo, permitam-me destacar alguns desses fatos contraditórios;

— Muitos vivem uma euforia tal que a análise se torna difícil e facilmente se cai em falsas ilusões. Geralmente os eufóricos e românticos éramos nós do Terceiro Mundo; os do Norte eram racionalistas, calculistas e frios. Hoje os papéis se invertem: nós buscamos a reflexão e a análise e o mundo desenvolvido se veste de euforia. A euforia de ontem nos levou a dizer que a única saída eram as revoluções, os eufóricos de hoje proclamam que o único caminho é o capitalismo de mercado. As euforias tendem a ser enganosas.

— A pobreza crescente da grande maioria dos países do mundo pro-

va, de maneira inequívoca, que dentro da teoria de mercado absoluto não existe esperança; porém, ao mesmo tempo, sobreviver fora do sistema traz consigo custos sociais e humanos muito difíceis de serem superados. Os países pobres experimentam impossibilidades dentro e fora do sistema.

— Chama a atenção que os principais arautos das reformas na Europa oriental sejam os mesmos que ceram as portas às possibilidades de mudanças em nossos países latino-americanos. É o que me dizia um amigo: os *amigos* da Europa oriental são os opressores em nossas terras.

— Vive-se um momento pós-ideológico e ao mesmo tempo profundamente ideológico. Hoje experimentamos as tentativas de impor a ideo-

logia de mercado como valor absoluto e a desqualificação de qualquer outra alternativa. É a imposição ideológica de um só modelo. Porém, ao mesmo tempo constatamos que a interpretação da história não pode ser reduzida unicamente ao ideológico, que o *doutrinação ideológico* ou o *ideologismo* dá lugar a vivências mais integradoras e que nenhuma ideologia pode ser monopólica ou hegemônica.

— Estamos experimentando estes fatos contraditórios na vida das igrejas e no próprio movimento ecumênico. As experiências da Igreja Católica Romana na Polônia ou da Igreja Evangélica na República Alemã e seus importantes papéis nos processos de transformações se chocam com a atitude das igrejas na Romênia. Do mesmo modo, é contraditória a atuação do movimento ecumênico. O metropolitano Kirill, da Igreja Ortodoxa Russa, dizia ao Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas, em Moscou no verão de 1989, que o movimento ecumênico tinha sido uma escola para sua Igreja. Contudo, esse mesmo movimento ecumênico, nessa mesma reunião, encontrou dificuldades para uma presença adequada no cenário romeno.

**Aprendendo das experiências** — A história se moveu a uma velocidade vertiginosa nos últimos meses. As implicações são importantes pa-

As mudanças nos países do leste europeu foram distintas em duração e natureza, mas todas contaram com a presença sempre marcante do povo nas ruas



Bund/Bhom/WCC/Photo

## O fim de um modelo mal chamado socialismo não pode impedir o sonho de um verdadeiro socialismo

ra os países do Terceiro Mundo, para todos os países desenvolvidos, para o movimento popular, para o movimento ecumênico e para todas as igrejas. Vamos citar algumas dessas implicações:

— Não se pode negar que os acontecimentos na Europa oriental foram uma manifestação de poder popular. Os processos nos diversos países foram distintos em natureza e duração, porém todos foram testemunhas da presença marcante do povo nas ruas. Negar ou ignorar essa participação popular seria confessar nossa incredulidade no povo.

— As mudanças desvelaram uma profunda crise nas concepções políticas, econômicas e morais no marxismo-leninismo. A implantação do marxismo-leninismo com sua dose de stalinismo passou por certas com-

plexidades que não podem ser ignoradas se não queremos ser simplistas. Não obstante, não se pode ocultar a magnitude da crise. Os esquemas de uma excessiva planificação e centralização econômica se constituíram em obstáculos para os próprios processos produtivos e para a criatividade do trabalho. As experiências de um partido único como hegemônico sobre a vida social e o Estado terminaram limitando o acesso e a participação do povo nas decisões. A redução das análises ao ideológico-político e a negação de valores espirituais na vida do ser humano produziram uma crise de valores morais.

— Mas, para além de toda euforia simplista, o movimento do povo nos países do leste europeu entrará em um período de menor brilho e de maior complexidade e confusão. A proliferação infinita de grupos e suas posições frente às políticas econômicas em via de implementação nos indicam que os problemas centrais a serem enfrentados são três: 1) busca de alternativas sócio-econômicas ou cooptação pelo mundo oci-

dental desenvolvido; 2) desenvolvimento de novos modelos democráticos ou sujeição às estruturas de poder dos partidos políticos do Ocidente; 3) participação do povo nas decisões ou imposição de decisões hierárquicas sem participação popular.

— Para o movimento popular dos países do Terceiro Mundo estas mudanças significaram o cancelamento de possíveis modelos ou certa perda de referências ou marcos teóricos. O problema mais urgente que se coloca são as alternativas que se buscam. Não é segredo para ninguém que, se esse tipo de socialismo não solucionou os problemas, o capitalismo os agrava. O futuro para esses países se definirá em suas possibilidades de articular novas alternativas sociais, econômicas e políticas.

— O tema da democracia surge com nova força. As lutas por democracia são um clamor em toda parte do mundo, não somente na Europa oriental. Nessa região a lição aprendida é que não há liberdade sem libertação, democracia sem participação popular e direitos humanos sem direitos políticos.

— Apesar do econômico ser um dos pilares da análise marxista na crítica ao capitalismo, as leituras leninista e stalinista do marxismo nos países do leste europeu não calcularam todas as consequências da economia. O econômico está provando ser um dos eixos centrais no desenvolvimento das sociedades e na comunicação com o povo. Ignorar esse fato traz consigo um alto custo.

— Devido às importantes mudanças no cenário europeu, está se produzindo um forte *eurocentrismo*. Eu me refiro concretamente a três implicações de todo esse *eurocentrismo*:

1) A Europa, através da história, impôs modelos sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais a nossos povos subdesenvolvidos. Agora quer nos impor a desilusão com determinado modelo político. O fracasso de um determinado modelo mal chamado de socialismo não pode impedir o sonho de um socialismo verdadeiro: sociedades novas e justas.

2) O chamado *Segundo Mundo* entra com tal força que tende a ocupar o lugar do Terceiro Mundo. Já existem casos de ajudas econômicas desviadas do Terceiro Mundo para países da Europa oriental.

## POR QUE CUBA RESISTE

O que está acontecendo no leste europeu não vai acontecer em Cuba. Este foi o recado de Oswaldo Martinez — membro do comitê central do PC cubano em visita ao Brasil, em julho — a todos que lhe perguntaram como ficaria seu país. A diferença, que garante a continuidade dos projetos da revolução cubana, está na origem da implantação do regime: “O caso cubano tem uma característica especial. Em Cuba houve uma revolução popular, e não uma revolução imposta pelos tanques soviéticos”. No leste europeu, o divórcio entre partido e massa foi profundo.

É inegável, no entanto, que as mudanças no Leste, e na própria URSS, interferiram no curso da política dirigida por Fidel Castro. Especialmente a economia foi atingida, conforme reconhece Martinez, que também é diretor do *Centro de Investigación de la Economía Mundial* do governo de Cuba. “Passamos por uma situação econômica séria, mas não de desespero”. Cerca de 70% do comércio exterior de Cuba se concentra na URSS, de onde importa 65% de combus-

tível. Se ocorrer o desmembramento de algumas repúblicas da União Soviética, Cuba terá que tomar medidas excepcionais para se safar da crise econômica, como abrir seu comércio ao mercado mundial. Outra saída seria desenvolver ainda mais o mercado turístico e partir para a competitividade internacional, aponta Martinez. Na avaliação dele, 1991 e 1992 serão anos críticos para Cuba.

As mudanças nos países do Leste suscitaram um grande debate no campo político-ideológico, motivado também pela realização, no próximo ano, do 4º Congresso do PC cubano. Até lá, no entanto, e muito provavelmente depois, Fidel continuará recebendo críticas dos capitalistas ocidentais por manter o sistema de partido único. “Não entendemos o partido único como ideal, e nem esta é uma discussão encerrada, mas hoje o único partido que se formaria em Cuba, no caso de uma abertura, seria o da contra-revolução, o partido dos Estados Unidos, e isso nós não permitiremos”, assegura Martinez.



3) O Terceiro Mundo é cada vez mais periférico e marginal no esquema mundial. As novas correlações e concentrações de poder econômico e político fazem nossos povos contar cada vez menos na geopolítica atual.

**Desafios para o movimento popular** — Só quem está na Europa pode compreender a necessidade de ler todos esses acontecimentos a partir de uma perspectiva do Terceiro Mundo e mais especificamente a partir do movimento popular. As leituras variam segundo o contexto que nos serve de ponto de partida.

Todas essas mudanças sociais afetaram o movimento popular. Novas experiências e análises a partir da sobrevivência dos pobres se impõem. Chamo a atenção para alguns dos novos desafios que se colocam:

1) Assim como o movimento popular ficou sem modelos ou referenciais ideológicos em suas lutas por sociedades justas, igualmente o mundo ocidental também perdeu alguns de seus modelos de enfrentamento. Por exemplo, os *rambos* já não têm muito espaço neste mundo pós-moderno. Os *clichês* do inimigo comunista com fronteiras definidas estão ficando fora de moda. O *inimigo* agora pode estar em qualquer parte e é preciso criar novos *inimigos*.

Nos dois pólos da luta social as mudanças surpreenderam e ajustes se fazem necessários. É preciso confessar que o mundo ocidental dá sinais de uma recuperação maior diante dos novos fenômenos sociais.

Todos nos sentimos desafiados diante da pergunta crucial para o movimento popular: quais são as alternativas para o povo em meio a transformações sociais portadoras de esperanças e realidades inumanas de sobrevivência? Hoje vivemos entre as transformações e a sobrevivência e é aí que se estabelecem as alternativas.

2) O conceito de democracia evoluiu a tal ponto que está mais vinculado à liberdade de mercado que à liberdade do povo. É incrível como as mesmas forças que conseguiram concentrar poder econômico e político nas mãos de uns poucos sejam os caudilhos da democracia.

Recuperar o conceito de democracia e devolver-lhe o sentido de parti-

cipação popular frente à manipulação do mercado se constitui uma tarefa prioritária. A nova qualificação nessa busca é que a democracia tem que ser construída não somente a partir dos níveis político-ideológicos mas, em primeiro lugar, da própria condição e natureza humana. A democracia é a afirmação da espiritualidade humana na realização da justiça. A busca de democracia é inclusiva, abarca todos os aspectos de nossa humanidade como pessoas e como comunidade.

3) O econômico está determinando em grande medida muitos dos acontecimentos atuais. Para o movimento popular o econômico significou uma profunda crise com um alto custo social. Para o povo o econômico se chama sobrevivência.

Os velhos esquemas de aproximação com o povo a partir de posições puramente ideológicas se vêem limitados em suas possibilidades. A fadiga da vida diária e as lutas por sobreviver hoje determinam de forma distinta as prioridades para o povo. Há um desafio implícito para a compreensão do que chamamos alianças políticas e comunicação com o povo. Os novos valores para estes relacionamentos devem ser constituídos a partir das necessidades diárias do povo, sem que o *imediato* impeça a visão do futuro. É uma mudança de prioridades em nosso viver cotidiano.

4) É preciso aprender a trabalhar com a agenda do povo. Os dogmatismos e as febres de doutrinação têm que ser superados. Vivemos hoje a convalescença de um período de forte ideologismo. O momento atual é extremamente ideológico; no entanto, é preciso ver o ideológico a partir do ecumênico. Todos temos alguma contribuição a dar na busca de justiça. As hegemonias ideológicas ficaram para trás na história, inclusive a hegemonia eclesiástica.

Nessa visão do novo mundo se impõe um diálogo com esse *Segundo Mundo* e o desafio de alternativas conjuntas com o Terceiro Mundo deve constituir um sinal de busca. É um desafio evitar confrontações e buscar novas alianças de esperança entre grandes dúvidas, contradições e euforias. É necessário buscar caminhos nos quais euforia e sobrevivência se encontrem.

## É tarefa prioritária devolver o sentido de participação popular à democracia



Arquivo WCC/Photo

**Uma última palavra de esperança** — Como falar de esperança quando parece que se perde em nossos povos o sentido de futuro? Como falar de esperança quando parece que a justiça está sendo crucificada em nossas terras? Como falar de esperança na Europa quando nossos povos apenas sobrevivem? A esperança nos é dada hoje entre dúvida e afirmação, vida e morte, espiritualidade e idolatria, dor e alegria, cruz e ressurreição. Em meio a essas tensões e contradições é que é preciso viver a esperança.

A esperança é vivida quando aprendemos a seguir criativamente os sinais dos tempos. Hoje a esperança não somente se revela em eventos grandes mas em saber acompanhar os pequenos sinais que se manifestam na vida cotidiana de nossos povos em meio a contradições. Muito além da euforia e no meio da sobrevivência se levanta a esperança no Reino da justiça.

**Israel Batista**, cubano, teólogo e cientista social, trabalha atualmente no Conselho Mundial de Igrejas (CMI) na Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento.

(Tradução de Alfredo S. V. Coelho)

**Agentes de pastoral protestam contra fraude eleitoral em frente à igreja de Sophienkirche, em Berlim: colaboração das igrejas nas transformações do Leste**

# DOIS MITOS DESGASTADOS

*Só o povo organizado pode construir novas formas de relação com o Estado que superem os mitos da estatização e da privatização*

Celso Daniel

**A**s críticas à estatização — isto é, à quantidade e à qualidade da presença do Estado na economia e na sociedade — remetem tanto à opção da social-democracia quanto aos regimes do socialismo real. Convém, por isso, tecer um comentário a propósito.

O ressurgimento do liberalismo em sua versão conservadora — por vezes denominado neoliberalismo — alimentou-se da crise econômica mundial dos anos 70 e 80, buscando criticar não apenas o “socialismo real” mas também a social-democracia do capitalismo avançado. Conforme se sabe, o longo período de crescimento econômico após a 2ª Guerra foi marcado pela presença qualitativamente nova do Estado, sob a hegemonia teórica do pensamento econômico de Keynes (ou, mais propriamente, de uma interpretação desse autor). Ante a crise, a resposta conservadora, ao afirmar o mercado e negar o Estado, busca combater a social-democracia como regime político e o keynesianismo como política econômica.

As críticas à social-democracia, porém, provinham também do campo oposto: se é verdade que o Estado de bem-estar é, em grande medida, fruto das conquistas dos movimentos sociais, e não mera concessão dos setores dominantes, é preciso assinalar dois pontos: por um lado, não foi combatida de frente a exploração econômica, de modo que o grande capital consolidou seu comando sobre a economia; por outro, a resposta às reivindicações sociais não foi criada pela própria sociedade, mas por um Estado que tendeu a fazê-lo estabelecen-

do um peso cada vez mais opressor sobre a sociedade, amplificando o poder administrativo.

**Estatização e socialismo real** — A rapidez da derrocada dos regimes do leste europeu, surpreendendo a muitos, acelerou e aprofundou as formulações críticas de diferentes matizes pré-existentes.

Ante a crise do estatismo e da centralização das decisões econômicas, a vertente conservadora procura apontar como saída uma restauração capitalista. Não resta dúvida a respeito do apelo ao perfil de consumo do

capitalismo avançado. São bastante obscuras, no entanto, as possíveis consequências de um eventual predomínio dos mecanismos de mercado sobre um conjunto de garantias materiais conquistadas ao longo dos anos pela população dos países do leste europeu.

De um outro ponto de vista, a queda do muro de Berlim simboliza — a despeito dos avanços materiais em áreas de interesse social — a falência de um sistema político que, a pretexto do combate à exploração, reproduziu desigualdades sob novas formas, estancou o crescimento econômico e restringiu liberdades básicas, por meio do monolitismo partidário e de idéias e da opressão totalitária do Estado sobre a sociedade. É essencial, nesta ótica, um reencontro com o tema da democracia. Estatização não pode ser confundida com socialização. Esta, por seu turno, supõe com certeza o aprofundamento da democracia e dos direitos, e nunca sua negação.





**O mito da privatização** — Frente à crise da social-democracia e sobre os escombros do “socialismo real”, ganha espaço — inclusive no Brasil — a visão neoliberal, calcada num maniqueísmo absoluto segundo o qual tudo o que provém do Estado é mau — como se contaminado por algum pecado original — e, em contrapartida, tudo o que parte do mercado é bom. O endeusamento deste último — e não da sociedade, observe-se — se baseia na crença de que as iniciativas individuais, ao passarem pelo mercado, produzem automaticamente a máxima satisfação para todos (inclusive o máximo lucro para os capitalistas) e, sobretudo, a máxima eficiência econômica.

Em plena era de dominação dos monopólios e oligopólios, que negam de imediato a propalada liberdade de mercado, os ideólogos conservadores erigem em mito a privatização, concebida como remédio para todos os males. Já que a realidade é bem mais complexa que o simplismo dessa interpretação, convém estabelecer, a seguir, três observações críticas.

**Liberdade econômica** — O valor mais caro aos neoliberais não é, conforme se poderia imaginar, a liberdade em geral, mas sim uma liberdade muito particular: a liberdade econômica.

Seu ideal, portanto, corresponde a uma sociedade em que os agentes econômicos individuais tomassem suas decisões sem a interferência do Estado — ou mesmo forças extra-econômicas, a exemplo dos sindicatos. Tal argumento conduz, logicamente, ao seguinte: se uma parcela da sociedade não dispõe de renda para pagar por bens e serviços essenciais, conforme os preços definidos pelo mercado, pior para ela, deverá ficar excluída de seu consumo. Assim definida, a liberdade (econômica) nega a igualdade, até mesmo a igualdade de oportunidades (o argumento é esse mesmo; quem duvidar pode conferir em *Capitalismo e liberdade*, de Milton Friedman, um dos mais conhecidos neoliberais).

Como acreditar que pessoas desprovidas de condições básicas para sua sobrevivência possam exercer realmente sua liberdade? É difícil vislumbrar algo de novo nesse liberalismo revisitado, que se nutre, no essen-

cial, da velha doutrina liberal clássica expressa por John Locke no século 17. É de um falso moderno que se trata, pois.

Do ângulo econômico, os neoliberais enxergam o mercado como o mecanismo de alocação de recursos por meio do qual a economia alcançaria, de modo automático, a máxima eficiência. Por oposição, o Estado é visto como intrinsecamente ineficiente, de modo que, ao intervir sobre a economia, produz um déficit — pois gasta mais do que recebe — cuja cobertura obriga à emissão de moeda, gerando inflação. Para um diagnóstico simples, um remédio também simples: seria necessária a redução da presença do Estado na economia, através de cortes de gastos em geral e da privatização de suas empresas e atividades.

É de se destacar, em primeiro lugar, o simplismo desse maniqueísmo, que desconsidera ou obscurece outras causas da inflação, como a dívida externa e suas consequências sobre a relação entre economia nacional e exterior. Em segundo lugar, o argumento coloca em primeiro plano a eficiência (e o combate à inflação), deixando em segundo plano a justiça social. Trata-se da face econômica da já citada relação de subordinação da igualdade à liberdade econômica.

Em terceiro lugar, o raciocínio neoliberal com frequência confunde de modo equivocado lucratividade e eficiência. Uma empresa estatal pode ser eficiente e não auferir lucro, caso venda seu produto a um preço muito baixo (algo que costuma ocorrer para beneficiar a iniciativa privada, consumidora do produto em questão).

Há serviços públicos, como o transporte coletivo, para os quais, devido às externalidades econômicas, os custos sociais superam os custos privados. Neste caso, para atingir a máxima eficiência é preciso o fornecimento de subsídios. Portanto, é fundamental considerar com mais cuidado o tema da eficiência.

**O Estado no Brasil** — Em países como o Brasil, a situação é ainda mais complexa. No capitalismo avançado, o Estado de bem estar reservou um fundo público (recursos) para a acumulação do capital e também para a reprodução da força de trabalho. No Brasil, porém, o Estado cons-

*Como acreditar que pessoas sem condições básicas de sobrevivência possam exercer sua liberdade?*

tituiu um fundo público para acumulação, mas não para reprodução dos trabalhadores. Por um lado, o setor produtivo estatal foi um dos pilares da industrialização acelerada, garantindo suporte e subsídios para a iniciativa privada. Por outro lado, não foi criado um fundo público para financiar as áreas sociais (educação, saúde, saneamento, transporte, habitação etc). Ou o Estado delegou ao capital a produção desses bens e serviços essenciais, ou os produziu a partir da racionalidade da lucratividade privada, salvo raras exceções.

Conforme aponta Francisco de Oliveira (em *Além da transição, além da imaginação*), trata-se de um verdadeiro Estado de mal-estar, co-responsável pela criação das imensas desigualdades sociais existentes no país. Nesse quadro, a proposta de privatização significa, é evidente, reduzir ainda mais, ou mesmo eliminar, o pouco que foi conquistado e investido nas áreas sociais, aprofundando as atuais desigualdades.

O lado político dessa presença do Estado consiste nas práticas do favorecimento ao poder econômico, do clientelismo e do populismo, em suas diversas variantes. Tal postura se nutre de uma cultura política autoritária, predominante no interior da própria sociedade. Essa situação, relacionada à ausência de controles da sociedade sobre o Estado, não é a rigor em nenhum momento posta em questão pelos neoliberais, pois para estes os controles devem-se basear, essencialmente, nos mecanismos de mercado. Propostas de moralização que não atingem as causas dos problemas não apresentam eficácia real, mas apenas efeitos superficiais e passageiros (como se sabe, as mordomias estão longe de representar parcela relevante do déficit público).

*No Brasil de hoje é fundamental procurar saídas que combinem desenvolvimento e justiça social*

## *É preciso fazer uma profunda reforma do Estado, de modo a torná-lo democrático e eficiente*

**Liberdade e igualdade** — No Brasil de hoje, é fundamental procurar saídas que combinem desenvolvimento e justiça social, a opção moderna que busca se situar ao lado da maioria. No plano mais geral, isso significa se distanciar da desigualdade e da falta de liberdade — seja aquela do “socialismo real”, seja a defendida pelo neoliberalismo, restrita à “liberdade” do mais forte no mercado. Em outras palavras, isso corresponde ao reencontro entre igualdade e liberdade na sua síntese, que é a democracia.

Para tanto, é necessário um profundo processo de transformação do Estado. Ao lado de sua desprivatização — articulada ao estímulo a formas de produção descentralizadas — o Estado deve passar a garantir condições para uma real igualdade de oportunidades, negada pelos mecanismos de mercado, bem como alterar radicalmente sua relação com a sociedade. Ante a inexistência e inconveniência de soluções acabadas, importa sugerir três orientações gerais a título de reflexão.

**Fundo público** — Em primeiro lugar, trata-se de instaurar no Brasil um fundo público para a melhoria das condições de vida da população. Tais recursos seriam destinados, em particular, para a provisão de bens e serviços essenciais ao bem estar dos indivíduos, tornados acessíveis

a toda sociedade — e não apenas àquela parcela que pode pagar por eles no mercado: educação, saúde, saneamento, habitação, abastecimento alimentar, transporte coletivo etc. A constituição de tal fundo público — é necessário afirmar claramente — consiste em ampliar o âmbito do Estado, de modo a nele incluir os interesses da população, até então excluídos. Os neoliberais podem considerar que investimentos, contratações de pessoal e concessão de subsídios nas áreas sociais sejam inchar o Estado; isso é, porém, apenas fazer o que nunca foi efetuado no Brasil: prover as condições básicas para instauração da democracia real. Se cabe discutir a redução da presença do Estado, tem sentido fazê-lo onde sempre foi grande: no fundo público para a reprodução do capital e nos controles sobre a sociedade, e nunca no setor social.

**Estado, sociedade e direitos** — Em segundo lugar, defende-se aqui uma integral transformação na forma de relação entre Estado e sociedade, ditada até então pelo autoritarismo, populismo e clientelismo. Neste aspecto, também, quem fornece o caminho da transformação são os movimentos sociais, responsáveis pela elaboração coletiva da idéia de direitos (ao emprego, ao salário, à moradia, ao transporte, à saúde, à não discriminação etc.). Embora isso não dependa apenas do Estado, mas sim de uma mudança na cultura política no interior da sociedade, fazer com que a relação entre Estado e sociedade seja presidida pela idéia de direitos significa instituir a democratização das informações e

constituir canais de participação popular na gestão pública. Isto é, formas de controle da sociedade sobre o Estado, invertendo os termos dessa equação, e indo muito além da proposta neoliberal dos controles do mercado sobre o Estado.

**Reforma do Estado** — Por fim, e como condição para o anterior, é preciso efetuar uma profunda reforma do Estado, de modo a torná-lo democrático e eficiente; o que, é evidente, nada tem a ver com extinguir ministérios e cortar pessoal de maneira indiscriminada. Trata-se, isto sim, do fato de que a instauração de um fundo público para o setor social e a transformação da relação entre Estado e sociedade no rumo apontado acima exigem a democratização interna do Estado, por meio de um combate sem tréguas ao clientelismo e ao poder administrativo incrustados no aparelho estatal. É fundamental, por outro lado, resgatar o tema da eficiência no serviço público, não na qualidade de valor supremo, como pensam os neoliberais, mas para garantir o melhor uso dos recursos públicos, subordinando os critérios de eficiência à justiça social.

Em síntese, superar os mitos da estatização e da privatização é construir o novo. Longe da repetição do existente (no Leste ou no Oeste) ou da volta ao passado, há todo um futuro a inventar, que depende crucialmente da organização da própria sociedade de seus resultados sobre o Estado.

**Celso Daniel**, professor de economia no curso de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas, é prefeito de Santo André (SP) pelo PT.



## **Caça às bruxas**

No final da Segunda Guerra, a sociedade norte-americana foi abalada por uma onda de obscurantismo que ficou conhecida como “caça às bruxas”. A “ameaça vermelha” tornou-se a expressão mágica para fundamentar um estado de quase histeria coletiva, alimentado pelos meios de comunicação e que teve no senador Joseph McCarthy seu mais notório manipulador.

*Caça às bruxas*, de Argemiro Ferreira, lançado pela L&PM, trata da origem, afirmação e manipulação da histeria macartista, um verdadeiro pesadelo que tomou conta da América, deixando em seu rastro tragédias familiares, desemprego e medo. A “caça às bruxas” envenenou o dia-a-dia dos americanos, semeou suspeitas, fabricou listas negras, encenou rituais de purificação e santificou a figura do delator.



# SOLIDARNOSĆ PÓS-SOCIALISMO

*Primeiro país do leste europeu a buscar o sistema de livre mercado, a Polônia enfrenta greves, desemprego e a provável divisão do próprio sindicato Solidarnosc*

Rubem César Fernandes

**C**omo escapar ao pesadelo socialista? Pesadelo também é sonho, e ninguém ignora a dimensão utópica do socialismo. Há sonhos, porém, que mobilizam desejos profundos de tal maneira que acabam por aprisionar-nos em situações absurdas, insuportáveis, sem saída. Foi assim com a utopia socialista.

Sem saída, é claro, por causa do poderio militar. Ao cabo de duas

guerras mundiais, uma guerra civil, resistência a diversas invasões, o exército vermelho impôs seu domínio e ocupou os territórios. Primeiro (1917-21) na Rússia e numa parte do antigo império; depois (1944-45) em toda a Europa do leste, até Berlim. Sem saída, ademais, porque o Estado socialista realizou a maior concentração de poderes jamais vista na história. O trabalho, o lazer,

o conhecimento, a comunicação, as trocas em geral foram incorporadas a um único e gigantesco aparelho burocrático. Onde encontrar forças para opor-se ao governo se a vida pública inteira é governamental?

Absurda, porque a brutalidade era exercida em nome da justiça, a dominação imperial em nome do internacionalismo, a acumulação extorsiva em nome dos trabalhadores, a coletivização forçada do campo em nome do socialismo, o massacre de etnias em nome da cidadania, a violação sistemática dos direitos humanos em nome do Homem Novo, a ditadura em nome da democracia popular, o atraso em nome do progresso. Absurda, ainda, porque muita gente boa acreditou honestamente nas palavras que violentavam os fatos. Na Europa do leste este encantamento palavroso esvaiu-se nos anos 60 (a invasão da Tchecoslováquia foi a gota d'água), mas ele perdurou por um tempo no Ocidente, e ainda hoje faz cabeças nos movimentos populares latino-americanos.

Insuportável, enfim, porque há muito tempo, o tempo de criar os filhos e envelhecer, não se via boa

Arquivo Rubem César Fernandes



Mazowiecki à esquerda de Walesa numa manifestação em 1983: a caminhada os levou ao poder, que se desgastou em poucos meses

## A unidade do Solidarnosc resultava da confluência de movimentos que agora divergem

razão para que as coisas seguissem como estavam, a não ser a inércia absurda de uma situação sem saída. Nem os proventos donos do poder levavam mais a sério seus longos discursos. A utopia tornara-se uma farsa sem vergonha.

Fica difícil acompanhar o “pós-socialismo” sem uma percepção aproximada do momento anterior. Não é “avanço”, nem “recuo”. É uma revolução às avessas, vivida como uma “volta ao real”, a manhã seguinte a um sonho ruim. Como foi esta manhã na Polônia, a primeira a romper o círculo?

No princípio, a alegria incomensurável e a surpresa diária diante das muretas, muros e muralhas que ruíam ao tocar das mãos. O irredutivelmente impossível tornara-se “fácil”. Depois veio o trabalho e o enfrentamento dos problemas, antigos e recentes, que não são poucos. A reconstrução apenas principia.

Encontrou-se, na Polônia, uma estratégia peculiar: moderada quan-

## Os centros do Solidarnosc, Gdansk e Varsóvia, estão a ponto de romper relações



Arquivo Rubem César Fernandes

to aos meios, radical quanto aos fins. Isso foi possível devido a uma história anterior. Desde 1956 (“Outubro Polonês”), o sistema totalitário fora limitado por algumas brechas: um campesinato particular, uma intelectualidade relativamente livre, uma igreja autônoma. Desde 1980, o mundo do trabalho organizara-se em contraposição ao regime, através de sindicatos clandestinos, *Solidarnosc*. Quando o poder dispôs-se enfim a ceder, as oposições estavam prontas para negociar. A transição na Polônia foi detalhadamente negociada ao redor de uma mesa redonda, em fevereiro de 1989. O tempo acelerou-se, os quatro anos previstos reduziram-se a quatro meses, mas a forma do compromisso foi preservada: “Presidente Vosso, Primeiro Ministro Vosso”. Na presidência, o mes-

mo general, Jaruzelski; na chefia do governo, T. Mazowiecki, opositor desde 1956, assessor de Walesa nas greves de 1980, intelectual da esquerda católica. O parlamento foi eleito segundo normas que garantiam, *a priori*, uma grande representação para o partido comunista (Poup).

Este governo de conciliação deuse porém por tarefa uma obra maior: desestatizar o país, reconstruir a sociedade civil, com liberdade sindical, de greve, de associação, de comunicação, de educação, de preços, de propriedade, e tudo isto pondo fim à inflação e retomando o desenvolvimento. Um ano depois, percebe-se que ingressam já, de fato, numa nova era. A solidariedade que reunira a nação contra o totalitarismo divide-se diante das dificuldades e das alternativas. Os valores fundamentais — liberdades civis, participação dos trabalhadores nos processos de decisão, resgate das tradições nacionais, modernização — continuam a ser afirmados pelos principais personagens. Mas os valores não são sempre complementares entre si, e as possibilidades de realização são estreitas. As escolhas se impõem, e as opiniões se dividem. O *Solidarnosc* nunca foi organizado segundo uma disciplina hierárquica. Sua unidade resultava da confluência dos movimentos. Agora os movimentos divergem.

Campo e cidade se confrontam. Produtores rurais (pequenos e médios, grandes não há) reagem às reformas econômicas. Sentem-se ameaçados pelo fim dos subsídios e pela competição dos produtos agri-

Walesa exige a demissão de Jaruzelski e propõe a antecipação das eleições parlamentares: “Eu não quero ser presidente, eu serei obrigado a ser presidente”

O *Solidarnosc*, cuja força despertou a atenção do mundo para a Polónia no início dos anos 80: hoje dividido diante das dificuldades e das alternativas



## O PREÇO DA TRANSIÇÃO

colas ocidentais. Os choques ocorrem nas aldeias e se prolongam na capital. O *Solidariedade Rural*, que já se julgava mal representado no ministério de Mazowiecki, entra em rota de colisão com o governo.

Mais grave ainda, os dois centros nacionais do *Solidariedade*, Gdansk e Varsóvia, estão a ponto de um rompimento de relações. Walesa critica o gradualismo dos métodos de Mazowiecki e reclama o fim do governo de transição. Exige a demissão do general Jaruzelski, apresenta-se como a única alternativa ("Eu não quero ser presidente, eu serei obrigado a ser presidente"), e propõe uma antecipação das eleições parlamentares. Walesa capitaliza uma dupla insatisfação popular: com o fim dos subsídios (a economia anterior consistia de um vasto e intrincado sistema de subsídios), os produtos apareceram nas prateleiras, mas a preços proibitivos. Walesa apóia a reforma, mas diz que o povo tem razão de reclamar. Cabe ao governo achar soluções, diz ele — "quando a carroça vira, não é ao cavalo que se cobra a culpa...". Por outro lado, enquanto as comissões de especialistas e o parlamento discutem as regras das

Para apressar a operação de desmonte do regime comunista na Polônia, o governo do primeiro ministro T. Mazowiecki, do *Solidariedade*, escolheu um tratamento de choque de tirar o fôlego e o poder aquisitivo de 40 milhões de poloneses. Com a eliminação de subsídios e privilégios, fechamento de empresas ineficientes, liberação de preços, o governo obteve alguns êxitos, com a queda da inflação de 54% em outubro para 6% em maio.

Mas outros resultados são penosos, como registrou o *Jornal do Brasil* na edição de 8 de julho: "De dezembro de 1989 a maio último, os salários cresceram escassos 18%. E uma geladeira ficou 73% mais cara. A gasolina aumentou 92%. O aluguel em

Varsóvia subiu 98%. Pão e carne subiram 140%. O desemprego, quase inexistente no regime comunista, já aflige 400 mil trabalhadores".

Também o jornal *Vermelho e Branco*, na edição de junho, trazia dados alarmantes da situação econômica da Polónia pós-plano Mazowiecki. "Nos primeiros três meses do ano, a produção industrial caiu 30% em relação ao mesmo período de 1989 e o poder de compra do salário sofreu uma redução de 35% em janeiro e 25% em março. O governo concorda em que o desemprego poderá atingir 1,5 milhão de pessoas até o final do ano".

O número de filiados do *Solidariedade* caiu de 10 milhões em 1980 para 2 milhões.

privatizações, a *nomenklatura* ganha tempo para reciclar seus privilégios. Walesa dá vazão aos sentimentos negativos, difusos e gerais, contra uma tal injustiça da sorte.

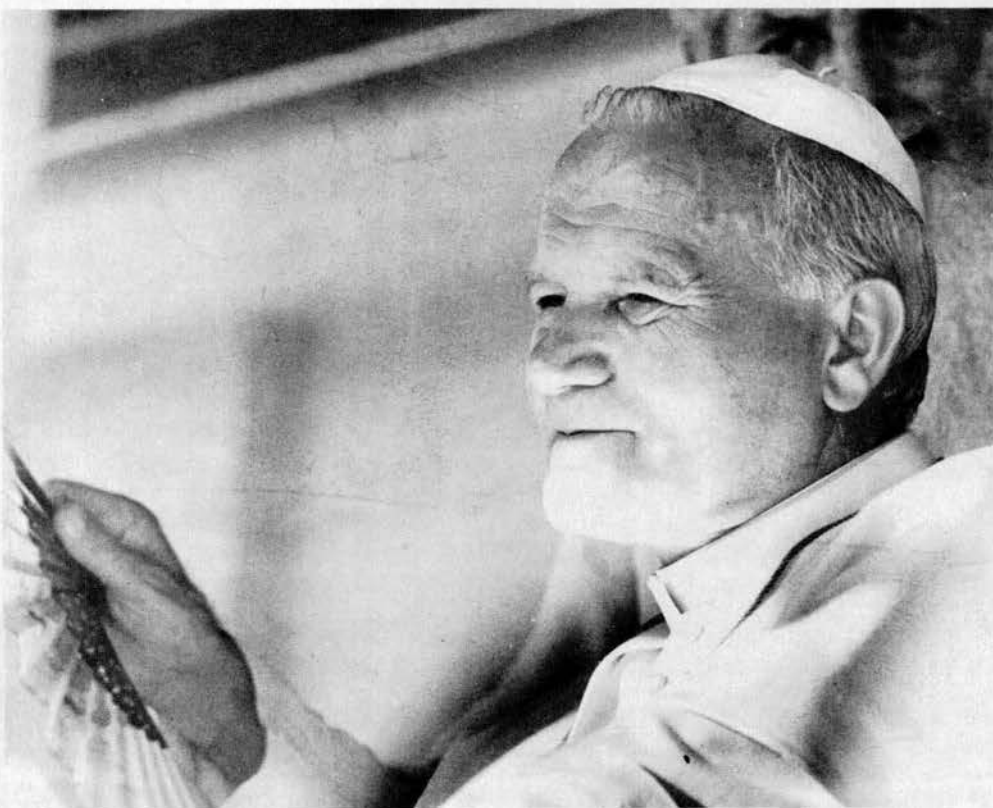
Em suma, diante dos impasses, Walesa investe contra o pacto parla-

mentar que fundou a ascensão do *Solidariedade* ao poder, e propõe um outro estilo de governo, apoiado em seu carisma pessoal. "Polonês não vota em programas. Polonês vota em pessoas", disse J. Kaczynski, homem forte atual de Walesa. A intelectualidade e as lideranças nacionais dos comitês civis afastam-se dele (Walesa) indignadas, recuando frente ao espectro de uma espécie de Perón polonês. Adam Michnik indagou: "Será que o Oder e o Naisse (rios que marcam a fronteira com a Alemanha) estão se transformando num rio Grande?". Em outras palavras, estará a Europa do leste virando uma América Latina?

Só há um polonês capaz de conter o ímpeto catalisador de Lech Walesa. Seu nome é Karol Wojtyła. Numa carta recente, João Paulo 2º não se furtou ao desafio. Declarou textualmente: "Mazowiecki encarna aos olhos da nação a esperança de uma sociedade baseada na verdade, na justiça e no respeito aos direitos do homem". São estes os valores que venceram; mas como já se vê, os processos necessários à realização da esperança apenas principiam.

Rubem César Fernandes, professor do programa de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, é secretário-executivo do Instituto de Estudos da Religião (Iser)

O polonês Karol Wojtyła: "Mazowiecki encarna aos olhos da nação a esperança de uma sociedade baseada na verdade, na justiça e no respeito aos direitos do homem"

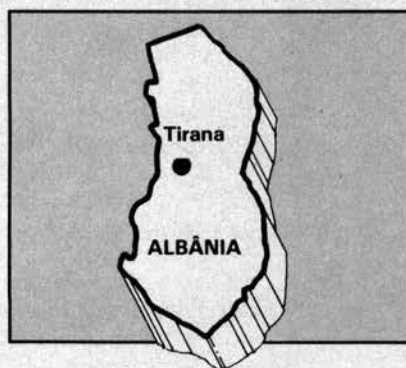


# O LESTE EUROPEU PASSADO A LIMPO



*A Albânia é o último país do leste europeu a ser atingido pelos ventos capitalistas do ocidente*

Maurício Waldman



**Albânia**

Neste país de montanhas íngremes e desfiladeiros onde todos os invasores foram sucessivamente derrotados, vive-se ainda sob a sombra de Enver Hodja, cuja morte (1985) detonou um tímido processo de mudanças tanto interna quanto externamente. Considerado o país mais atrasado da Europa, a Albânia apresenta acentua-

do grau de contradições, polarizadas pela automarginalização dos processos que se desenvolveram em todo o leste europeu, particularmente a releitura do stalinismo, doutrina que ainda é oficial. Ramiz Alia, sucessor de Enver, parece preocupado em assegurar um mínimo de serenidade às transformações que têm sido implantadas, entre elas a retomada do diálogo com a Iugoslávia, uma pequena abertura para a economia de mercado, liberdade religiosa e garantias dos direitos civis frente ao estado.



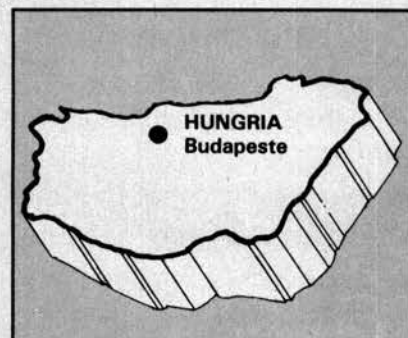
**Iugoslávia**

A Iugoslávia é, ao lado da Albânia, dos poucos países onde o regime socialista foi implantado através de uma revolução popular, liderada pelo marechal Tito, que expulsou os invasores fascistas, aboliu a monarquia e proclamou a República Popular, sob sua liderança (1945). Enfrentando Stálin, a Iugoslávia implantou seu modelo de socialismo, autogestionário, que esconde crescente disparidade social, desemprego e inflação. A morte de Tito, em 1980, foi o estopim para que a frágil unidade nacional entrasse em crise. Composta por nacionalidades artificialmente unidas em um só país, a Iugoslávia reúne ainda etnias que são atraídas pelos países vizinhos, como os albaneses (no Kossovo) e os húngaros (na Vojvodina). O esfacelamento do país é tido como certo, com desdobramentos imprevisíveis.



**Polônia**

No leste europeu, a Polônia destacou-se como o país em que a crítica ao stalinismo foi mais longe. Não por acaso, a classe trabalhadora polonesa foi pioneira no confronto com a burocracia, criando sua própria estrutura de poder, o *Solidarnosc*, que ganhou a confiança do povo com Lech Walesa à frente. A queda do Poup (Partido Operário Unificado Polonês) significou o fim de um regime detestado, por conta de sua natureza artificial, que contava com o exército soviético como sua maior fonte de apoio. No entanto, o vazio deixado pelo Poup acentua ainda mais os valores conservadores, entre eles o xenófobo nacionalismo polonês, proverbialmente anti-russo, antigermânico e anti-semita, este último uma autêntica tradição nacional. É previsível que a erosão da crença na economia de mercado como a panaceia de todos os males trará em sua esteira o avanço dos nacionalistas e dos ultraconservadores.



**Hungria**

A chamada versão *goulash* do socialismo é a mais antiga experiência de "socialismo de mercado". Silenciosamente implantada pelo gover-



no de János Kádár, preposto imposto ao povo húngaro pelo exército soviético na repressão ao levante de Budapeste, em 1956, as transformações incluem a permissão de funcionamento de empresas privadas e a adesão ao Fundo Monetário Internacional.

Neste sentido, a Hungria espelha as possíveis consequências da volta ao capitalismo na Europa oriental. A penetração do capital estrangeiro e o ressurgimento da burguesia são acompanhados de intensa desestabilização social, com desemprego, inflação e escassez em todos os níveis. A exemplar ferocidade do nacionalismo húngaro também ergue sua frente, que tem no império magiar medieval sua grande referência.

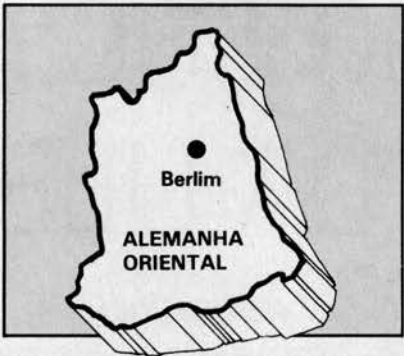


**República Theca e Eslovaca**

De todas as experiências em curso na Europa oriental, talvez a República Theca e Eslovaca seja a que possui maiores possibilidades de sucesso. País com sólida base industrial, vocação herdada do extinto império austro-húngaro, uma população politizada e com uma forte experiência democrática do período entre guerras, constitui uma exceção na região, caracterizada por ansiedades nacionais e fraqueza generalizada das instituições.

Havel e Dubcek constituem lideranças de grande legitimidade. O primeiro, por sua atuação na defesa dos direitos civis; o segundo, famoso pelo papel de destaque na “Primavera de Praga” (1968), empenhado na construção de um “socialismo com face humana”.

Neste cenário, a presença da vigorosa classe trabalhadora theca e eslovaca poderá constituir um novo ponto de partida para o país.



**República Democrática Alemã**

Apesar da propaganda oficial da burocracia apresentar uma imagem otimista, ficava cada vez mais difícil aceitar a RDA como uma real alternativa à Alemanha Federal e como resultado do caráter combativo do proletariado alemão, de cujas tradições se julgava herdeira. Na realidade, a RDA tinha em sua burocracia uma caricatura de si mesma. Responsável por um regime autoritário e repressivo, a burocracia engendrou o aberrante Muro de Berlim, uma “muralha na defesa da felicidade”. Por conta disto, inviabilizou-se o diálogo com a juventude, com o movimento ecológico, com os dissidentes em geral. Com a *perestroika*, desabou de vez este velho edifício. Ficaram as incertezas trazidas pelos novos ocupantes do país: os capitais da Alemanha Ocidental, ao mesmo tempo em que a versão prussiana do socialismo real finda sem deixar vestígios.



**Romênia**

De todos os regimes que ruíram no leste europeu, nenhum alcançou os requintes de crueldade e despotismo implantados pelo casal Ceausescu. Formado por Nicolae (emulado pela propaganda oficial como “gênio

dos cárpatos”) e por Helena (emulada como “mãe de todos os romenos”), o regime perdeu por décadas, contando com a conivência da imprensa ocidental que enaltecia a independência do regime frente à URSS ao mesmo tempo em que calava sobre a brutalidade imposta ao conjunto da população. A queda do odiado regime não significa, da mesma forma que no resto do leste europeu, o “triunfo da democracia”, pois ditaduras não costumam constituir campo fértil para pluralismo e diversidade de opiniões. No recém-eleito regime de Iliescu multiplicam-se traços autoritários. A crise econômica é inevitável.



**Bulgária**

Por conta do autoritarismo do regime de Jivkov e da falta de tradições democráticas, a Bulgária constitui o único país (ao lado da Romênia) que manteve no poder quadros do antigo PC, agora metamorfoseado de social-democracia. Também na Bulgária a queda do socialismo real viu-se acompanhada da acentuação dos conflitos étnicos, em especial o que opõe a maioria da população contra a minoria turca que, apesar de assentada no país há cinco séculos, ainda é tida como estrangeira. A implantação da economia de mercado encontra resistências de toda ordem, da falta de experiência por parte de uma população que majoritariamente descende de pequenos proprietários até pela ausência histórica de uma burguesia digna deste nome. Turbulências é que não faltarão a este pequeno país balcânico.

Maurício Waldman, sociólogo, geógrafo e militante ecologista, é sócio-fundador da Associação Cultural Agostinho Neto

# IMPLOÇÃO DO SOCIALISMO E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

*A teologia da libertação não se sente atingida pela implosão do socialismo. Sua opção nunca foi pelo socialismo, mas pelos pobres*

Leonardo Boff

**H**á que pensar a partir dos fatos e sempre aprender da história. Que desafios representam para a teologia da libertação e para a igreja das bases os seguintes fatos: a superação dos últimos resquícios de stalinismo mediante a *glasnost* e a *perestroika* na URSS; o massacre dos jovens que clamavam por democracia na praça da Paz Celestial em Pequim;

a implosão do socialismo centralizado do leste europeu; e a derrota dos sandinistas na Nicarágua, que junto com Cuba mantinham viva a chama revolucionária para a América Latina? São-nos colocadas três questões:

1. Sempre se alimentou nos grupos comprometidos com a transformação social a utopia do socialismo como superação do capitalismo.

Com a crise e a implosão do socialismo real, que alternativa nos resta ao capitalismo? Ou este triunfou de vez?

2. Que validade detém ainda o arsenal de instrumentos teóricos do marxismo para entender a sociedade, especialmente a categoria "classe social"? Os *lumpen* (os pés descalços e descamisados) não foram valorizados por Marx como agentes de transformação social. Hoje eles decidem eleições e votam, geralmente, em candidatos populistas, que reforçam a ordem do capital — exatamente aquela que cria e exclui os *lumpen*. Como se há de enfrentar esta situação?

3. Os cristãos ajudaram na vitória e na consolidação da revolução san-

Douglas Mansur/Memória



Uma comunidade cristã de base onde os pobres se transformam de massa em povo de Deus: o socialismo é visto como uma mediação para realizar melhor a vida destes oprimidos



dinista. Atualmente os sandinistas foram apeados do poder por voto popular. Como fica a situação dos cristãos revolucionários na América Latina?

Queremos sem subterfúgios afrontar as três questões.

#### **Sonho da humanidade libertada**

— Marx nunca entendeu o socialismo como uma oposição ao capitalismo, mas como a realização dos ideais proclamados pela revolução burguesa: liberdade e dignidade do cidadão, seu direito ao livre desenvolvimento e à participação na construção da vida coletiva e democrática. A preocupação de Marx era esta: por que a sociedade burguesa não consegue realizar para todos os ideais que proclama? Ela produz o contrário do que quer. O trabalhador deveria ser sujeito do trabalho; ele se transforma em objeto, porque sua força de trabalho vira mercadoria; é um objeto que é oferecido no mercado e é pago em salários. A economia política deveria satisfazer as necessidades humanas (comer, vestir, morar, se comunicar etc.) mas na realidade ela atende às necessidades

do mercado, em grande parte artificialmente induzidas. No capitalismo tudo vira mercadoria, coisa que dá dinheiro: desde as realidades mais sagradas como a religião e a mística até os objetos mais comuns como arroz e feijão. Toda atividade humana e o que ela produz se medem em valor monetário. Os objetos viram sujeitos e os sujeitos objetos. Quer dizer, atribuem-se aos objetos produzidos características do sujeito como vida, força, poder e ao sujeito características do objeto: seu trabalho vale caro, barato etc.

Para Marx, a não consecução dos ideais da revolução burguesa não se deveu à má vontade dos indivíduos ou dos grupos sociais; é consequência inevitável do modo de produção capitalista. Este modo de produção se baseia, em primeiro lugar, na apropriação privada dos meios de produção (capital como terras, fábricas, tecnologias) com os reflexos que daí se derivam para a organização da política, do direito, da educação e das idéias na sociedade e, em segundo lugar, na subordinação do trabalho aos interesses do capital. Esta situação esfaca a sociedade em classes sociais. Elas têm interesses antagônicos. Surge assim a luta de classes. As pessoas na ordem capitalista tendem fatalmente, quer queiram, quer não, a se tornar desumanas e

estruturalmente “más” umas para com as outras.

Qual é a saída excogitada por Marx? Vamos trocar o modo de produção. Ao invés da propriedade privada vamos introduzir a propriedade social. Mas, cuidado!, aqui há um ponto que foi totalmente esquecido no socialismo real e ainda hoje pouco recordado nos debates. Para Marx, a troca de modo de produção não é ainda a solução do problema. A socialização não garante a nova sociedade; ela cria as condições para ela. A propriedade social é apenas *meio* de modificar as relações humanas e oferece tão somente as *chances* de desenvolvimento dos indivíduos. Através das novas relações e do desenvolvimento, os indivíduos não seriam mais meios e objetos, mas fins e sujeitos, irmãos e irmãs solidários que se complementam mutuamente na construção da sociedade verdadeiramente humana.

Isso é o socialismo para Marx e Engels, como etapa última, antes do advento da grande utopia do comunismo no qual cada cidadão colabora consoante suas capacidades e recebe conforme suas necessidades. Mas isso é o grande sonho político da humanidade, cuja possível realização histórica não cabe aqui discutir.

Para Marx, os primeiros interessados nesta transformação seriam as vítimas do sistema capitalista, os assalariados. Eles, portanto, seriam os portadores naturais, junto com outros aliados, desta bandeira do socialismo. Por que não foi triunfante? Porque se criou com o leninismo o partido único, “guia e educador das massas”, que organizou sozinho toda a sociedade e o Estado, cortou a participação popular, impediu a democracia, introduziu uma imensa máquina de controle, gerou um Estado burocrático e beneficente mas nada participativo.

Quanto socialista é semelhante sociedade que a si mesma se chama de socialista? Muito pouco pelos critérios dos fundadores dos ideais socialistas. Estes sonhavam com um socialismo democrático a partir das maiorias populares, que incorporasse todos os valores da revolução burguesa, criasse novos e os universalizasse. Isso não ocorreu.

Não devemos perder estes grandes ideais cristalizados na idéia do

### *O socialismo é visto como uma mediação para realizar melhor a vida e a justiça dos pobres*



João Roberto Ripper/Memória

A verdade da exploração capitalista: comprovada na degradação do tecido social dos países ricos e nas vidas esfaqueadas dos abandonados das sociedades periféricas

socialismo. Eles pertencem aos sonhos mais ancestrais da humanidade. Não será a crise de um tipo de socialismo (o autoritário e estatal) que engolirá as esperanças por uma sociabilidade mais humana. O capitalismo não triunfou. Triunfou sim a vontade de participar e de conviver democraticamente. Ninguém será tão inimigo de sua própria humanidade a ponto de aceitar como veredicto final da história a condenação de sermos lobos e não amigos uns dos outros.

Hoje, depurado de seus vícios, fora do poder hegemônico, os ideais socialistas não foram ao exílio. Eles encontrarão seu lugar, lá onde é o seu habitat natural, nas nações pobres e oprimidas do terceiro e quarto mundos.

Dever-se-á aprender a lição da história. A sociedade que se quer construir deverá ser adequada à multifacética natureza do ser humano. Esse possui uma dimensão pessoal, familiar, comunitária, social, transcendente. O regime de propriedade deverá corresponder a estas dimensões. Não só propriedade privada, nem só social, mas os vários tipos e combinações que melhor atendam às demandas humanas. Dada a relevância do social hoje, certamente a propriedade social terá hegemonia, mas conviverá com outras formas, com as correspondentes incidências nas várias instâncias da sociedade, como a política, a cultura etc.

E é graça do Espírito na história que as igrejas cristãs, bem como outras religiões mundiais, estejam se articulando com os movimentos socialistas e encontrem conaturalidade entre as propostas religiosas e os sonhos socialistas. Ou a humanidade entrará num imenso processo de socialização com uma democracia aberta até cósmica (convivendo com as pedras, plantas, águas, nuvens como irmãos e irmãs), e assim preservará para todos o dom sagrado do ser e da vida, ou então correrá riscos iminentes de um apocalipse nuclear. Não haverá nenhuma arca de Noé para salvar quem quer que seja, capitalista ou socialista, ateu ou teísta.

**O que foi verdade uma vez sempre terá valor** — Para criar a nova sociabilidade mais adequada à natureza humana, e assim realizar os ide-

ais da revolução burguesa negados no modo de produção capitalista, Marx teve que construir um diagnóstico deste modo de produção. Para o capitalismo, o que efetivamente conta são a produção e o consumo. A posição que cada um ocupa no processo produtivo define a classe social. Como há várias posições, há também várias classes. E cada classe representa também um conjunto de interesses, próprios de cada classe. Como os interesses entre as classes são conflitantes, surge a luta de classe. Por isso, as sociedades capitalistas são intrinsecamente conflitivas e tensas. Cada classe projeta também um modo de conhecimento, pois a cabeça pensa a partir de onde pisam os pés.

Marx não foi apenas um analista do capitalismo e um arquiteto do socialismo. Ele alimentou também uma perspectiva filosófica; queria sempre saber como se constrói a sociedade humana. Projetou uma representação das mais consistentes na história do pensamento; todos os cientistas sérios (também os teólogos) são obrigados a dialogar com Marx; o estômago analítico não conseguiu digeri-lo completamente até os dias de hoje, porque ele viu dimensões fundamentais da construção social da realidade, de uma forma processual e flexível (dialética).

Assim Marx percebeu que em cada sociedade entram em ação, de

forma sempre articulada, três forças fundamentais (cada força exige, pressupõe e envolve a outra: é a dialética): a *econômica* (responsável pela produção e reprodução da vida material), a *política* (as formas como distribuímos o poder e organizamos as relações sociais) e a *simbólica* (as maneiras de significar o mundo através de símbolos, idéias e valores). Na forma de relacionar estas três forças, devemos, segundo Marx, partir sempre da econômica. Ela é como um fundamento que sustenta todas as demais partes. Por isso ela condiciona, em última instância, a política e as significações ou ideologias que circulam na sociedade.

Atualmente se enriqueceu esta visão fundamentalmente correta de Marx com a contribuição da antropologia cultural. A cultura é um dado especificamente humano que pervade todas as forças construtoras de vida social. Por cultura se entendem as significações que o ser humano imprime em toda sua prática; também na economia está presente a cultura. Hoje entendemos que o processo da vida real que envolve todas as dimensões da existência humana,

*O marxismo é um instrumento para o oprimido desmascarar os mecanismos que geram pobreza*



Numa perspectiva de fé, são os descamisados os preferidos de Deus. Para Marx, a partir de um conjunto de forças articuladas eles seriam o sujeito histórico da transformação social



## A implosão do socialismo autoritário não perdoa os pecados e a perversidade do capitalismo

mais do que as relações de produção como queria Marx, está na base de qualquer sociedade. Da mesma forma a categoria "classe social"; numa sociedade de classes e não mais de ordens, como é a nossa, a categoria classe é imprescindível para se compreender a organização social e o conflito de interesses. Abandoná-la seria empobrecer nossa compreensão em detrimento do interesse dos mais fracos. Mas ela não recobre todos os fenômenos; são importantes a categoria "geração" e os valores culturais pelos quais grandes grupos humanos estabelecem suas relações e resolvem seus conflitos.

Para Marx, era o proletariado industrial o portador da consciência revolucionária de classe e o forjador principal da nova sociedade socialista. Hoje mais e mais há consenso em afirmar que a hegemonia num processo de mudança se dá por uma

coligação de campos de força, as assim chamadas classes populares que englobariam o bloco histórico e social dos oprimidos pela presente ordem. Este conjunto de forças articuladas entre si seria o sujeito histórico da transformação social.

É neste contexto que emerge a problemática dos descamisados (*lumpen*). Eles constituem em nossas sociedades de capitalismo dependente e associado as grandes maiorias. Conseguiram acesso ao voto e a benefícios do Estado populista. Como vivem no nível de substância, não possuem capital revolucionário. Sua questão não é transformar a sociedade (que exige consciência, uma estratégia mais ou menos definida, táticas de organização), mas garantir a sobrevivência mínima. Em razão deste condicionamento, são facilmente manipuláveis por representantes da ordem capitalista, que prometem benefícios imediatos, sem contudo modificar-lhes a situação de exclusão e de dependência, o que implicaria uma transformação da sociedade da qual eles não seriam sujeitos.

Há perplexidade entre os teóricos sobre como entender a irrupção destes miseráveis na cena política e que pedagogia seja adequada na abordagem de seus problemas vitais. Certamente o processo de conscientização conserva seu valor, mas seu alcance, com referência às massas, é francamente limitado. Podem as massas

ser conscientizadas? Já não seriam mais massas, mas povo organizado. A conscientização, além de ser um processo pedagógico, é um valor e um direito de todo ser humano. Mas, como tal, possui uma forte dose de utopia, nem sempre possível de ser traduzida na prática. Governos fascistas souberam falar à subjetividade das massas, mas conduzindo-as para objetivos que não correspondiam aos interesses objetivos delas. A igreja romano-católica de vertente conservadora (também outras igrejas populares de cunho pentecostal) sempre soube também conduzir massas, mediante um manejo inteligente de símbolos poderosos e de arquétipos de grande significação. Geralmente o sentido era de mantê-las pacientemente na situação desumana em que se encontram, mas com forças de sublimação, de resistência e de espiritualização de suas contradições.

Cabe a indagação: as massas, por sua natureza massiva, não constituiriam realidades parcalemente conscientizáveis e por isso sujeitas a serem conduzidas, como águas caudalosas que, naturalmente, escolhem os lugares mais fundos para escorrerem? A questão seria conduzi-las na direção de seus interesses reais, que vão sempre em duas direções básicas: a primeira, garantir o sentido mínimo da existência, na medida em que se assegura a reprodução material da vida; e a segunda, propiciar a definição de um sentido último do mundo e da vida, já que é próprio do ser humano suscitar tais indagações. A condução dentro destes parâmetros deixaria de ser manipulação em benefício dos interesses de outros, mas uma verdadeira direção (em latim se diria *manuductio*, conduzir pela mão) em benefício dos próprios descamisados. A responsabilidade cabe ao grupo dirigente de manter-se ligado às massas e de jamais perder o sentido ético do serviço desinteressado. Numa perspectiva de fé, são estes descamisados os privilegiados de Deus, os primeiros herdeiros do Reino. Se não podem ser os sujeitos de sua história humana, são os cidadãos natos do Reino do Filho que, ao encarnar-se, se identificou com eles e lhes assumiu a causa. Esta compreensão de fé permite abordar de forma singular os *lumpen*; eles já-

## O Evangelho, na medida em que guarda a "memória subversiva" de Jesus, é revolucionário



Cristãos da Nicarágua: prova de que é possível um cristianismo revolucionário, não por questões políticas, mas intrínsecas ao próprio evangelho



**Pelo grito dos oprimidos chega a interpelação de Deus: não se trata de socialismo ou capitalismo, mas de obediência à Palavra que convida a um compromisso de transformação social**

mais serão considerados zeros políticos por causa da sua mínima contribuição revolucionária, porque a política não é, finalmente, tudo na existência humana; eles são os que vêm da grande tribulação e guardam em suas carnes as marcas do Cordeiro (cf. Ap 7,14); são os sacramentos que nos trazem a presença do Servo sofredor que, junto com eles, grita por ressurreição até que se instaurem na terra o direito e a justiça para todos. É nas comunidades cristãs de base das várias igrejas que eles, de massa, se transformam em povo e pela fé se fazem povo de Deus.

A teologia da libertação não se sente atingida, em sua intuição originária, pela implosão do socialismo e pela crise da racionalidade marxista. Sua opção nunca foi pelo marxismo ou pelo socialismo, mas pelos pobres. E o socialismo é visto como uma mediação para realizar melhor a vida e a justiça dos oprimidos. A teologia da libertação vive de sua intuição original, a de ter descoberto a íntima conexão que existe entre o Deus da vida, o pobre e a libertação. Disso fez uma espiritualidade, uma prática pastoral e uma teologia. E é bom para os pobres e para todas as igrejas.

O marxismo enriquecido pela análise cultural continua sendo um ins-

trumento nas mãos dos oprimidos para desmascarar os mecanismos que produzem sua pobreza. Aquilo que de verdadeiro foi visto um dia pelo marxismo será verdadeiro sempre. Não somos como os sofistas, que para cada auditório tinham uma verdade. A verdade da exploração capitalista se comprova na degradação do tecido social dos países ricos e nas vidas estraçalhadas dos operários e dos abandonados de nossas sociedades periféricas. A implosão do socialismo autoritário não perdoa os pecados e a perversidade intrínseca do capitalismo. Esta deve ser permanentemente denunciada exatamente agora que ele se sente eufórico e triunfante.

#### **Cristianismo revolucionário —**

A contribuição dos cristãos da Nicarágua é de dupla ordem, prática e teórica. Praticamente, por razões de evangelho, eles ajudaram a fazer a revolução contra um dos regimes mais opressores da história latino-americana; depois constituíram uma força significativa na consolidação da nova ordem (sandinista-socialista) especialmente no campo da saúde e da educação. Teoricamente mostraram que é possível romper o cativo a que está submetido o cristianismo dentro da ordem capitalista, pois há séculos vive com ele uma aliança perversa. Provaram também

que é possível um cristianismo revolucionário, não por razões conjunturais e políticas, mas intrínsecas ao próprio evangelho. Mais ainda, que o evangelho, na medida em que guarda a “memória subversiva” de Jesus de Nazaré, que pessoalmente fez uma opção pelos pobres, é sempre revolucionário; obriga-nos a ver a história a partir de seu reverso porque esta foi a ótica de Jesus e a construí-la a partir dos últimos, as vítimas de nossos sistemas de convivência. Tudo isso no-lo mostraram prática e teoricamente os cristãos nicaraguenses. Deram uma contribuição inestimável ao cristianismo mundial. Que tenham perdido uma eleição, são coisas da política que têm uma explicação compreensível. O povo não votou contra a revolução, votou pelo fim da guerra suja e pela paz.

O desafio que os cristãos nicaraguenses já responderam continua sendo colocado a todos os cristãos da América Latina, o de fazer da fé uma força de libertação dos oprimidos. Em 1612, Felipe Guaman Poma de Ayala, indígena peruano, da estirpe dos incas, depois de ter vivido trinta anos na Espanha, regressa ao Peru e por outros trinta anos faz-se conscientemente pobre e anda por todas as partes “em busca dos pobres de Jesus Cristo”. Muitas vezes, face à miséria a que seus irmãos e irmãs são submetidos, transforma sua indignação em oração: “Dios mío, adónde estás? No me oyes para el remedio de tus pobres, que yo hartó remediado ando”. Ele deu, como leigo, indígena, pobre, um exemplo que não foi acolhido ainda nas igrejas da América Latina. Ele viveu indianamente um cristianismo inconformado e cheio de ânsias de libertação. Pelo grito dos oprimidos de nosso continente nos chega a interpelação de Deus. Aqui não se trata de socialismo ou capitalismo, mas de obediência à Palavra que nos convida a um compromisso de transformação social. Esta é a Palavra dirigida às igrejas. Oxalá elas não sejam mortas...

**Leonardo Boff**, franciscano, é um dos principais teólogos latino-americanos. Autor, entre outros, de *A fé na periferia do mundo*, *Teologia do cativo* e *Do lugar do pobre* (Vozes)



# OS PONTOS FRACOS DO GOLIAS



*O economista e teólogo Ulrich Duchrow, da Igreja Evangélica da Alemanha, acredita que durante os próximos vinte anos o capital ocidental não vai precisar dos países subdesenvolvidos. “Vai se concentrar nos países onde pode desenvolver o ídolo do consumismo”, ou seja, os países do leste europeu. Esta crença de*

*Duchrow vem acompanhada de um temor: de que estes países, quando notarem que o capitalismo não lhes trará a mesma riqueza e poder de consumo dos países do oeste, se voltem para a direita. “Prevejo uma reação das pessoas empobrecidas pedindo líderes fortes e até governos militares”, profetiza Duchrow, que já esteve várias vezes na América Latina e acompanhou de perto a participação dos movimentos populares nas lutas políticas. Professor na Universidade de Heidelberg, ele exerce trabalho ecumênico junto a congregações locais, movimentos sociais e grupos ecumênicos em Baden. Co-autor do livro *To taler Krieg gegen die Armen*, Duchrow foi um dos principais assessores da Convocatória Mundial sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação, realizada em Seul, na Coreia, de 6 a 12 de março, ocasião em que concedeu esta entrevista a Tempo e Presença.*

Entrevista a Jether Pereira Ramalho  
e Jovelino Ramos

**TP** — As repercussões das últimas mudanças políticas no leste europeu têm levantado uma série de questões graves, tais como o processo do socialismo, hegemonia das leis de mercado etc. Como analisa esses acontecimentos e suas consequências?

**Duchrow** — Temos que reconhecer que houve uma certa vitória do capitalismo transnacional, mas também recordar que a derrota do tipo de socialismo dos países do leste europeu não significa a vitória do capitalismo. Sobre o fracasso do socialismo do leste deve-se levar em conta os fatores externos e internos. A história mos-

tra as tremendas pressões exercidas especialmente pelo capital transnacional a todas as experiências socialistas, desde União Soviética até Nicarágua, tentando impedir que esses países buscassem seus próprios caminhos. Por outro lado, o “stalinismo” (que não é só um produto do socialismo, mas que também tem raízes no Ocidente), com seu tipo de sociedade fechada, produziu um socialismo burocrático e autoritário. Essa concentração do poder econômico e político também está presente nas sociedades ocidentais através do controle da tecnologia, do poder de decisão monopolizado por certo tipo de burocratas e da forma concentracionista de acumulação de riquezas. Esse tipo de sistema político-econômico estimulou um desejo consumista incontrolável e a criação de uma determinada elite. O que vimos na Europa oriental foi, até certo ponto, uma cópia do capitalismo no sentido de um modelo racionalista, tecnológico, consumista, de concentração de poder, refletindo-se na maneira de pensar, estilo de vida e na organização da sociedade.

O desenvolvimento do sistema ocidental do capitalismo e a construção de um sistema de concentração de poder em um outro tipo de elite democrática, o que aconteceu no socialismo, têm raízes parecidas, baseados num tipo de racionalização da lógica moderna. Creio que os acontecimentos do leste europeu devem ser também um sinal para os países ocidentais, mostrando que o povo não aceita mais esse poder concentracionista e esse tipo de controle burocrático.

**TP** — Hoje propaga-se que a saída para o desenvolvimento passa pelo fortalecimento da iniciativa privada. Como analisa essa afirmação?

**Duchrow** — A distinção entre Estado e sociedade faz parte da novidade do pensamento moderno. O Estado passou a ter um papel importante para assegurar o desenvolvimento da propriedade privada e da acumulação. Locke mostrou claramente as contradições desse novo ~~conceito de Estado baseado na defesa da propriedade~~. Ele igualava o poder da propriedade de trabalho com o poder da propriedade da terra e do capital, partindo assim da premissa de que todos eram iguais, porque de certa forma todos eram proprietários. O Estado passaria a ser neutro, porque teria apenas que garantir os contratos que faziam os proprietários. Entretanto, como os poderes não eram iguais, o Estado foi sancionando e legitimando esse desequilíbrio de poder. Com o desenvolvimento moderno e liberal houve ainda maior concentração de poder econômico, que pesava mais que o político. Caso haja desequilíbrio no mercado, aí aparece o funcionamento da “mão invisível” de Adam Smith para assegurar os contratos e equilibrar o mercado. Com o avanço do processo histórico observou-se que quando o mercado se expandiu com a revolução industrial houve outro tipo de intervenção do Estado, no momento em que os movimentos dos trabalhadores foram se organizando e fortalecendo, também como força política.

## Os acontecimentos do Leste devem servir de sinal para os países ocidentais. O povo não aceita mais o poder concentracionista



Tanto no tipo social-democrático como no socialista, quando houve privilégios distintos de propriedade, o Estado tentou controlar o desequilíbrio entre os trabalhadores e o capital privado ou do Estado. Depois de Bretton Woods, 1944, houve nova explosão do mercado, com sua internacionalização e transnacionalização. Assim nenhum modelo de Estado, seja liberal, social-democrata ou socialista, tem os meios de controlar o poder transnacional do capital.

*TP — E essa situação questiona os dois principais tipos de Estado?*

*Duchrow —* Não há nenhum sistema político no mundo, que eu conheça, que conseguiu enfrentar o poder transnacional. Talvez o único que resistiu mais foi a China, que desligou-se durante muitos anos do mercado internacional. A China é o caso singular pela sua extensão territorial, pela sua imensa população. Tem recursos tão vastos que conseguiu, paradoxalmente, um mercado internacional dentro de si mesma. Sendo forçada pela corrida armamentista e precisando de tecnologia internacional, ela se abriu e começaram a aparecer suas contradições.

*TP — E o Estado soviético?*

*Duchrow —* Está se desmanchando. O modelo socialista burocrático não conseguiu incluir a participação popular dentro do seu socialismo e desenvolveu uma nova classe de elite burocrática. O povo passou a olhar para as vitrines ricas dos países capitalistas como alvo a ser alcançado, sem entender quem, na realidade, está pagando por tudo isso. Não perceberam que o capitalismo não está apenas em Frankfurt, Nova Iorque, mas também na América Latina, com sua pobreza e injustiças.

*TP — O socialismo foi um sonho para os países subdesenvolvidos. Como ficam os projetos para esses países?*

*Duchrow —* Muitos estão dizendo que existem agora até mais alternativas. Quando se falava em socialismo tinha-se como modelo o tipo distorcido do socialismo burocrático do leste europeu. Fica a pergunta: se todas as tentativas de controlar o capital transnacional têm fracassado, o que pode vir depois? Vejo duas indagações para essa questão: como gerar um poder que contrabalanceie esse autoritarismo e como controlar um poder político não burocrático?

Creio que o Brasil é um dos pioneiros em buscar respostas a esta questão. Através da mobilização difícil e a longo prazo dos movimentos populares e do aprofundamento das comunidades eclesiais de base pode-se gerar

um poder capaz de fazer frente ao poder do capital transnacional. Em diversos países, como Brasil, África do Sul, Coreia, por exemplo, os setores populares podem chegar ao poder nos próximos anos. Será, entretanto, que uma cultura política desenvolvida durante essa luta para chegar ao poder será suficiente para resistir à tendência de se converter em um novo estilo burocrático não participativo? Esta é uma pergunta chave para o futuro.

*TP — A teologia da libertação tem usado como mediação sócio-analítica as categorias marxistas. Se elas estão sendo questionadas, como fica a teologia da libertação?*

*Duchrow —* É preciso distinguir vários elementos no marxismo. A análise marxista dos mecanismos do capital nunca foi tão correta como em nossos dias. Marx foi um profeta sobre o desenvolvimento do capital, incluindo o transnacional. Há, entretanto, algumas lacunas que precisam ser preenchidas. A análise marxista do tipo clássico é extremamente racionalista, não leva em conta a base natural do ser humano, subestima toda a área de regeneração das pessoas e regeneração da vida. A questão "lumpen-proletariado" também não foi levada plenamente em consideração. O "lumpen" hoje está crescendo assustadoramente. Há situações em que representa dois terços da população. O avanço da automação, da tecnologia moderna, debilita a força de trabalho. O assunto é como trabalhar com o "lumpen", como potenciá-lo para renovar a sociedade, para desenvolver uma economia de subsistência digna e uma organização democrática. A preocupação com esses excluídos não tem estado na vanguarda do pensamento marxista. Acho que a análise de classe de Marx tem que ser revista. A questão agora é saber quais os parceiros dos trabalhadores nas transformações, quem venceu as contradições do sistema e quem tem poder de influência que possa afetar o sistema. Em qualquer lugar que as pessoas sintam os efeitos do sistema — seja na área da ecologia, sejam os oprimidos pelos sistemas militares, as vítimas das guerras de baixa intensidade, os que vivem nessa grave situação de precária sobrevivência — há sinais de organização. Precisamos estar alertas para verificar como se formam articulações nesses grupos sociais, como os movimentos populares contestam as contradições do sistema. E esse é o ponto fraco do Golias, que hoje está ganhando a batalha. Onde estão os pontos fracos dele? Onde jogar as pequenas pedras? Não é só a grande luta revolucionária que é importante, travada com as armas que o Golias também possui. São muitas pedras pequenas que acertam os pontos fracos do sistema. Essa é a imagem que pode ser usada com todos os tipos de pessoas que se organizam ao redor desses pontos de contradição. O poder está orgulhoso no céu das transnacionais, mas a terra está aí com as pequenas pedras para derrubá-la. Precisamos incentivar redes, articulações, frentes para ligar dores, lutas e esperanças.

*TP — Como se pode interpretar a rapidez das mudanças no leste europeu, principalmente na Alemanha?*

*Duchrow —* A pergunta deveria ser: como esse sistema conseguiu se manter por tanto tempo? A presença dos tanques soviéticos foi um fator decisivo para manter a situação. Em 1968, os tchecos tentaram dar uma



**O Terceiro Mundo perdeu um símbolo de esperança e terá que se afastar de uma ilusão.**

**Isso pode provocar um retrocesso**



cara democrática ao socialismo, uma substância democrática, uma cara humana. Mas foram esmagados pelos tanques soviéticos. No momento em que Gorbachev instalou um novo tipo de política e de pensamento no socialismo, fazendo reformas no seu próprio país, a base de poder desses países acabou.

**TP — A base não foi o povo?**

**Duchrow —** Não. O socialismo nesses países não aconteceu através de uma revolução. Aconteceu através das tropas soviéticas, depois da guerra. Foi imposto pelas tropas. Quando estas saíram, o sistema desabou. Claro que há outros elementos envolvidos nessas mudanças. Um dado importante foi o endividamento externo desses países. A Hungria é o país que tem a dívida mais alta *per capita* do mundo. A Polônia e a Iugoslávia também estavam nessa mesma armadilha em que o Brasil se enredou. A destruição das economias através das taxas provenientes das dívidas foi outro fator preponderante das mudanças. A base política desse sistema foi quebrada pela retirada dos russos e a base econômica foi destruída pelo tipo de desenvolvimento econômico e industrial que tentaram fazer com a ajuda dos empréstimos externos.

É preciso que se destaque um certo avanço social que foi alcançado nesses países do leste: justiça no atendimento às necessidades básicas, num patamar humilde, mas estendida a toda população. Houve progressos notáveis nos setores da educação e da saúde. As mães tinham o direito à maternidade que lhes garantia uma licença de dois anos para cuidar dos seus filhos, voltando depois para seu trabalho. Agora muitas pessoas estão se perguntando: com a política das leis de mercado, e ainda monitorado pelo FMI, o que irá acontecer com essa política social? Só esse ano já existem nesses países 2,5 milhões de desempregados. Na Polônia, já começam as primeiras greves contra essa política. Aparece imediatamente uma contradição: o governo dos trabalhadores tem que fazer a política do FMI contra seu próprio governo.

**TP — Que consequências o colapso desses sistemas socialistas poderá acarretar para o Terceiro Mundo?**

**Duchrow —** As consequências deverão ser negativas. Primeiro porque vocês perdem um símbolo de esperança e estão sendo obrigados a se afastar de uma ilusão, o que pode ocasionar uma volta atrás. A semente do futuro está na democratização que vem de baixo, com a participação popular. Os países do Terceiro Mundo devem fortalecer esse processo e não olhar para o tipo de socialismo burocrático que existia no leste europeu.

Há, entretanto, outro aspecto a ressaltar. O capital vai tentar lucrar o máximo possível na Europa oriental, que está se desenvolvendo, com boas condições pré-industriais e onde há retornos possivelmente rápidos. O capital para o Terceiro Mundo vai ficar muito caro e os juros vão explodir.

Creio que durante os próximos vinte anos o capital ocidental não vai precisar dos países subdesenvolvidos. Vai se concentrar nos países onde pode desenvolver o ídolo do consumismo, que foi também uma das razões que fez fracassar as economias do leste europeu. Elas tomaram o símbolo do próprio inimigo como alvo a ser alcançado.

Acho que o desenvolvimento da Europa oriental é o

## *O sistema ocidental está se construindo graças à terrível exploração e opressão que se faz a dois terços do mundo*

tipo do excedente salvífico da história para esse tipo de capitalismo que encontrou um terreno fértil para abrir novos mercados, ao mesmo tempo que vai ocasionar consequências ecológicas terríveis.

Uma coisa que me causa medo: que as pessoas dos países do leste europeu, quando verificarem que o capitalismo não está trazendo para elas a mesma riqueza e poder de consumo dos países do oeste, se voltem ainda mais para a direita. Não estou prevendo uma busca de um socialismo democrático como alternativa. Ao contrário, prevejo uma reação das pessoas empobrecidas, pedindo líderes fortes e até governos militares. Minha perspectiva para o futuro próximo é bastante cética.

**TP — Como as igrejas estão analisando essas mudanças?**

**Duchrow —** As lideranças das igrejas da Alemanha Ocidental aderiram apressadamente à reunificação das duas Alemanhas. Um grupo de cristãos não aprovou essa atitude e elaborou a chamada “Declaração de Berlim” de 15 de fevereiro de 90. O grupo entendia que as pessoas pudessem celebrar a possibilidade da unificação, mas se rejeitaria a idéia de que a Igreja se aliasse ao poder da Alemanha Ocidental. A igreja na Alemanha do leste lutou para se tornar pós-constantina, enquanto no oeste a igreja sempre foi muito ligada e dependente do poder. Na Alemanha Oriental a igreja tinha que sobreviver com os recursos que o povo dava voluntariamente, já que o Estado não recolhia os impostos para ela. Tinha que construir seu próprio sistema de educação em vez de usar o do Estado. Ela foi um símbolo de alternativa ao modelo constantino, que está presente na igreja do oeste. Apelamos para que haja essa luta dos cristãos do leste e não simplesmente seja trazida de volta essa coligação da igreja com o Estado.

Também se declara que não é correto dar a impressão de que no oeste está tudo bem, sem grandes problemas. Vocês do Terceiro Mundo sabem que o sistema ocidental está se construindo graças à terrível exploração e opressão que se faz a dois terços do mundo. Vislumbramos que as atuais forças que se opuseram ao poder na Alemanha Oriental vão se tornar novamente oposições, porque verão que o capital tem tomado o poder e que anula os resultados de sua democratização. Não há democracia onde não há o controle democrático da economia.

**TP — Há outras vozes nas igrejas que consideram que essa unificação significa mais liberdade religiosa?**

**Duchrow —** Não havia na realidade opressão religiosa na Alemanha Oriental. Os cristãos foram prejudicados no sistema de educação e também em certas situações de poder. Mas sentiram isso como um tipo de existência liberada de cristãos. Eles não queriam ficar numa situação igual à nossa, juntos e corrompidos pelo poder. Têm medo do oportunismo de um cristianismo fácil e barato oferecido pelo capitalismo e que será muito pior do que a situação que viviam no socialismo.



# CONVERSAS AO REDOR DO FOGÃO (1)

Lembro-me da sala de visitas da casa do meu avô, num sobradão colonial, lá em Minas. Era um vasto espaço luminoso, que se abria para a praça da cidade em quatro portas envidraçadas que terminavam em sacadas de ferro. O assoalho, de largas tábuas brancas, dizia sua velhice por meio dos rústicos pregos de ferro feitos na bigorna. O teto, esculpido em relevo, sugeria riqueza por meio de frisos dourados. Um gigantesco espelho pendia, oblíquo, da parede dos fundos, duplicando o espaço. Quadros a óleo nas paredes. Vasos importados e bibelôs. Do meio do teto descia um lustre de cristal, que pendia sobre uma mesa hexagonal de mármore. Portas de vidro coloridos, azuis, amarelos, vermelhos, verdes, por onde o sol passava tingindo chão e paredes. Sofá e cadeiras de palhinha, escondendo idade, tão novos e intocados pareciam...

Quase sempre vazia. Não era lugar de convivência cotidiana. Como seu nome dizia, era sala de visitas. Por isto ficava bem na frente da casa, ao final de uma escadaria de dois lances. Dialética de deixar entrar sem deixar entrar. Estar dentro, mas quase fora, sem atingir a intimidade. Visitas podiam entrar mas não podiam penetrar. Os segredos da casa ficavam assim protegidos... Ali se assentavam as pessoas de cerimônia, em ângulos retos, os homens de pernas cruzadas e botinas engraxadas, as mulheres de joelhos unidos. Servia-se cafezinho com sequilhos e a conversa acontecia dentro dos limites de uma etiqueta silenciosa que todos respeitavam: "Em casa de enforcado não se fala em corda". Não se permitiam tropeções... Falava-se sobre política, eventos de conhecimento público, tempo, a decadência dos costumes, e cuidava-se para que não houvesse silêncios. Os silêncios são sempre embaraçosos porque nunca se sabe o que o outro está pensando...

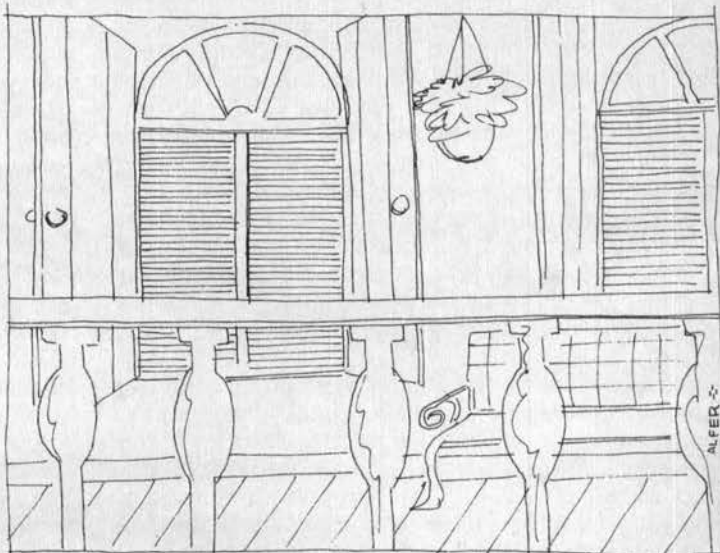
Os detalhes arquitetônicos podiam variar: havia casas ricas e casas pobres. Mas a filosofia da sala de visitas era sempre a mesma: mostrar o mínimo, elegantemente. O resto da casa — a vida que nela havia — tinha que ficar protegido.

Mas havia um outro lugar onde as visitas não entravam, lugar dos amigos: a cozinha. Ali as pessoas se assentavam à roda do fogão e o corpo se libertava das regras da

etiqueta. Espaço mágico presidido pelo fogo, o corpo livre do controle do espelho, ali aflorava uma outra verdade, pela sedução dos gostos e dos cheiros. O silêncio não incomodava, porque na cozinha havia um "estar juntos" que permitia a solidão, na encantada contemplação dos paus de lenha que gemiam e desprendiam os seus sucos ferventes pelas frestas de suas fibras. Os corpos experimentavam sua solidariedade com a comida e os pensamentos ficavam diferentes. Os pensamentos que nascem do fogão não são os mesmos que vivem no espelho. O corpo na sala de visitas não é o mesmo corpo que aparece na cozinha.

Para ir até este lugar era preciso penetrar na casa: ele ficava longe da fachada: não se abria para a praça pública mas para a horta murada. A cozinha ficava depois dos quartos e logo antes do banheiro: lugares de intimidades distintas...

Quem quer que tinha inventado esta divisão do espaço da casa conhecia os segredos dos espaços do corpo. Pois a casa é uma extensão do corpo. Quem entra dentro de uma casa entra dentro de um corpo... Os construtores das velhas casas sabiam das coisas da psicanálise. Pois ela diz que o corpo é assim. Tem uma sala de visitas luminosa onde qualquer um pode entrar. Só que, saindo-se dela, vai-se de novo para a praça pública. Vez por outra a cerimoniosa etiqueta é quebrada por acidentes imprevisíveis: cheiros que passam pelas frestas e trazem sugestões do que está sendo cozido no fogão; gemidos abafados, não se sabe se vêm de porões de tortura ou de alcovas de amor; crianças que irrompem correndo e fazem as perguntas proibidas; tropeções involuntários que mostram os convivas em posições inesperadas. Todos continuam gravemente assentados, a conversa prossegue de acordo com as regras, mas sabe-se silenciosamente que, se se penetrar lá dentro da casa, aparecerá uma outra verdade.







Também a sociologia sabe disto. O sociólogo é uma visita indiscreta que não se acanha em pedir para ir ao banheiro, não porque as pressões fisiológicas o obriguem a isto, mas porque as pressões da curiosidade não o deixam em paz. Diante das belas salas de visitas que podem ser vistas da rua ele se pergunta sobre o que acontece lá dentro, onde a vista não alcança. Sabe-se que o visível é mentiroso: fachada. Por isto não resiste ao convite de um buraco de fechadura. Que haverá lá dentro, longe dos olhos? Uma inspiração, uma orgia, um culto estranho, monotonia, pessoas transformadas em lobisomens, clérigos em festins de amor?

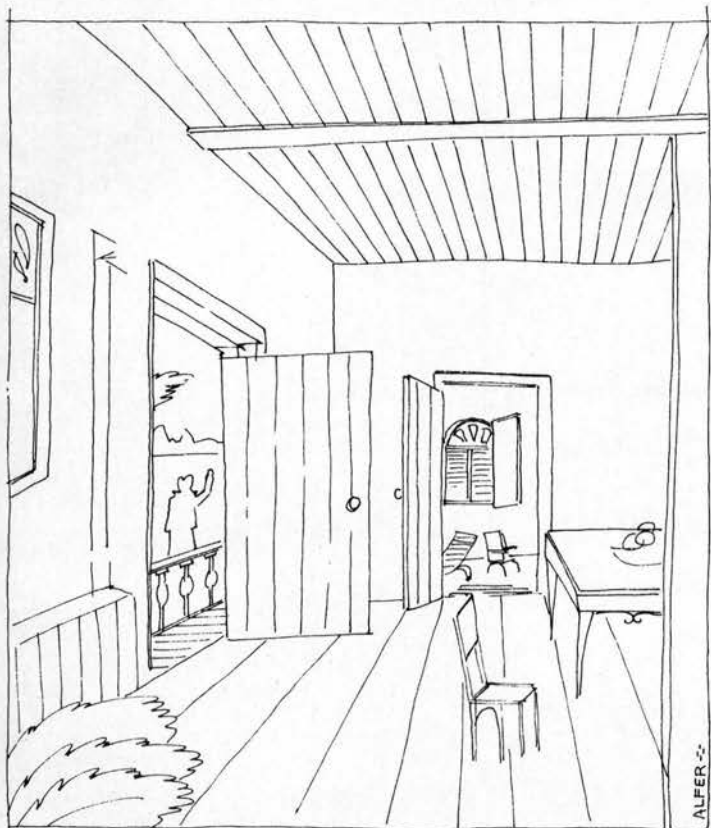
“Os mistérios sociais estão por detrás das fachadas”, diz Peter Berger. Os mistérios das casas mineiras, os mistérios da sociedade, os mistérios do corpo: tudo é muito parecido.

A teologia, coisa humana, não se furta a esta dialética da casa. Há uma teologia da sala de visitas e uma teologia da cozinha.

Na teologia da sala de visitas se falam as coisas respeitáveis sobre os mistérios de Deus, os imperativos da ética, as realidades da política. Como jogadores de xadrez, os participantes parecem absorvidos numa batalha — e por vezes os confrontos são ferozes, ao ponto do famoso “ódio teológico”. Mas as contradições de

superfície escondem um acordo silencioso sobre as regras do jogo. Não se pode falar nem sobre os cheiros que vêm da cozinha, nem sobre os gemidos surdos de dor ou de prazer que se ouvem, e nem sobre os embaraçosos tropeções que acontecem, vez por outra. Se, por acaso, uma criança travessa, ignorante das regras da etiqueta, entra na sala e diz uma coisa imprópria, o pai a fulmina com um olhar gélido, acolchoado em tonalidade paternal, que a reduz a um obsequioso silêncio, sob pena de punições mais severas.

Cansei-me da teologia da sala de visitas e moro agora na cozinha. A companhia me agrada. Primeiro, Lutero, assentado à mesa com Mellanchton, bebendo sua cerveja. É dali que surgem sua Tishrede, conversas ao redor da mesa... Ah! Como é bom fazer teologia assim. Para ser teólogo é preciso um pouco de loucura pois Deus, quem quer que ele ou ela seja, não é um pássaro preso na gaiola da razão. Não está lá nos textos sagrados que a sabedoria de Deus é loucura? No entanto — e esta é uma lição que se aprende da história da igreja — o fato é que todos os teólogos da cozinha têm sido estigmatizados com as marcas da heresia. E é triste contemplar o espetáculo dos teólogos da cozinha batendo nas portas da sala de visitas, pedindo por favor que se lhes abram as portas, porque eles sabem jogar xadrez de acordo com as regras... ‘Isto eu não faço mais. Se o pessoal da sala de visitas



quiser entrar até a cozinha, aceitar ser seduzido pelos cheiros e gostos, concordar em beber um pouco de vinho, permitir-se ser levado pela loucura do Espírito (em inglês, deliciosa revelação semântica, as bebidas alcoólicas tem o nome de spirits...), então poderemos conversar. Não existe nada de insólito nisto pois, a se acreditar nos relatos inspirados, na experiência do Pentecostes, quando os “possuídos” começaram a falar línguas estranhas, o pessoal que estava na sala de visitas pensou que se tratava de uma orgia. “Estão todos bêbados”, eles disseram. Coisa que Hegel, este estranho filósofo que tentou, sem êxito, misturar a cozinha com a sala de visitas, compreendeu muito bem, chegando mesmo a afirmar que “a razão é uma orgia bacanal na qual nem um só dos participantes está sóbrio. Lá está também Feuerbach, que Marx malvadamente distorceu, dizendo que ele só pensava com os olhos. Mas, para Feuerbach, os olhos estão a serviço da boca, como acontece na cozinha. Cada olhar é um olhar desejante...”. “Somos o que comemos”, ele dizia (“man ist was man isst”). Lembro-me que os lugares sagrados primitivos não eram nem salas de visitas, nem salas de aulas, mas altares: fogões onde a carne era queimada. E os textos inspirados dizem que Deus gostava do cheiro pacificante que deles subia.

Na cozinha também se comem os caquis, coisa impensável na sala de visitas. Podem imaginar as visitas de cerimônia, com mãos e bocas lambuzadas? Quem come caqui tem que aceitar ser criança. E como não

existe salvação, a menos que nos tornemos crianças (coisa em que ninguém acredita...) tratei de fazer um ensaio de teologia comestível com o título “Sobre deuses e caquis”. Alguns comeram e gostaram. Outros comeram e não gostaram. Outros não comeram e não gostaram. Disseram que caqui não combina com a gravidade do Ser Divino. Alegaram que eu não levava Deus a sério. Levo Deus muito a sério. Mas não levo a sério este caqui delicioso que se chama teologia. Se eu tivesse falado sobre as chagas de Cristo, tudo estaria bem. Feridas são respeitáveis; combinam com o Ser Divino. Penso diferente. Quem é grave é o Diabo. Ele se sente bem na sala de visitas. Mas Deus é Espírito, leve, faz todas as coisas voarem e dançarem.

Tenho a suspeita de que nossas conversas ecumênicas aconteçam sempre nas salas de visitas, governadas pela dialética do entrar sem deixar entrar. Se se sentem cheiros culinários ou se se ouvem gemidos reveladores, todos observam respeitoso silêncio. Também as igrejas têm salas de visitas e cozinhas, só que nas cozinhas os visitantes não podem entrar. E me veio a hipótese que desejo explorar, de que o respeitável discurso da ética e da política, que acontece segundo a etiqueta da sala de visitas, é uma forma de silenciar um outro discurso proibido, mal/dito: o discurso do amor.

A fala do poder não nos causa embaraço algum. Sobre ela não paira nenhum interdito. Tanto que, ao que me consta, as autoridades eclesiásticas, até o momento, não tenham lançado proibições sobre os rambos da vida, e nem sobre aqueles que se dedicam à fabricação das armas. No entanto, pudicos parlamentares evangélicos se movimentaram para que se retirassem, do salão do congresso, telas que mostravam os seios nus das mulheres, enquanto que conservadores e liberais católicos se uniram para impedir a apresentação de Je vous salue, Marie!. Camisinhas de vênus são terrores infernais maiores que a violência do poder. Como disse alguém, censor é aquele que corta a cena quando o mocinho beija o seio da mocinha e deixa a cena quando o bandido corta o seio da mocinha. Brinco com a insólita possibilidade de que o discurso político tenha a função não confessada de silenciar o discurso erótico. É sintomático que, até agora, tanto as teologias conservadoras quanto revolucionárias não tenham sido capazes de elaborar um discurso prazeroso, e muito menos um discurso sobre o prazer. A ética e a política parecem-me ser a continuação moderna do ascetismo que faz silêncio sobre as vozes do corpo. O discurso do sacrifício vai muito bem na sala de visitas.

Teologia ao redor do fogão: aquela que tem a coragem para penetrar nas intimidades da casa. Claro que ela é embaraçosa. Mas penso que este é o único caminho para uma honestidade ecumênica. É preciso que nos assentemos juntos ao redor do fogo para ali falar sobre o fogo que queima dentro dos corpos que a sala de visitas congelou.



## NICARÁGUA

# UMA ELEIÇÃO SEM SABOR

*Os votos que elegeram Chamorro presidente da Nicarágua foram arrancados com chantagem. Os nicaragüenses votaram contra sua opção natural, a FSLN, movidos pelo medo e pela fome*

Adolfo Miranda Saenz

Um dia antes das eleições os contras atacavam em vários pontos da Nicarágua. Na reta final da campanha eleitoral esses ataques se intensificaram. Enquanto isso, em Washington, o presidente Bush continuava ameaçando os sandinistas com todo tipo de pressões, como as que vem sofrendo a Nicarágua desde o triunfo da revolução. A mensagem era muito clara: os nicaragüenses deviam eleger Violeta Chamorro, candidata da União Nacional de Oposição (UNO), apoiada pela administração norte-americana, ou as consequências seriam a continuidade da guerra, o bloqueio econômico e até uma possível intervenção militar direta do exército dos Estados Unidos.

As vítimas desta guerra foram muitas. Em um país com menos de 4 milhões de habitantes, 50 mil. O custo econômico foi muito alto. Segundo a Corte Internacional de Justiça, com sede em Haia, na Holanda, os Estados Unidos devem pagar 17 milhões de dólares à Nicarágua por danos causados pela guerra. Isto é um prejuízo muito grande para um país de apenas 130 mil km<sup>2</sup> e com uma economia agroexportadora muito atrasada desde a época da dita-



Peter Williams - WCC/Photo

dura de Somoza, que governou o país como procônsul do governo norte-americano.

Quando muitas mães que haviam perdido um filho ou mais na guerra se preparavam para votar, tinham nas mentes e nos corações a santa ira contra o imperialismo e, ao mesmo tempo, um medo imenso de perder mais um filho na iminente guerra imposta por Washington. Em muitas mães este último sentimento foi maior e votaram não a favor da UNO mas na esperança de que não houvesse mais guerra.

A fome, decorrência da guerra, aliada ao bloqueio econômico que fechou as portas dos organismos internacionais à Nicarágua, levou muitos eleitores a depositarem seu voto

— sem entusiasmo mas com receio em relação ao futuro — em favor de Violeta Chamorro. “Talvez assim os gringos nos deixem em paz”, foi uma expressão frequentemente ouvida; ou ainda, “eu quero a Frente, mas os gringos nos matarão”.

Covardia? Pouca dignidade? É muito fácil criticar quando se está do lado de fora. Não sei se eu — se estivesse no caso da mãe ou do pai que teve um filho morto na revolução e com outro filho em perigo — não faria o mesmo. Ainda não soufrí a pressão da guerra e da agressão econômica a ponto de meus filhos serem obrigados a ir para a cama sem ter o que comer, uma noite atrás da outra. Nesse caso, não sei se não teria votado em Violeta Chamorro.

**A FSLN, corpo e alma da Revolução Sandinista, tem força muito maior que a refletida no resultado das eleições**

## O povo da Nicarágua foi obrigado a votar contra sua opção natural,

### Ortega e a Frente Sandinista

Não digo que o fizesse, mas não posso garantir o contrário.

O certo é que a senhora Chamorro e o governo do presidente Bush não podem sentir-se muito orgulhosos de sua "vitória". O voto que lhes deu tal "triunfo" foi arrancado com chantagem, com tortura. Não se pode falar em uma eleição verdadeiramente livre, pois o povo da Nicarágua foi obrigado — pelo medo e pela fome — a votar contra sua opção natural, Ortega e a Frente Sandinista.

Não há dúvida que a UNO obteve mais votos que os sandinistas e, portanto, segundo as "regras do jogo" previamente aceitas, os sandinistas entregaram o governo a Violeta Chamorro. Isto significa uma "derrota"? Acabou a revolução sandinista? Claro que não!

Em primeiro lugar, é uma realidade que não se pode ignorar a força real que tem a FSLN, muito maior do que a refletida no resultado das urnas. Analisando objetivamente, os sandinistas têm um apoio popular muito maior do que os votos ob-

tidos. É necessário dizer, igualmente, que a UNO tem muito menos simpatizantes que os votos que obteve. Por isso, quem tem a força popular é a Frente Sandinista e não a UNO.

Além disso, para reformar a Constituição da Nicarágua é preciso o voto de 60% dos deputados, e a UNO não conta com porcentagem suficiente. Isto permite aos sandinistas bloquear qualquer tentativa de reformas constitucionais que pretendam reverter o processo revolucionário.

Outro ponto importante é que enquanto os sandinistas formam um partido sólido e unido, a UNO é uma coalizão muito débil de treze partidos com ideologias e interesses muito distintos. É difícil prever por quanto tempo poderão manter-se unidos, porém já começaram a vir a público as primeiras divergências sérias. Tão sérias que colocam em lados opostos Violeta Chamorro e seu vice-presidente, Virgílio Godoy.

Por outro lado, os sandinistas ganharam um grande prestígio após estas eleições. Daniel Ortega felicitando Violeta Chamorro é uma imagem muito diferente daquela de "terrível ditador comunista" proclamada pelos norte-americanos.

O governo sandinista se tornou o único da América Central que cumpriu integralmente todos os convênios de Esquipulas. Isto coloca a propaganda norte-americana numa situação muito ruim, e os outros governos da América Central em situação ainda pior. O cumprimento dos acordos de Esquipulas pelos sandinistas, mesmo às custas de perder o governo, destrói toda argumentação tradi-

cionalmente levantada pela administração norte-americana em relação à região. Mais importante, contudo, é que isto obriga o governo de El Salvador a adotar uma política diferente e chegar a sérias negociações e eleições livres nesse país.

Os sandinistas não foram "derrotados", mas saíram fortalecidos, com prestígio. Nos próximos seis anos vão poder se fortalecer ainda mais no papel de oposição forte e bem organizada.

Um virada radical à direita do governo de Violeta Chamorro não convém à imagem que os Estados Unidos querem "vender" ao mundo de seus governos *made in USA*. Se não fosse assim, tampouco poderiam fazer frente a um povo que segue majoritariamente a FSLN, um partido muito forte, com controle dos organismos de massa.

Além disso, permanece a questão das Forças Armadas. Pode ser que mudem de nome, que sejam reduzidas. Porém não podem ser dissolvidas, nem desaparecer como instituição. A própria Constituição não permite que isso aconteça, e a realidade tampouco.

Por isso a revolução sandinista ainda não acabou nem foi derrotada. Ao contrário, a situação na América Central agora pode não ser muito boa para o governo dos Estados Unidos.

Adolfo Miranda Saenz, jornalista e advogado, é assessor do Cepad.

(Tradução de Alfredo S. V. Coelho)

**Uma virada radical de Chamorro à direita não interessa à imagem que os EUA querem vender**

LEIA E ASSINE O JORNAL

**PORANTIM**  
EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA

☐ Assinatura anual: Cr\$ 1.200,00

☐ Assinatura de apoio: Cr\$ 1.500,00

☐ Assinatura para países da América Latina: US\$ 20

☐ Assinatura para outros países: US\$ 50

Envie vale postal ou cheque nominal para Cimi/Porantim:

Caixa Postal 11.1159 — 70084 — Brasília — DF

Porantim é uma publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e seu nome significa, na língua dos Sateré-Maué, remo, arma e memória



# NAS QUESTÕES URBANAS, A ADMINISTRAÇÃO POPULAR

Genilma Boehler

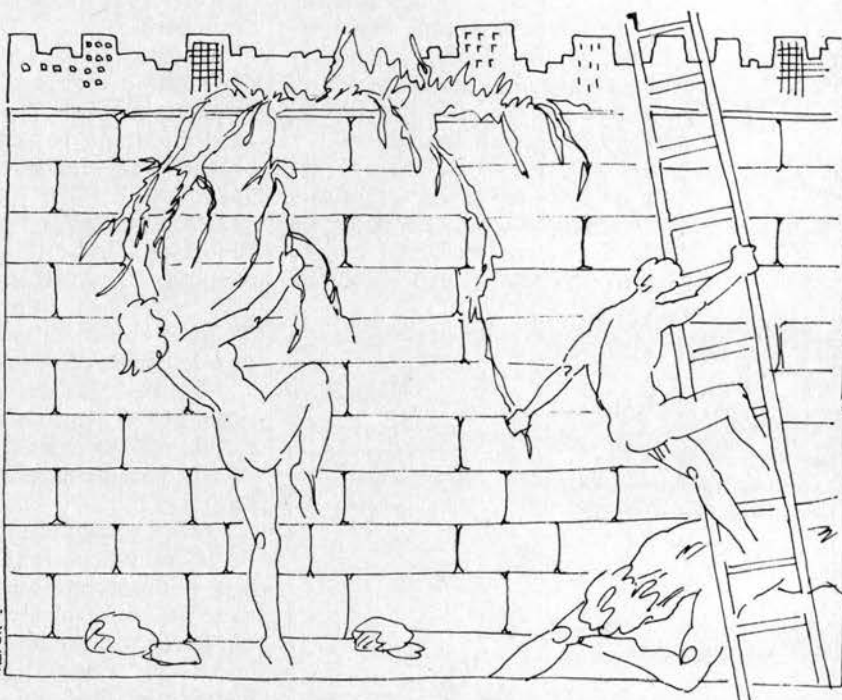
**O** nosso tempo está se caracterizando pela formação e crescimento em escala geométrica de grandes centros urbanos. Este crescimento gera questões que reclamam soluções e definições. Questões que nem sempre são consideradas pelas administrações que estão a serviço da acumulação do capital dos setores da burguesia (empreiteiras, empresas de ônibus, setores produtivos de alimentos, capital imobiliário etc.). Privilegiam uma minoria, à custa da marginalização e empobrecimento crescente dos setores populares.

É olhando esta realidade constatando as forças destrutivas da vida que recorremos à Bíblia, em busca de critérios de esperança. Em busca da força do Deus que toma partido pelos pobres. "Que preserva o projeto de libertação contra as tentativas de destruição por parte dos dominadores".

**Entramos por esta porta** — Na Bíblia não há um único modelo de organização e de governo. Há várias fases na história do povo do Antigo Testamento, onde as cidades têm maior ou menor importância. Onde os governos são autoritários, centralizadores e até populares, democráticos.

Neste texto, entraremos pela porta da monarquia. No período da sedimentação dos centros urbanos, no reino de Judá. No período da eminência dos conflitos periferia-povo *versus* centro-governo. No período do aparecimento dos profetas condenando os centros e as castas. No despertar do desejo popular na reivindicação por um rei justo.

**A cidade e as classes sociais** — A urbanização que ocorreu com o sistema tributário significou a hierarquização de grupos e indivíduos: o rei, a família do rei, os burocratas,



os chefes do exército, os sacerdotes.

Na cidade morou a elite que detinha o poder político. Eram os mesmos que determinavam as relações sociais e econômicas. A religião e os sacerdotes estavam na cidade porque o sistema tributário precisou de uma justificação divina para legitimar suas idéias e decretos.

A população em geral vivia fora dos muros da cidade. Tinha que produzir para manter os privilégios, o luxo da corte. Conhecia a qualidade de vida inferior na condição de moradores nas periferias das cidades.

Quem era esta população? O que faziam?

Eram cozinheiros/as, faxineiros/as, jardineiros/as, perfumistas, soldados, servidores/as da corte (1 Sm 8,11-17). Eram os artesãos, os artifices, os feirantes...

A cidade, como centro detentor de poder e privilégios, gerou uma profunda oposição de interesses. De um lado estavam os trabalhadores empobrecidos, que viam a cidade

de como local de sobrevivência. De outro, estavam os encarregados do sistema tributário.

O rei e sua corte estavam na cidade cercada por muros, protegidos por guardas. Na periferia, às margens dos muros da cidade, estava a maioria dos empobrecidos, dos trabalhadores.

Em Judá, o Estado provocou sempre mais as diferenças sociais. Não houve rei que exercesse uma administração popular.

A administração monárquica era a instituição que preocupava-se com a manutenção dos privilégios das elites.

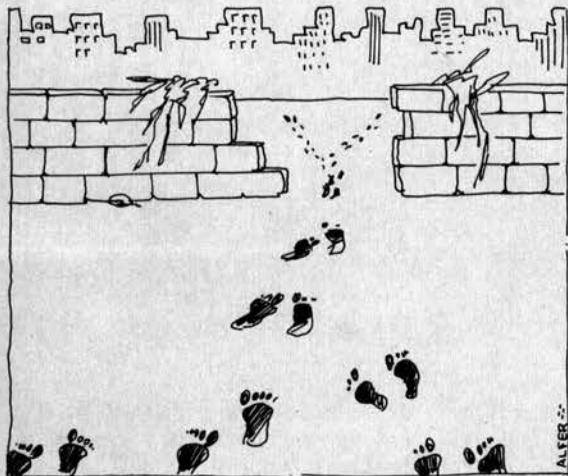
**Liderança profética, reivindicação popular** — No período da monarquia, na memória popular estava a lembrança de que houve tempo, quando não havia cidades, quando não havia rei, que as relações entre as pessoas e os grupos de pessoas eram mais fraternas e igualitárias. Havia neste tempo reciprocidade e partilha.

Não havia dominantes e dominados. Esta era a lei de Javé.

O profeta acolhe esta memória como parâmetro para uma administração popular.

A experiência camponesa-tribal, base da memória popular, não era lembrança nostálgica. O profeta sabia que a realidade era outra. A urbanização era fato. As necessidades administrativas mudaram. Mas a essência do projeto igualitário, prevalecendo a justiça e o direito do pobre, era viável com um rei justo. Um rei para um projeto alternativo.

**O rei justo em Isaías** — Isaías é de Jerusalém. Centro do poder de Judá. É na convivência do templo (cap. 6) e no palácio (cap. 7 e 8) que



adquire consciência da dominação e exploração do Estado.

“Os teus príncipes são uns rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, à causa da viúva.” (Is 1,23)

A proposta de Isaías não sugere aniquilação da cidade. Mas ele propõe uma transformação total. Transformação firmada no direito e na justiça. “Justiça é a defesa do empobrecido!”. Por isso o nome da cidade será “cidade da Justiça e cidade fiel” (Is 1,21-26).

Os juízes e os conselheiros devem voltar a ser o que foram antes (Is 1,26). Qual o significado de “voltar a ser o que foram”? Significava a recuperação da exigência da Aliança de Javé com Israel: vivência em igualdade, princípio básico da tradição tribal, memória popular.

Isaías é cidadão. Nele não há a proposta de retorno à sociedade tribal. Para ele a cidade deve e pode existir desde que tenha outro modelo administrativo. O modelo baseado no projeto de Javé. Este modelo consiste na superação da dominação. Estabelece uma sociedade sem pobres.

Para o profeta, os pobres, “são pobres porque foram despojados pelos poderosos”.

“Quanto ao meu povo, os seus opressores o saqueiam, exatores governam sobre ele. Ó meu povo, os teus condutores te desencaminham, baralham as veredas em que deves andar”. (Is 3,12).

Ora, o empobrecimento é fruto da injustiça. Injustiça dos que governam, dos que dominam. A memória popular reclama “o projeto histórico que é oposto ao modelo instituído e defendido pelos que dominam”.

No caso de Isaías, o projeto histórico possível para uma transformação da realidade de Jerusalém e Judá está na esperança do reinado do rei justo.

Qual é o perfil do rei justo?

“Com efeito, toda a bota que pisa ruidosamente no chão, toda a veste que se revolve no sangue, serão queimadas, serão devoradas pelas chamas. Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre os seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim, sobre o trono de Davi e sobre o seu Reino, firmando-o e consolidando-o sobre o direito e a justiça.” (Is 9,4-6)

O rei justo é menino! Ele insiste neste perfil (Is 3,4; 7,14 e até Is 11,1). “Neste caso, o Messias (rei justo) não só é pelos pobres, não só constitui sua defesa. Ele mesmo é frágil, é criança, é pobre.

O rei justo é dissidente do projeto do centro. Do centro detentor do poder. Ele é aliado do projeto dos pobres. Do projeto da periferia marginalizada que reivindica o direito e a justiça. Seu objetivo será instituir o Reino a partir dos empobrecidos. Reino de reciprocidade. Reino que recupera a memória histórica dos pobres de Israel. Estabelece a sociedade igualitária.

Na perspectiva de Isaías, é o projeto da periferia que muda o projeto do centro. O rei justo, dissidente do projeto do centro, “julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra (Is 11,4).

**Conclusão** — Hoje, as questões são bem mais problemáticas. Os aparatos de dominação e exploração são múltiplos e muito mais opulentos. “As burguesias agem pelos meios técnicos sofisticados que lhes permitem dar aos seus capitais a possibilidade de exercer pressões sobre a sociedade”.

Os pobres, hoje como ontem, são os despojados pelos poderosos. São os destituídos do direito de ser e de ter. Mas os pobres também hoje são os portadores da esperança. Mesmo massacrados pela violência do sistema da ganância, são os que reivindicam a vida.

Nas palavras de Isaías, o projeto dos pobres exige a inversão do modelo instituído e defendido pelos dominadores. O projeto dos pobres orienta-se no projeto de Javé, que elege o rei-menino: criança-frágil-pobre, que estabelece a paz ao instituir o reino resgatando o direito e a justiça do pobre.

As questões urbanas, tendo como exigência principal as reivindicações dos pobres, só terão soluções com o projeto alternativo que emerge desde os marginalizados. Emergindo dos pobres este projeto há de permitir que desapareça a relação dominador-dominado, explorador-explorado, centro-periferia, para que se estabeleça o direito e a justiça.

Só a partir do estabelecimento do direito e da justiça os pobres, antes excluídos e marginalizados, terão agora poder de decisão; assim como terão acesso a todos os bens que cria a natureza (alimento, água, ar, terra para morar etc.); e a todos os bens que a inteligência humana é capaz de criar (tecnologia, serviço, ciência etc.). Neste caso, será revertido ao povo o patrimônio que é de todos e não só de uma casta privilegiada.

**Genilma Boehler**, pastora metodista, atualmente fazendo pós-graduação em Missiologia no IMS, em São Bernardo do Campo (SP).



# O DESEJO DO POSSÍVEL

## A ECONOMIA DO SOCIALISMO POSSÍVEL

Alec Nove, São Paulo, Ática, 1989, 376 páginas, 14x21cm



Maurício Broinizi Pereira

No mundo do chamado "socialismo real" é muito grande a demanda por livros de economia que tratam o tema da transição de um modo de produção extremamente centralizado e planejado para uma economia mais liberal.

No livro de Alec Nove podemos encontrar várias das questões que permeiam o contexto de mudanças nos países "socialistas", cujo tema central é a possibilidade de constituição de um sistema socialista híbrido, capaz de combinar a imprescindível responsabilidade do Estado na organização da economia e na manutenção das garantias sociais com a existência de um mercado que propicie maior dinamismo e liberdade para os agentes econômicos, inclusive aos próprios trabalhadores.

Afastando-se dos aspectos românticos e dogmáticos que, desde Marx, a proposta socialista enseja, o autor concentra-se, apenas, naquilo que julga ser o caminho do realizável, da utopia mais próxima, menos apaixonada e, também, menos perfeita, sem "retorno ao paraíso", mas com a possibilidade da conquista de um socialismo viável num futuro não muito distante.

Em seu polêmico ensaio, editado originalmente dois anos antes da *perestroika* de Gorbachev, o economista britânico realiza uma ampla incursão pelos caminhos e descaminhos do socialismo, desde sua formulação teórica em Marx, passando pela experiência soviética, até chegar no que ele chama de "modelos reformistas" da Hungria, Iugoslávia, Polônia e China. Além de utilizar a clássica bibliografia marxista, Alec Nove realiza um interessante diálogo com autores europeus e soviéticos de várias escolas contemporâneas,

o que confere à sua obra a riqueza da diversidade teórica e a atualidade de quem está no centro das discussões sobre as alternativas do socialismo.

Em seu "socialismo possível" deverá predominar a propriedade estatal, social e cooperativa, prevendo a pequena propriedade e reafirmando a impossibilidade da vigência da propriedade privada dos meios de produção em grande escala. Neste sentido, o autor posiciona-se em favor da pequena escala na produção, o que poderá, entre outras coisas, reverter a alienação do trabalho e gerar um sentimento de "pertencimento" dos trabalhadores a um processo de trabalho mais próximo de seu produto final. Mesmo com um mercado controlado pelo Estado, principalmente para evitar a formação de monopólios e intoleráveis desigualdades sociais, reconhece-se a inevitabilidade de um certo grau de desigualdades. Também a continuidade da divisão entre governantes e governados, administradores e administrados é previsível, mesmo que haja maior eficácia nos mecanismos demo-

cráticos e nas formas de contenção dos abusos de poder.

A existência do mercado, de empresas em regime de concorrência e, conseqüentemente, da apropriação individual de algum lucro, de modo que não desafie o caráter socialista da produção e nem a forma democrática de sua gestão, constituem o ponto polêmico desta obra. É uma discussão de "fôlego", um debate com vários autores, onde se entrecruzam velhas e novas questões sobre o papel do salário, preço, lucro, divisão do trabalho, teoria do valor, política de investimentos e comércio exterior, entre outras. E que só podem ser melhor apreendidas se recorrermos diretamente ao livro de Alec Nove que, sem dúvida, é uma importante referência para o movimento que procura renovar a proposta e viabilizar os valores socialistas.

Maurício Broinizi Pereira é pós-graduando em História Econômica na USP e assessor do programa Memória e Acompanhamento do Movimento Operário do CEDI.

## Lançamentos

**NICARÁGUA, DA FRONTEIRA DA ESPERANÇA À CRISE DO SOCIALISMO?**  
Boletim Sisac, São Paulo, abril e maio de 1990, 63 páginas, 21x31cm

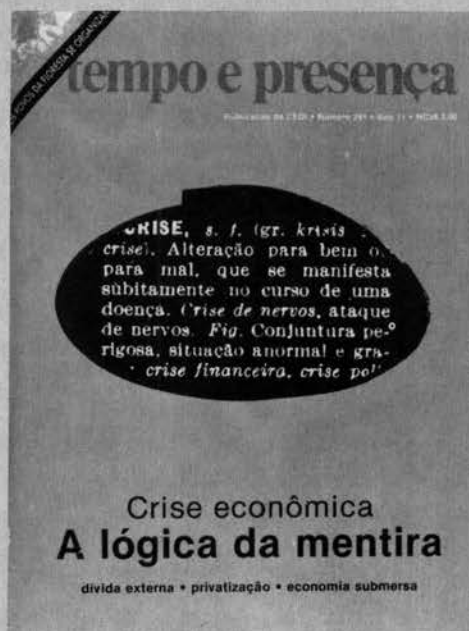
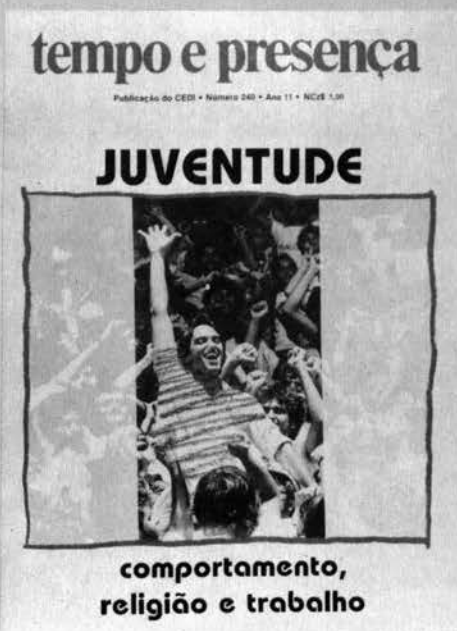
O Boletim nº 119 do Serviço Informativo sobre a América Central traz análises da Nicarágua depois das eleições e em meio às mudanças no mundo socialista. Traz ainda artigos de Eduardo Galeano, Isaac Akacelrud e Francisco Lacaypo, entre outros.

**HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO**

Leonilde Sêrvolo de Medeiros, Fase, Rio de Janeiro, 1990, 215 páginas, 14x21cm

A autora se propõe a recuperar a memória das lutas no campo partindo do princípio de que os trabalhadores podem ser sujeitos de sua própria história. O livro é resultado de uma rica pesquisa que abrange o período de 1945 aos nossos dias. Seus destinatários são trabalhadores do campo, líderes, assessores, educadores e técnicos. Mas é indicado também a todos que queiram compreender as lutas e parte da história do povo brasileiro.

# ÍNDICE 1989



*Autores, assuntos e resenhas publicados  
na revista Tempo e Presença,  
nº 238 a 248, janeiro a dezembro de 1989*



## Autores

- ABRAMO, Helena Wendel. *Lazer: os embalos de sábado à noite*, nº 240, p. 6-8.
- ADORNO, Sérgio. "O Brasil é um país violento" — entrevista a Oscar de Paula, nº 246, p. 11-15.
- ALEGRETTI, Mary Helena. *Reservas extrativistas: desafios à sua implantação*, nº 244-245, p. 32-34.
- ALLEGRI, Ermano & NEIVA, Inez Ethne Gontijo. *Latifúndio: sinônimo de violência*, nº 239, p. 15.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. "O tempo dos primeiros encontros", nº 244-245, p. 22-24.
- ALMEIDA, Mauro. *A luta dos seringueiros*, nº 239, p. 20-21.
- *Reserva extrativista do rio Tejo*, nº 244-245, p. 28.
- ALVES, Rubem. *De João 23 a Joãozinho Trinta*, nº 239, p. 28-29.
- *Os ipês estão floridos*, nº 244-245, p. 42.
- *Sobre peixes e política*, nº 247, p. 24-25.
- *Violência*, nº 246, p. 8-10.
- ARNT, Ricardo & SCHWARTZMAN, Steve. *Polonoroeste: a fronteira do desmatamento acelerado*, nº 244-245, p. 20-21.
- ARROYO, Miguel G. *Um balanço positivo para os setores populares*, nº 238, p. 4-6.
- ARRUDA, Marcos. *Brasil: economia estatizada ou estado privatizado*, nº 241, p. 7-10.
- ASSMANN, Hugo. *Armadilhas teológicas da América Latina*, nº 241, p. 21-22.
- AZEVEDO, Dermi. *Yanomami: o perigo do exterminio*, nº 240, p. 27-28.
- AZZI, Lúcia Helena Gama. *Hare Krishna: o sonho acabou?*, nº 240, p. 23-25.
- BALCÃO, Nilde. *Tempo de redefinições*, nº 247, p. 4-5.
- BALDIJÃO, Carlos Eduardo. "Autonomia é fundamental" — entrevista a Orlando Joia e Elie Ghanem, nº 238, p. 22-23.
- BARGAS, Osvaldo Martines. "Devemos priorizar as relações sindicais com a América Latina" — entrevista a Ruy de Góes Leite de Barros, nº 247, p. 18-19.
- BARROS, Ruy de Góes Leite de. *Trabalhadores e crise do armamentismo*, nº 247, p. 20-21.
- BEOZZO, José Oscar. *Agudização dos conflitos*, nº 246, p. 42.
- BERNARDES, Cristina Retroz. *Os caminhos da paz da América Central*, nº 242, p. 20-22.
- BORN, Rubens Harry & OLIVEIRA, Antonio C. Alves de. *Programa Nossa Natureza: epílogo congressual*, nº 244-245, p. 29-30.
- BRAGA, Douglas G. *Organização sindical na nova constituição*, nº 247, p. 6-8.
- BRUNO, Regina. *A "besta-fera" da modernidade*, nº 239, p. 10-12.
- CARLOS, Newton. *A difícil abertura democrática*, nº 242, p. 11-12.
- CARVALHO, Marita Regina de & OLIVEIRA, Nelson de. *Memória: do silêncio ao banco de dados*, nº 247, p. 11-12.
- CASALDÁLIGA, Pedro, bispo. *CEBs reforçam solidariedade* — entrevista a Dermi Azevedo e Dimas Künsch, nº 242, p. 36-37.
- CASTILHO, Carlos. *A década perdida*, nº 242, p. 9-10.
- CICLO DE DEBATES SOBRE ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO PARA A AMAZÔNIA (2º, 6-8/4/89, Manaus). *Documento final*, nº 244-245, p. 15-19, encarte.
- CICLO DE DEBATES SOBRE HIDRELÉTRICAS NA AMAZÔNIA (1º, 29/8—1/9/88, Belém). *Carta da Amazônia*, nº 244-245, p. 2-3, encarte.
- COMISSÃO DE EDUCAÇÃO DA ESQUERDA UNIDA. *Escola: espaço de hegemonia popular*, nº 238, p. 29-32.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *Direita rural sonha mais alto*, nº 239, p. 13-14.
- et all. *Autoritarismo ou comunhão na Igreja?*, nº 246, p. 41.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *PROFFAO: o "Calha Sul"*, nº 244-245, p. 26-27.
- CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS & UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS. *Declaração dos povos da floresta*, nº 244-245, p. 14, encarte.
- COSTA, Antonio C. Gomes da. *Crianças e adolescentes: no terreno baldio das políticas sociais*, nº 246, p. 22-24.
- CUNHA, Carlos. *Releitura latino-americana do credo*, nº 246, p. 43.
- & TEIXEIRA, Xico. "Teve-tengana", nº 246, p. 27-28.
- DELGADO, Maria Berenice Godinho. *Relação difícil mas promissora*, nº 248, p. 14-15.
- DI LORETO, Oswaldo. *Onde começa a delinquência?*, nº 240, p. 19-22.
- DIAS, Zwinglio Mota. *Indianópolis: dois mundos, uma missão*, nº 248, p. 29.
- DULCI, Luiz. *Prefeituras populares e movimento sindical*, nº 247, p. 13-14.
- ENCONTRO DOS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA (1º, agosto de 1989, Manaus). *Documento dos empresários*, nº 244-245, p. 20, encarte.
- ENCONTRO INTERECLESIAL DE COMUNIDADES ECLESIAS DE BASE (7º, 10-14/7/1989, Duque de Caxias). *Carta do 7º encontro*, nº 243, 4 p., encarte.
- ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS (2º, 25-31/3/1989, Rio Branco). *Documento final*, nº 244-245, p. 12-13, encarte.
- ENCONTRO NACIONAL DE TRABALHADORES ATINGIDOS POR BARRAGENS (1º, 19-21/4/89, Goiânia). *Carta de Goiânia*, nº 244-245, p. 14, encarte.
- EQUIPE PIB/CEDI. *Fundação Mata Virgem está institucionalizada no Brasil*, nº 244-245, p. 26-27.
- FACIO, Alda. *Direito na contramão*, nº 248, p. 12-13.
- FEARNSIDE, Philip M. *Como frear o desmatamento*, nº 244-245, p. 8-12.
- FERNANDES, Florestan. *Eleições e democracia*, nº 246, p. 31-32.
- FERNANDES, Francisco de Assis. *Políticas de comunicação da Igreja Católica*, nº 239, p. 35.
- FERRO M., Alfredo. *Terra: uma reflexão à luz da fé*, nº 243, p. 39.
- FONSECA, João Pedro da. *Escola: um instrumento de libertação*, nº 241, p. 35.
- FRANCO, Mariana Pantoja. *Associativismo: assentamentos e relação com o Estado*, nº 243, p. 15-16.
- FREI BETTO (CHRISTO, Carlos Alberto Libânio). *CEBs em clima de revolução francesa*, nº 243, p. 34.
- *A espiritualidade do conflito*, nº 247, p. 26.
- GARCIA, Paulo Roberto. *Os mansos herdaram a terra*, nº 243, p. 37-38.
- & PADILHA, Anivaldo. *Servir a Javé ou a outros deuses?*, nº 242, p. 41-42.
- GARCIA, Paulo Roberto & SILVA, Luis Francisco. *A dimensão teológica da dívida*, nº 240, p. 35.
- GARCIA, Paulo Roberto S. *Nossa dívida externa é inconstitucional*, nº 247, p. 22-23.
- GEBARA, Ivone. *Corpo: novo ponto de partida da teologia*, nº 248, p. 19-21.
- GHANEM, Elie. *Professores: avanços na luta*, nº 238, p. 19-21.
- GROSS, Tony. *Floresta em pé é mais negócio*, nº 244-245, p. 29.
- GRZYBOWSKI, Cândido. *Questão agrária, Estado e democracia* — entrevista a Leonilde Sêrvolo Medeiros e Mariana Pantoja Franco, nº 243, p. 17-20.
- GUIMARÃES, Paulo Vicente. *A crise da educação católica no Brasil*, nº 238, p. 24-26.
- HARA, Regina. *Movimento popular: os alfabetizadores de adultos*, nº 238, p. 11-12.
- HEILBORN, Mahlu. *Faces da mesma moeda*, nº 248, p. 4-5.
- HINKELAMMERT, Franz J. *A privatização das funções do Estado*, nº 241, p. 31-32.
- KRUTSCKA, Tânia. *Brasil sedia Assembléia da FLM*, nº 247, p. 27-28.
- LA CECLA, Franco. *Is Amazonia so entertaining?*, nº 244-245, p. 38-39.
- LACAZ, Francisco A. de Castro & SATO, Leny. *Acidentes e doenças no mundo do trabalho*, nº 246, p. 19-21.
- LAGOA, Ana. *Estratégias de sobrevivência*, nº 241, p. 14-16.
- LIMA, José. *Lição de casa*, nº 238, p. 27-28.
- LOBO, Elizabeth Souza. *Uma nova identidade*, nº 248, p. 8-9.
- LOURENÇO, Alberto. *Amazônia é um grande garimpo*, nº 244-245, p. 18-19.
- MADEIRA, Felícia Reicher. *Trabalho: a roda viva do mercado*, nº 240, p. 9-12.
- MARASCHIN, Jaci. *A teologia da mãe de Jesus*, nº 248, p. 24-25.
- MARTINS, Beatriz. *Incertezas e esperanças na América Latina*, nº 242, p. 43.
- MARTINS, José de Souza. *Desencontros políticos da Igreja Católica no campo*, nº 243, p. 26-29.

- MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de. *Questões sobre o sindicalismo rural*, nº 243, p. 7-9.
- MEINCKE, Silvio. *Cuidemos do que Deus criou*, nº 246, p. 39-40.
- MENDEZ, Héctor. *A Igreja em Cuba — entrevista a Gilberto Nascimento*, nº 242, p. 33.
- MERCADANTE OLIVA, Aloizio. *Economia brasileira: por uma utopia concreta*, nº 241, p. 4-6.
- MOREIRA, Memélia. *A estratégia do genocídio*, nº 244-245, p. 13-17.
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *Da FNM à Fiat: formas de dominação e resistência operária*, nº 247, p. 35.
- MORELLI, Mauro, bispo. *Baixada Fluminense: humilhação, gemidos e esperanças!*, nº 246, p. 25-26.
- NASCIMENTO, Gilberto. *Os desafios da América Latina*, nº 242, p. 23-26.
- NEIVA, Inez Ethne Gontijo & ALLEGRI, Ermano. *Latifúndio: sinônimo de violência*, nº 239, p. 15.
- NEVES, Hélio. *A luta dos canavieiros — entrevista a Francisco J. da C. Alves*, nº 243, p. 24-25.
- NOVAES, José Roberto Pereira. *Cana-de-açúcar e Estado: novos elementos de uma velha amizade*, nº 243, p. 21-23.
- NOVAES, Regina C. Reyes. *Sindicalismo e Estado: aspectos de uma disputa política*, nº 243, p. 4-6.
- OLIVEIRA, Antonio C. Alves de & BORN, Rubens Harry. *Programa Nossa Natureza: epílogo congressual*, nº 244-245, p. 29-30.
- OLIVEIRA, Nelson de & CARVALHO, Mariana Regina de. *Memória: do silêncio ao banco de dados*, nº 247, p. 11-12.
- OLIVEIRA, Orlando Santos de. *Cristãos celebram luta pela justiça*, nº 242, p. 38-40.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *CEBs: articulação em tempo de conflito*, nº 239, p. 26-27.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves & PEREIRA, Mauricio Broinizi. *Ambulantes: a organização supera desafios*, nº 241, p. 17-20.
- OLIVEIRA, Rosângela S. de. *Mulher pastora, e por que não?*, nº 248, p. 22-23.
- PADILHA, Anivaldo & GARCIA, Paulo Roberto. *Servir a Javé ou a outros deuses?*, nº 242, p. 41-42.
- PEREIRA, Mauricio Broinizi. *Movimento sindical na América Latina*, nº 247, p. 15-17.
- & OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. *Ambulantes: a organização supera desafios*, nº 241, p. 17-20.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Na resistência das parteiras*, nº 248, p. 32-34.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Autoritarismo depois da ditadura*, nº 246, p. 4-6.
- PINTO, Lúcio Flávio. *Decálogo da Amazônia*, nº 244-245, p. 5-7.
- PIVA, Marco Antonio. *Júlio Barbosa de Aquino: na estrada de Chico Mendes*, nº 239, p. 19.
- *Política: a participação que decide*, nº 240, p. 13-14.
- POLETO, Ivo. *Convite ao diálogo*, nº 239, p. 32.
- PROGRAMA DE ASSESSORIA À PASTORAL. Núcleo Sul. *Emílio Rodrigues (1947-1989): compromisso com a vida*, nº 240, p. 26.
- RAINHO, Luís Flávio. *Uma nova rede de ensino*, nº 238, p. 16-18.
- RAISER, Konrad. *A situação do movimento ecumênico*, nº 243, p. 35-36.
- RAMALHO, Jether Pereira. *Igrejas e dívida externa*, nº 241, p. 23-24.
- RAMOS, Alcida. *A vida do povo Yanomami*, nº 240, p. 29-30.
- REZENDE, Cláudia Barcellos. *Identidade: o que é ser jovem?*, nº 240, p. 4-5.
- REZENDE, Maria Valéria V. *Poder dividido, poder multiplicado*, nº 248, p. 10-11.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Ecumenismo, solidariedade e esperança: 7º Encontro Intereclesial das CEBs*, nº 243, p. 30-33.
- RIBEIRO, Lucia. *Sexualidade: em busca de uma nova ética*, nº 248, p. 16-18.
- RIBEIRO, Vera Masagão. *Educação popular: mística e mistificação*, nº 238, p. 35.
- RICARDO, Carlos Alberto. *Milton Nascimento no Juruá*, nº 244-245, p. 25.
- RICHARD, Pablo. *"O futuro é difícil, mas há esperanças"* — entrevista a Flávio Irala, nº 242, p. 31-33.
- RIPPER, João Roberto. *Carajás: a floresta em perigo*, nº 239, p. 22-25.
- ROCHA, Juliana Ferraz da. *A década da destruição*, nº 244-245, p. 46.
- *Andamento do processo Chico Mendes*, nº 244-245, p. 28.
- *Os presidenciais e a Amazônia*, nº 244-245, p. 43-45.
- ROSA, Luiz Pinguelli. *Impasses e perspectivas do planejamento energético na Amazônia*, nº 244-245, p. 35-37.
- SADER, Emir. *Cultura da violência*, nº 246, p. 6-7.
- *Nicarágua: o peso da guerra*, nº 240, p. 31-32.
- SAMPAIO, Tânia Maria Vieira. *Rute e Noemi: coragem em tempos de crise*, nº 241, p. 33-34.
- SANT'ANA, Antonio Olimpio de. *O negro latino-americano*, nº 242, p. 26-27.
- SANTA ANA, Julio de. *Referências para entender a América Latina*, nº 242, p. 13-15.
- SANTILLI, Márcio. *Tratado de cooperação amazônica: um instrumento diplomático a serviço da retórica nacionalista*, nº 244-245, p. 40-41.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Bravos movimentos de resistência*, nº 242, p. 7-8.
- SATO, Leny & LACAZ, Francisco A. de Castro. *Acidentes e doenças no mundo do trabalho*, nº 246, p. 19-21.
- SCHILLING, Paulo R. *Projetos integracionistas na América Latina*, nº 242, p. 16-19.
- SCHWANTES, Milton. *Amargamente doce*, nº 241, p. 27.
- *No conflito de interpretações*, nº 242, p. 34-35.
- *O direito do órfão*, nº 247, p. 33-34.
- *"Toda a criação geme e suporta angústias"*, nº 246, p. 29-30.
- *"Tudo pelo social?"*, nº 239, p. 33-34.
- SCHWARTZMAN, Steve & ARNT, Ricardo. *Polonoroeste: a fronteira do desmatamento acelerado*, nº 244-245, p. 20-21.
- SEMINÁRIO "PLANEJAMENTO E GESTÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE RESERVAS EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA" (12-16/9/1988, Curitiba). *Carta de Curitiba: documento final do seminário*, nº 244-245, p. 6-9, encarte.
- SILVA, Luis Francisco. *A lógica perversa das relações econômicas*, nº 246, p. 16-18.
- & GARCIA, Paulo Roberto. *A dimensão teológica da dívida*, nº 240, p. 35.
- SILVA, José Gomes da. *UDR: surgimento, bandeiras e perspectivas*, nº 239, p. 4-9.
- SIMONETTI, Cecília. *Sexualidade: atropelos do prazer*, nº 240, p. 15-16.
- SIQUEIRA, Maria Clara di Pierro. *Brasil ano 2000: sem adultos analfabetos?*, nº 238, p. 9-10.
- SOUZA, Herbert de. *Economia submersa, solução perversa*, nº 241, p. 11-13.
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Dos desafios às alternativas históricas*, nº 242, p. 4-6.
- *Partidos, constituição e eleições*, nº 246, p. 33-34.
- TEIXEIRA, Xico & CUNHA, Carlos. *"Tê-vê-tengana"*, nº 246, p. 27-28.
- TIRIBA, Léa. *Porque escolas comunitárias*, nº 238, p. 13-15.
- UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS & CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS. *Declaração dos povos da floresta*, nº 244-245, p. 14, encarte.
- VASCONCELOS, José Domingos Teixeira. *Cultura sindical: dignidade e ilusão de onipotência*, nº 247, p. 9-10.
- VAZ, Jane Falconi Ferreira. *Educação: caminho inacabado*, nº 238, p. 33-34.
- VIANNA, Aurélio. *Estado e meio ambiente: a implantação de hidrelétricas e o Rima*, nº 243, p. 12-14.
- VIEIRA, Evaldo. *Educação, cultura e democracia*, nº 238, p. 7-8.
- VIEZZER, Moema. *Movimentos feministas, movimentos de mulheres*, nº 248, p. 6-7.
- VIGIL, José Maria. *Refugiados guatemaltecos pedem solidariedade internacional*, nº 247, p. 30-32.
- VILARINHO, Carlyle. *Nem reforma agrária nem tributação da terra*, nº 243, p. 10-11.
- WALDMAN, Maurício. *Povos da floresta resistem à devastação*, nº 241, p. 28-30.
- WEFFORT, Francisco. *Incertezas da transição democrática*, nº 246, p. 35-38.
- YANOMAMI, David Kopenawa. *A todos os povos da Terra*, nº 244-245, p. 14-17.
- ZALVAR, Alba. *Criminalidade e pobreza*, nº 240, p. 17-18.
- ZWETSCH, Roberto E. *O clamor indígena e os sinais dos tempos*, nº 240, p. 33-34.



## Assuntos

### AMAZÔNIA

- ALEGRETTI, Mary Helena. *Reservas extrativistas: desafios à sua implantação*, nº 244-245, p. 32-34.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. "O tempo dos primeiros Encontros", nº 244-245, p. 22-24.
- AMAZÔNIA legal (dados e mapa), nº 244-245, p. 10-11, encarte.
- ÁREAS reservadas para quê?, nº 244-245, p. 31.
- ARNT, Ricardo & SCHWARTZMAN, Steve. *Polonoroeste: a fronteira do desmatamento acelerado*, nº 244-245, p. 20-21.
- AZEVEDO, Dermi. *Yanomami: o perigo do extermínio*, nº 240, p. 27-28.
- CARTA dos parlamentares aos povos indígenas reunidos em Altamira (Altamira, 24/2/89), nº 244-245, p. 4, encarte.
- CICLO DE DEBATES SOBRE ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO PARA A AMAZÔNIA (2º, 6-8/4/89, Manaus). *Documento final*, nº 244-245, p. 15-19, encarte.
- CICLO DE DEBATES SOBRE HIDRELÉTRICAS NA AMAZÔNIA (1º, 29/8-1/9/88, Belém). *Carta da Amazônia*, nº 244-245, p. 2-3, encarte.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *PROFFAO: o "Calha Sul"*, nº 244-245, p. 26-27.
- CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS & UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS. *Declaração dos povos da floresta*, nº 244-245, p. 14, encarte.
- CPI da Amazônia, nº 244-245, p. 27.
- ENCONTRO DOS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA (1º, agosto de 1989, Manaus). *Documento dos empresários*, nº 244-245, p. 20, encarte.
- EQUIPE PIB/CEDI. *Fundação Mata Virgem está institucionalizada no Brasil*, nº 244-245, p. 26-27.
- FEARNSIDE, Philip M. *Como frear o desmatamento*, nº 244-245, p. 8-12.
- GROSS, Tony. *Floresta em pé é mais negócio*, nº 244-245, p. 29.
- LA CECLA, Franco. *Is Amazonia so entertaining?*, nº 244-245, p. 38-39.
- LOURENÇO, Alberto. *Amazônia é um grande garimpo*, nº 244-245, p. 18-19.
- MOREIRA, Memélia. *A estratégia do genocídio*, nº 244-245, p. 13-17.
- OLIVEIRA, Antonio C. Alves de & BORN, Rubens Harry. *Programa Nossa Natureza: epílogo congressual*, nº 244-245, p. 29-30.
- PINTO, Lúcio Flávio. *Decálogo da Amazônia*, nº 244-245, p. 5-7.
- RAMOS, Alcida. *A vida do povo Yanomami*, nº 240, p. 29-30.
- RICARDO, Carlos Alberto. *Milton Nascimento no Juruá*, nº 244-245, p. 25.
- ROSA, Luiz Pinguelli. *Impasses e perspectivas do planejamento energético na Amazônia*, nº 244-245, p. 35-37.

- ROCHA, Juliana Ferraz da. *Os presidenciais e a Amazônia*, nº 244-245, p. 43-45.
- . *A década da destruição*, nº 244-245, p. 46.
- SANTILLI, Márcio. *Tratado de cooperação amazônica: um instrumento diplomático a serviço da retórica nacionalista*, nº 244-245, p. 40-41.
- SEMINÁRIO "PLANEJAMENTO E GESTÃO NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE RESERVAS EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA" (12-16/9/1988, Curitiba). *Carta de Curitiba: documento final do seminário*, nº 244-245, p. 6-9, encarte.
- Uma trégua ecológica para a Amazônia*, nº 244-245, p. 3-4, encarte.

### AMÉRICA LATINA

- BERNARDES, Cristina Retroz. *Os caminhos da paz da América Central*, nº 242, p. 20-22.
- CARLOS, Newton. *A difícil abertura democrática*, nº 242, p. 11-12.
- CASALDÁLIGA, Pedro, bispo. *CEBs reforçam solidariedade* — entrevista a Dermi Azevedo e Dimas Künsch, nº 242, p. 36-37.
- CASTILHO, Carlos. *A década perdida*, nº 242, p. 9-10.
- COMISSÃO DE EDUCAÇÃO DA ESQUERDA UNIDA. *Escola: espaço de hegemonia popular*, nº 238, p. 29-32.
- DROGAS: *repressão contraditória*, nº 239, p. 30.
- EL SALVADOR: *corrente de esperança*, nº 248, p. 30-31.
- HINKELAMMERT, Franz J. *A privatização das funções do Estado*, nº 241, p. 31-32.
- MENDEZ, Héctor. *A Igreja em Cuba* — entrevista a Gilberto Nascimento, nº 242, p. 33.
- NASCIMENTO, Gilberto. *Os desafios da América Latina*, nº 242, p. 23-26.
- PEREIRA, Mauricio Broinizi. *Movimento sindical na América Latina*, nº 247, p. 15-17.
- POVOS Indígenas antes da chegada do branco, nº 242, p. 29-30.
- PRINCIPAIS organismos do continente, nº 247, p. 16-17.
- RICHARD, Pablo. "O futuro é difícil, mas há esperanças" — entrevista a Flávio Irala, nº 242, p. 31-33.
- SADER, Emir. *Nicarágua: o peso da guerra*, nº 240, p. 31-32.
- SANTA ANA, Julio de. *Referências para entender a América Latina*, nº 242, p. 13-15.
- SANT'ANA, Antonio Olimpio de. *O negro latino americano*, nº 242, p. 26-27.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Bravos movimentos de resistência*, nº 242, p. 7-8.
- SCHILLING, Paulo R. *Projetos integracionistas na América Latina*, nº 242, p. 16-19.
- SCHWANTES, Milton. *No conflito de interpretações*, nº 242, p. 34-35.
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Dos desafios às alternativas históricas*, nº 242, p. 4-6.
- VIGIL, José Maria. *Refugiados guatemaltecos pedem solidariedade internacional*, nº 247, p. 30-32.
- WEFFORT, Francisco. *Incertezas da transição democrática*, nº 246, p. 35-38.

### ASSUNTOS DIVERSOS

- DROGAS: *repressão contraditória*, nº 239, p. 30.
- OLIVEIRA, Nelson de & CARVALHO, Marieta Regina de. *Memória: do silêncio ao banco de dados*, nº 247, p. 11-12.
- RIBEIRO, Lucia. *Sexualidade: em busca de uma nova ética*, nº 248, p. 16-18.
- SIMONETTI, Cecilia. *Sexualidade: atropelos do prazer*, nº 240, p. 15-16.

### BÍBLIA

- GARCIA, Paulo Roberto. *Os mansos herdarão a terra*, nº 243, p. 37-38.
- MEINCKE, Silvio. *Cuidemos do que Deus criou*, nº 246, p. 39-40.
- PADILHA, Anivaldo & GARCIA, Paulo Roberto. *Servir a Javé ou a outros deuses?*, nº 242, p. 41-42.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Na resistência das parteiras*, nº 248, p. 32-34.
- SAMPAIO, Tânia Maria Vieira. *Rute e Noemi: coragem em tempos de crise*, nº 241, p. 33-34.
- SCHWANTES, Milton. *No conflito de interpretações*, nº 242, p. 34-35.
- . *O direito do órfão*, nº 247, p. 33-34.
- . *"Tudo pelo socia?!"*, nº 239, p. 33-34.
- VÁZ, Jane Falconi Ferreira. *Educação: caminho inacabado*, nº 238, p. 33-34.
- ZWETSCH, Roberto E. *O clamor indígena e os sinais dos tempos*, nº 240, p. 33-34.

### CATOLICISMO

- BEOZZO, José Oscar. *Agudização dos conflitos*, nº 246, p. 42.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA et al. *Autoritarismo ou comunhão na Igreja?*, nº 246, p. 41.
- GUIMARÃES, Paulo Vicente. *A crise da educação católica no Brasil*, nº 238, p. 24-26.
- MARTINS, José de Souza. *Desencontros políticos da Igreja Católica no campo*, nº 243, p. 26-29.
- RICHARD, Pablo. "O futuro é difícil, mas há esperanças" — entrevista a Flávio Irala, nº 242, p. 31-32.

### CEBs

- CASALDÁLIGA, Pedro, bispo. *CEBs reforçam solidariedade* — entrevista a Dermi Azevedo e Dimas Künsch, nº 242, p. 36-37.
- ENCONTRO INTERECLESIAL DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (7º, 10-14/7/89, Duque de Caxias). *Carta do 7º Encontro*, nº 243, 4 p., encarte.
- FREI BETTO (CHRISTO, Carlos Alberto Libânio). *CEBs em clima de revolução francesa*, nº 243, p. 34.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *CEBs: articulação em tempo de conflito*, nº 239, p. 26-27.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Ecumenismo, solidariedade e esperança: 7º Intereclesial das CEBs*, nº 243, p. 30-33.

## COMUNICAÇÃO

CUNHA, Carlos & TEIXEIRA, Xico. "Tevê-tengana", nº 246, p. 27-28.

## CONJUNTURA

NASCIMENTO, Gilberto. *Os desafios da América Latina*, nº 242, p. 23-26.

## CONSTITUINTE/CONSTITUIÇÃO

BRAGA, Douglas G. *Organização sindical na nova constituição*, nº 247, p. 6-8.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Partidos, constituição e eleições*, nº 246, p. 33-34.

## DEMOCRACIA

CARLOS, Newton. *A difícil abertura democrática*, nº 242, p. 11-12.

FERNANDES, Florestan. *Eleições e democracia*, nº 246, p. 31-32.

NASCIMENTO, Gilberto. *Os desafios da América Latina*, nº 242, p. 23-26.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Autoritarismo depois da ditadura*, nº 246, p. 4-6.

SANTA ANA, Julio de. *Referências para entender a América Latina*, nº 242, p. 13-15.

## DISCRIMINAÇÃO

SANT'ANA, Antonio Olimpio de. *O negro latino-americano*, nº 242, p. 26-27.

## DÍVIDA EXTERNA

ARRUDA, Carlos. *Brasil: economia estatizada ou Estado privatizado*, nº 241, p. 7-10.

GARCIA, Paulo Roberto Salles. *Nossa dívida externa é inconstitucional*, nº 247, p. 22-23.

RAMALHO, Jether Pereira. *Igrejas e dívida externa*, nº 241, p. 23-24.

"SOMOS co-responsáveis pelos destinos da nação", nº 241, p. 25-26.

SANTA ANA, Júlio de. *Referências para entender a América Latina*, nº 242, p. 13-15.

## ECOLOGIA/MEIO AMBIENTE

ARNT, Ricardo & SCHWARTZMAN, Steve. *Polonoroeste: a fronteira do desmatamento acelerado*, nº 244-245, p. 20-21.

CICLO DE DEBATES SOBRE HIDRELÉTRICAS NA AMAZÔNIA (1º, 29/8-1/9/88, Belém). *Carta da Amazônia*, nº 244-245, p. 2-3, encarte.

FEARNSIDE, Philip M. *Como frear o desmatamento*, nº 244-245, p. 8-12.

GROSS, Tony. *Floresta em pé é mais negócio*, nº 244-245, p. 29.

LA CECLA, Franco. *Is Amazonia so entertaining?*, nº 244-245, p. 38-39.

OLIVEIRA, Antonio C. Alves de & BORN, Rubens Harry. *Programa Nossa Natureza: epílogo congressual*, nº 244-245, p. 29-30.

PINTO, Lúcio Flávio. *Decálogo da Amazônia*, nº 244-245, p. 5-7.

RIPPER, João Roberto. *Carajás: a floresta em perigo*, nº 239, p. 22-25.

ROCHA, Juliana Ferraz da. *Andamento do processo Chico Mendes*, nº 244-245, p. 28. A década da destruição, nº 244-245, p. 46.

UMA TRÉGUA ecológica para a Amazônia, nº 244-245, p. 3-4, encarte.

VIANNA, Aurélio. *Estado e meio ambiente: a implantação de hidrelétrica e o Rima*, nº 243, p. 12-14.

WALDMAN, Maurício. *Povos da floresta resistem à devastação*, nº 241, p. 28-30.

## ECONOMIA

ARRUDA, Marcos. *Brasil: economia estatizada ou Estado privatizado*, nº 241, p. 7-10.

ASSMANN, Hugo. *Armadilhas teológicas da América Latina*, nº 241, p. 21-22.

CASTILHO, Carlos. *A década perdida*, nº 242, p. 9-10.

HINKELAMMERT, Franz J. *A privatização das funções do Estado*, nº 241, p. 31-32.

LAGÔA, Ana. *Estratégias de sobrevivência*, nº 241, p. 14-16.

MERCADANTE OLIVA, Aloizio. *Economia brasileira: por uma utopia concreta*, nº 241, p. 4-6.

PEREIRA, Mauricio Broinizi & OLIVEIRA, Rita de Cassia Alves. *Ambulantes: a organização supera desafios*, nº 241, p. 17-20.

SCHILLING, Paulo R. *Projetos integracionistas na América Latina*, nº 242, p. 16-19.

SILVA, Luis Francisco. *A lógica perversa das relações econômicas*, nº 246, p. 16-18.

SOUZA, Herbert de. *Economia submersa, solução perversa*, nº 241, p. 11-13.

## ECUMENISMO

DIAS, Zwinglio Mota. *Indianópolis: dois mundos, uma missão*, nº 248, p. 29.

DOCUMENTO Kairós: heresia no cristianismo de direita, nº 247, p. 29.

DOM Mauro Morelli visita o CMI, nº 247, p. 29.

EL SALVADOR: corrente de esperança, nº 248, p. 30-31.

ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBs (7º, 10-14/7/89, Duque de Caxias). *Carta do 7º Encontro*, nº 243, 4 p., encarte.

HISTÓRIAS entrelaçadas, nº 248, p. 26.

MUDANÇAS sócio-religiosas no Brasil, nº 248, p. 27-28.

OLIVEIRA, Orlando Santos de. *Cristãos celebram luta pela justiça*, nº 242, p. 38-40.

POLETO, Ivo. *Convite ao diálogo*, nº 239, p. 32.

RAISER, Konrad. *A situação do movimento ecumênico*, nº 243, p. 35-36.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Ecumenismo, solidariedade e esperança: 7º Encontro Intereclesial das CEBs*, nº 243, p. 30-33.

## EDUCAÇÃO

ARROYO, Miguel G. *Um balanço positivo para os setores populares*, nº 238, p. 4-6.

BALDIJÃO, Carlos Eduardo. "Autonomia é fundamental" — entrevista a Orlando Jôia e Elie Ghanem, nº 238, p. 22-23.

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO DA ESQUERDA UNIDA. *Escola: espaço de hegemonia popular*, nº 238, p. 29-32.

GHANEM, Elie. *Professores: avanços na luta*, nº 238, p. 19-21.

GUIMARÃES, Paulo Vicente. *A crise da educação católica no Brasil*, nº 238, p. 24-26.

HARA, Regina. *Movimento popular: os alfabetizadores de adultos*, nº 238, p. 11-12.

LIMA, José. *Lição de casa*, nº 238, p. 27-28.

RAINHO, Luis Flávio. *Uma nova rede de ensino*, nº 238, p. 16-18.

SIQUEIRA, Maria Clara di Pierro. *Brasil ano 2000: sem adultos analfabetos?*, nº 238, p. 9-10.

TIRIBA, Léa. *Por que escolas comunitárias*, nº 238, p. 13-15.

VAZ, Jane Falconi Ferreira. *Educação: caminho inacabado*, nº 238, p. 33-34.

VIEIRA, Evaldo. *Educação, cultura e democracia*, nº 238, p. 7-8.

## ESTADO

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. "O tempo dos primeiros encontros", nº 244-245, p. 22-24.

ÁREAS reservadas para quê?, nº 244-245, p. 31.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. PROFFAO: o "Calha Sul", nº 244-245, p. 26-27.

FRANCO, Mariana Pantoja. *Associativismo: assentamentos e relação com o Estado*, nº 243, p. 15-16.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Questão agrária, Estado e democracia* — entrevista a Leonilde Sêrvolo Medeiros e Mariana Pantoja Franco, nº 243, p. 17-20.

HINKELAMMERT, Franz J. *A privatização das funções do Estado*, nº 241, p. 31-32.

NOVAES, José Roberto Pereira. *Cana-de-açúcar e Estado: novos elementos de uma velha amizade*, nº 243, p. 21-23.

NOVAES, Regina C. Reyes. *Sindicalismo e Estado: aspectos de uma disputa política*, nº 243, p. 4-6.

RIPPER, João Roberto. *Carajás: a floresta em perigo*, nº 239, p. 22-25.

SANTILLI, Márcio. *Tratado de cooperação amazônica: um instrumento diplomático a serviço da retórica nacionalista*, nº 244-245, p. 40-41.

VIANNA, Aurélio. *Estado e meio ambiente: a implantação de hidrelétricas e o Rima*, nº 243, p. 12-14.

VILARINHO, Carlyle. *Nem reforma agrária nem tributação da terra*, nº 243, p. 10-11.

## GARIMPEIROS

AZEVEDO, Dermi. *Yanomami: o perigo do extermínio*, nº 240, p. 27-28.

LOURENÇO, Alberto. *Amazônia é um grande garimpo*, nº 244-245, p. 18-19.

RAMOS, Alcida. *A vida do povo Yanomami*, nº 240, p. 29-30.



## HIDRELÉTRICAS

CICLO DE DEBATES SOBRE HIDRELÉTRICAS NA AMAZÔNIA (1º, 29/8-1/9/88, Belém). *Carta da Amazônia*, nº 244-245, p. 2-3, encarte.

ENCONTRO NACIONAL DE TRABALHADORES ATINGIDOS POR BARRAGENS (1º, 19-21/4/89, Goiânia). *Carta de Goiânia*, nº 244-245, p. 14, encarte.

ROSA, Luiz Pinguelli. *Impasses e perspectivas do planejamento energético na Amazônia*, nº 244-245, p. 35-37.

VIANNA, Aurélio. *Estado e meio ambiente: a implantação de hidrelétricas e o Rima*, nº 243, p. 12-14.

## IGREJA CATÓLICA: Ver CATOLICISMO

## IGREJA PROTESTANTE: Ver PROTESTANTISMO

## IGREJAS

ENCONTRO INTERECLESIAL DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (7º, 10-14/7/1989, Duque de Caxias). *Carta do 7º Encontro*, nº 243, 4 p., encarte.

MENDEZ, Héctor. *A Igreja em Cuba — entrevista a Gilberto Nascimento*, nº 242, p. 33.

OLIVEIRA, Rosângela S. de. *Mulher pastora, e por que não?*, nº 248, p. 22-23.

RAMALHO, Jether Pereira. *Igrejas e dívida externa*, nº 241, p. 23-24.

“SOMOS co-responsáveis pelos destinos da nação”, nº 241, p. 25-26.

## INDÚSTRIA BÉLICA

BARROS, Ruy de Góes Leite de. *Trabalhadores e crise do armamentismo*, nº 247, p. 20-21.

## JUVENTUDE

ABRAMO, Helena Wendel. *Lazer: os embalos de sábado à noite*, nº 240, p. 6-8.

AZZI, Lúcia Helena Gama. *Hare Krishna: o sonho acabou?*, nº 240, p. 23-25.

CONSCIÊNCIA no trabalho, nº 240, p. 14.

DI LORETO, Oswaldo. *Onde começa a delinquência?*, nº 240, p. 19-22.

MADEIRA, Felícia Reicher. *Trabalho: a roda viva do mercado*, nº 240, p. 9-12.

PIVA, Marco Antonio. *Política: a participação que decide*, nº 240, p. 13-14.

RELIGIÃO: caminhos de esperança, nº 240, p. 24-25.

REZENDE, Cláudia Barcellos. *Identidade: o que é ser jovem?*, nº 240, p. 4-5.

SIMONETTI, Cecília. *Sexualidade: atropelos do prazer*, nº 240, p. 15-16.

VIDA de militante, nº 240, p. 14.

ZALVAR, Alba. *Criminalidade e pobreza*, nº 240, p. 17-18.

## MEIO AMBIENTE: Ver ECOLOGIA/MEIO AMBIENTE

## MENOR/CRIANÇA

COSTA, Antonio C. Gomes da. *Crianças e adolescentes: no terreno baldio das políticas sociais*, nº 246, p. 22-24.

DI LORETO, Oswaldo. *Onde começa a delinquência?*, nº 240, p. 19-22.

## MILITARISMO

ÁREAS reservadas para quê?, nº 244-245, p. 31.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. PROFAO: o “Calha Sul”, nº 244-245, p. 26-27.

## MOVIMENTO CAMPONÊS

ALEGGRI, Ermanno & NEIVA, Inez Ethne Gontijo. *Latifúndio: sinônimo de violência*, nº 239, p. 15.

BRUNO, Regina. A “besta-fera” da modernidade, nº 239, p. 10-12.

FRANCO, Mariana Pantoja. *Associativismo: assentamentos e relação com o Estado*, nº 243, p. 15-16.

NEVES, Hélio. *A luta dos canavieiros — entrevista a Francisco J. da C. Alves*, nº 243, p. 24-25.

## MOVIMENTO OPERÁRIO E SINDICAL

BALCÃO, Nilde. *Tempo de redefinições*, nº 247, p. 4-5.

DELGADO, Maria Berenice G. *Relação difícil mas promissora*, nº 248, p. 14-15.

DULCI, Luiz. *Prefeituras populares e movimento sindical*, nº 247, p. 13-14.

GHANEM, Elie. *Professores: avanços na luta*, nº 238, p. 19-21.

OLIVEIRA, Nelson de & CARVALHO, Marieta Regina de. *Memória: do silêncio ao banco de dados*, nº 247, p. 11-12.

PEREIRA, Mauricio Broinizi. *Movimento sindical na América Latina*, nº 247, p. 15-17.

PRINCIPAIS organismos do continente, nº 247, p. 16-17.

RAINHO, Luís Flávio. *Uma nova rede de ensino*, nº 238, p. 16-18.

VASCONCELOS, José Domingos Teixeira. *Cultura sindical: dignidade e ilusão de onipotência*, nº 247, p. 9-10.

## MOVIMENTOS POPULARES

HARA, Regina. *Movimento popular: os alfabetizadores de adultos*, nº 238, p. 11-12.

RAINHO, Luís Flávio. *Uma nova rede de ensino*, nº 238, p. 16-18.

TIRIBA, Léa. *Por que escolas comunitárias*, nº 238, p. 13-15.

## MULHER

DELGADO, Maria Berenice G. *Relação difícil mas promissora*, nº 248, p. 14-15.

FACIO, Alda. *Direitos na contramão*, nº 248, p. 12-13.

GEBARA, Ivone. *Corpo: novo ponto de partida da teologia*, nº 248, p. 19-21.

HEILBORN, Mahlu. *Faces da mesma moeda*, nº 248, p. 4-5.

HISTÓRIAS entrelaçadas, nº 248, p. 26.

LOBO, Elizabeth Souza. *Uma nova identidade*, nº 248, p. 8-9.

MARASCHIN, Jaci. *A teologia da mãe de Jesus*, nº 248, p. 24-25.

OLIVEIRA, Rosângela S. de. *Mulher pastora, e por que não?*, nº 248, p. 22-23.

REZENDE, Maria Valéria Vasconcelos. *Poder dividido, poder multiplicado*, nº 248, p. 10-11.

RIBEIRO, Lucia. *Sexualidade: em busca de uma nova ética*, nº 248, p. 16-18.

VIEZZER, Moema. *Movimentos feministas, movimentos de mulheres*, nº 248, p. 6-7.

## PACIFISMO

BERNARDES, Cristina Retroz. *Os caminhos da paz da América Central*, nº 242, p. 20-22.

## POLÍTICA

ARNT, Ricardo & SCHWARTZMAN, Steve. *Polonoroeste: a fronteira do desmatamento acelerado*, nº 244-245, p. 20-21.

DULCI, Luiz. *Prefeituras populares e movimento sindical*, nº 247, p. 13-14.

FERNANDES, Florestan. *Eleições e democracia*, nº 246, p. 31-32.

PIVA, Marco Antônio. *Política: a participação que decide*, nº 240, p. 13-14.

ROCHA, Juliana Ferraz da. *Os presidencialistas e a Amazônia*, nº 244-245, p. 43-45.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Partidos, constituição e eleições*, nº 246, p. 33-34.

## POVOS INDÍGENAS

AZEVEDO, Dermi. *Yanomami: o perigo do extermínio*, nº 240, p. 27-28.

CARTA dos parlamentares aos povos indígenas reunidos em Altamira, 24/02/89), nº 244-245, p. 4, encarte.

CICLO DE DEBATES SOBRE ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO PARA A AMAZÔNIA (2º, 6-8/4/89, Manaus). *Documento final*, nº 244-245, p. 15-19, encarte.

CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS & UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS. *Declaração dos povos da floresta*, nº 244-245, p. 14, encarte.

DECLARAÇÃO indígena (Altamira, fevereiro de 1989), nº 244-245, p. 5, encarte.

MOREIRA, Memélia. *A estratégia do genocídio*, nº 244-245, p. 13-17.

POVOS indígenas antes da chegada do branco, nº 242, p. 29-30.

RAMOS, Alcida. *A vida do povo Yanomami*, nº 240, p. 29-30.

WALDMAN, Mauricio. *Povos da floresta resistem à devastação*, nº 241, p. 28-30.

YANOMAMI, David Kopenawa. *A todos os povos da floresta*, nº 244-245, p. 14-17.

ZWETSCH, Roberto E. *O clamor indígena e os sinais dos tempos*, nº 240, p. 33-34.

## PROTESTANTISMO

- KRUTSCKA, Tânia. *Brasil sedia Assembléia da FLM*, n° 247, p. 27-28.  
LIMA, José. *Lição de Casa*, n° 238, p. 27-28.

## QUESTÃO AGRÁRIA

- ESTAS pessoas podem morrer, n° 239, p. 16-17.  
FRANCO, Mariana Pantoja. *Associativismo: assentamentos e relação com o Estado*, n° 243, p. 15-16.  
GRZYBOWSKI, Cândido. *Questão agrária, Estado e democracia* — entrevista a Leonilde Sérvolo Medeiros e Mariana Pantoja Franco, n° 243, p. 17-20.  
MARTINS, José de Souza. *Desencontros políticos da Igreja Católica no campo*, n° 243, p. 26-29.  
NOVAES, José Roberto Pereira. *Cana-de-açúcar e Estado: novos elementos de uma velha amizade*, n° 243, p. 21-23.  
VILARINHO, Carlyle. *Nem reforma agrária nem tributação da terra*, n° 243, p. 10-11.

## RELIGIÃO

- RELIGIÃO: caminhos de esperança, n° 240, p. 24-25.

## SERINGUEIROS

- ALEGRETTI, Mary Helena. *Reservas extrativistas: desafios à sua implantação*, n° 244-245, p. 32-34.  
ALMEIDA, Mauro. *A luta dos seringueiros*, n° 239, p. 20-21.  
— *Reserva extrativista do rio Tejo*, n° 244-245, p. 28.  
CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS & UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS. *Declaração dos povos da floresta*, n° 244-245, p. 14, encarte.  
ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS (2º, 25-31/2-89, Rio Branco). *Documento final*, n° 244-245, p. 12-13, encarte.  
PIVA, Marco Antonio. *Júlio Barbosa de Aquino: na estrada de Chico Mendes*, n° 239, p. 19.  
SEMINÁRIO "PLANEJAMENTO E GESTÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE RESERVAS EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA" (12-16/9/88, Curitiba). *Carta de Curitiba: documento final do seminário*, n° 244-245, p. 6-9, encarte.  
WALDMAN, Maurício. *Povos da floresta resistem à devastação*, n° 241, p. 28-30.

## SINDICALISMO

- BARGAS, Osvaldo Martines. *"Devemos priorizar as relações sindicais com a América Latina"* — entrevista a Ruy de Góes Leite de Barros, n° 247, p. 18-19.  
BRAGA, Douglas G. *Organização sindical na nova Constituição*, n° 247, p. 6-8.  
VASCONCELOS, José Domingos Teixeira. *Cultura sindical: dignidade e ilusão de onipotência*, n° 247, p. 9-10.

## SINDICALISMO RURAL

- MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. *Questões sobre o sindicalismo rural*, n° 243, p. 7-9.  
NOVAES, Regina C. Reyes. *Sindicalismo e Estado: aspectos de uma disputa política*, n° 243, p. 4-6.

## SOLIDARIEDADE

- CASALDÁLIGA, Pedro, bispo. *CEBs reforçam solidariedade* — entrevista a Dermi Azevedo e Dimas Künsch, n° 242, p. 36-37.  
EL SALVADOR: corrente de esperança, n° 248, p. 30-31.  
VIGIL, José Maria. *Refugiados guatemaltecos pedem solidariedade internacional*, n° 247, p. 30-32.

## TEOLOGIA

- ASSMANN, Hugo. *Armadilhas teológicas da América Latina*, n° 241, p. 21-22.  
GEBARA, Ivone. *Corpo: novo ponto de partida da teologia*, n° 248, p. 19-21.  
MARASCHIN, Jaci. *A teologia da mãe de Jesus*, n° 248, p. 24-25.

## TRABALHO/TRABALHADORES

- BARROS, Ruy de Góes L. de. *Trabalhadores e crise do armamentismo*, n° 247, p. 20-21.  
LACAZ, Francisco A. de Castro & SATO, Leny. *Acidentes e doenças no mundo do trabalho*, n° 246, p. 19-21.  
MADEIRA, Felícia Reicher. *Trabalho: a roda viva do mercado*, n° 240, p. 9-12.  
PEREIRA, Mauricio Broinizi & OLIVEIRA, Rita de Cassia Alves. *Ambulantes: a organização supera desafios*, n° 241, p. 17-20.  
SOUZA, Herbert de. *Economia submersa, solução perversa*, n° 241, p. 11-13.

## UDR

- ALLEGRI, Ermano & NEIVA, Inez Ethne Gontijo. *Latifúndio: sinônimo de violência*, n° 239, p. 15.  
BRUNO, Regina. *A "besta-fera" da modernidade*, n° 239, p. 10-12.  
COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *Direita rural sonha mais alto*, n° 239, p. 13-14.  
O MILITANTE uderista, n° 239, p. 8.  
SILVA, José Gomes da. *UDR: surgimento, bandeiras e perspectivas*, n° 239, p. 4-9.  
A VIDA por um fio, n° 239, p. 18.

## VIOLÊNCIA

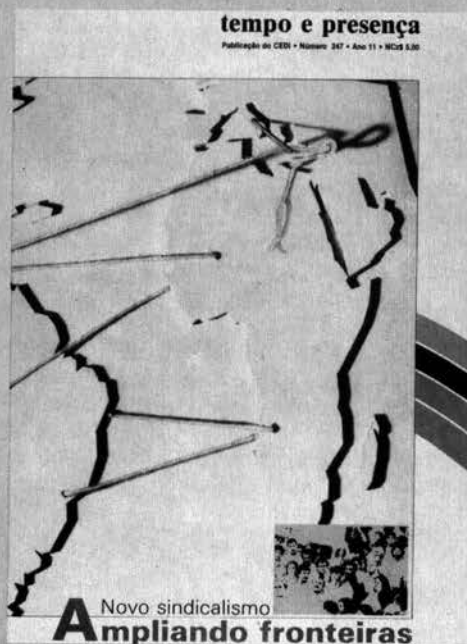
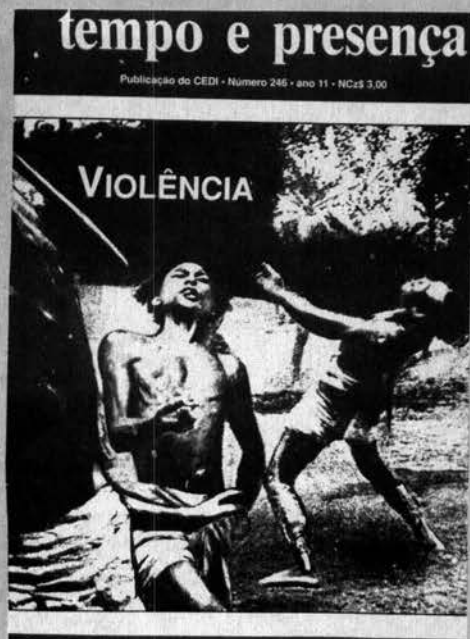
- ADORNO, Sérgio. *"O Brasil é um país violento"*: entrevista a Oscar de Paula, n° 246, p. 11-15.  
ALLEGRI, Ermano & NEIVA, Inez Ethne. *Latifúndio: sinônimo de violência*, n° 239, p. 15.  
ALVES, Rubem. *Violência*, n° 246, p. 8-10.  
BRUNO, Regina. *A "besta-fera" da modernidade*, n° 239, p. 10-12.  
COSTA, Antonio C. Gomes da. *Crianças e adolescentes: no terreno baldio das políticas sociais*, n° 246, p. 22-24.

- CUNHA, Carlos & TEIXEIRA, Xico. *"Te-vê-tengana"*, n° 246, p. 27-28.  
DI LORETO, Oswaldo. *Onde começa a delinqüência?*, n° 240, p. 19-22.  
ESTAS pessoas podem morrer, n° 239, p. 16-17.  
LACAZ, Francisco A. de Castro & SATO, Leny. *Acidentes e doenças no mundo do trabalho*, n° 246, p. 19-21.  
MORELLI, Mauro, bispo. *Baixada fluminense: humilhação, gemidos e esperanças!*, n° 246, p. 25-26.  
PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Autoritarismo depois da ditadura*, n° 246, p. 4-6.  
PIVA, Marco Antonio. *Júlio Barbosa de Aquino: na estrada de Chico Mendes*, n° 239, p. 19.  
ROCHA, Juliana Ferraz da. *Andamento do processo Chico Mendes*, n° 244-245, p. 28.  
SADER, Emir. *Cultura da violência*, n° 246, p. 6-7.  
SCHWANTES, Milton. *"Toda a criação geme e suporta angústias"*, n° 246, p. 29-30.  
SILVA, José Gomes da. *UDR: surgimento, bandeiras e perspectivas*, n° 239, p. 4-9.  
SILVA, Luis Francisco. *A lógica perversa das relações econômicas*, n° 246, p. 16-18.  
A VIDA por um fio, n° 239, p. 18.  
WEFFORT, Francisco. *Incertezas da transição democrática*, n° 246, p. 35-38.  
ZALVAR, Alba. *Criminalidade e pobreza*, n° 240, p. 17-18.

## RESENHAS

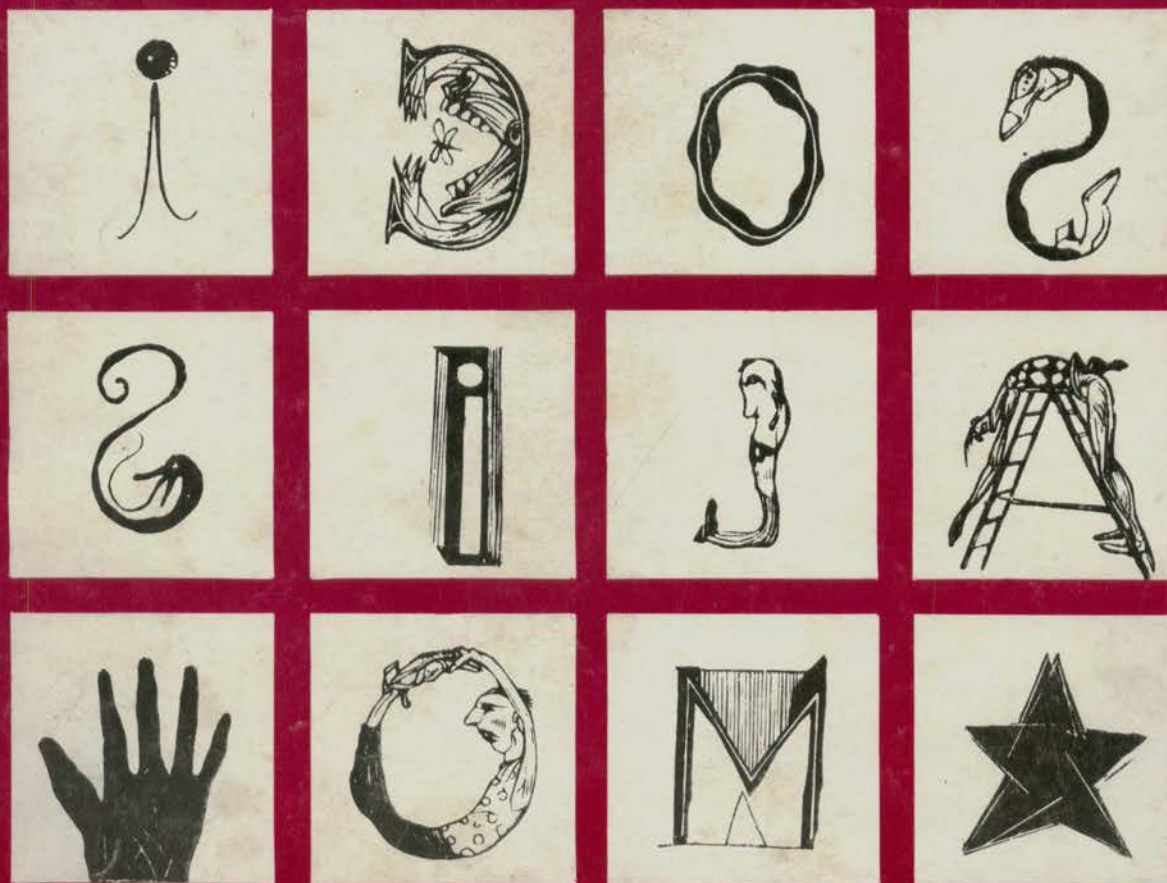
- BARROS, Marcelo de & CARAVIAS, José L. *Teologia da terra*. Petrópolis, Vozes, 1988, 440 p., n° 243, p. 39.  
CEDI. *Dívida externa e Igrejas: uma visão ecumênica*. São Paulo, CEDI, 1989, 268 p., n° 240, p. 35.  
MARASCHIN, Jaci. *O espelho e a transparência — o credo Niceno-Constantinopolitano e a teologia latino-americana*. Rio de Janeiro, CEDI, 1989, 272 p., n° 246, p. 43.  
RAMALHO, José Ricardo. *Estado-patrão e luta operária: o caso FNM*. São Paulo, Paz e Terra, 1989, 244 p., n° 247, p. 35.  
RIBEIRO, Vera Masagão, org. *Participação popular e escola pública: movimentos populares, associações de pais e mestres, conselhos de escola e grêmios estudantis*. Cadernos do CEDI (19). São Paulo, CEDI, 1989, 77 p., n° 241, p. 35.  
SOARES, Ismar de Oliveira. *Do santo ofício à libertação*. São Paulo, Paulinas, 1989, 400 p., n° 239, p. 35.  
TORRES, Rosa Maria. *Discurso e prática em educação popular*. Ijuí, Unijuí, 1988, 89 p., n° 238, p. 35.  
TRANSIÇÕES políticas na América Latina. Lua Nova — Revista de Cultura e Política. São Paulo, CEDEC (16), 224 p., março 1989, n° 242, p. 43.  
VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo, Cortez, 1989, 174 p., n° 248, p. 35.





**A** semente do futuro está na democratização que vem de baixo, com a participação popular. Os países do Terceiro Mundo devem fortalecer esse processo e não olhar para o tipo de socialismo burocrático que existia no leste europeu.

**Ulrich Duchrow**



**O** falecido bloco soviético tinha pelo menos uma virtude essencial: não se alimentava da pobreza dos pobres, não participava do saque no mercado internacional capitalista e, em compensação, ajudava a financiar a justiça em Cuba, na Nicarágua e em muitos outros países. Eu suspeito que isto será, daqui a pouco, recordado com nostalgia.

**Eduardo Galeano**